



Curso Novo

(1923)

León Trotsky

FCM

Tradução de Florence Carboni

Curso Novo (1923)

León Trotsky

Curso Novo (1923)

Tradução de Florence Carboni
Apresentação de Mário Maestri
Revisão de Nara Helena N. Machado



2023

Copyright© do autor

Revisão

Nara Helena N. Machado

Tradução

Florence Carboni

Design Gráfico

Sirlete Regina da Silva

**Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)**

Trótsky, Leon, 1879-1940

Curso Novo : 1923 / Leon Trótsky ; tradução de
Florence Carboni. -- 1. ed. -- Porto Alegre, RS :
FCM Editora, 2023.

ISBN 978-65-87681-09-2

1. Artigos - Coletâneas 2. Ciência política
3. Socialismo - História 4. Stalinismo - História
5. Trotskismo - História 6. União Soviética (URSS) -
História 7. União Soviética - Política e governo
I. Título.

23-146204

CDD-320.5323

Índices para catálogo sistemático:

1. Trotskismo : Ciência política 320.5323

Henrique Ribeiro Soares - Bibliotecário - CRB-8/9314

SUMÁRIO

CURSO NOVO

Marco zero da luta contra a burocracia.....	7
<i>Mário Maestri</i>	
INTRODUÇÃO DO EDITOR	39
PREFÁCIO	49
I – A questão das gerações no partido.....	53
II – A composição social do partido	62
III – Grupos e formações fracionais	69
IV – O Burocratismo e a Revolução	81
(Plano de um relatório que o autor não pôde apresentar).....	81
V – Tradição e política revolucionária	89
VI – A “subestimação” do campesinato.....	101
VII – O Plano na economia.....	111
(“A Instrução nº 1042”)	111
ANEXOS.....	129

CURSO NOVO

Marco zero da luta contra a burocracia

A conquista do poder no Império Tzarista, por operários, soldados e camponeses dirigida pelo Partido Bolchevique deu-se com pouco derramamento de sangue.¹ Os socialistas-revolucionários de esquerda participaram do primeiro governo, apoiado nos sovietes. O Império Russo fora golpeado duramente pela guerra interimperialista de 1914-1918, para a qual não estava preparado. Dos seus mais de cem milhões de habitantes, dois milhões morreram e cinco milhões foram feridos e inutilizados no conflito.² Em 1918, com o fim do conflito mundial, o apenas surgido Estado operário sofreu terrível ofensiva imperialista por parte da Inglaterra, França, Estados Unidos, Itália, China, Alemanha, Império Otomano, Polônia, Romênia, Áustria, Tcheco-Eslováquia, Finlândia, Grécia, que financiaram as forças contra-revolucionárias internas. Esperava-se esmagar a revolução que ameaçava se espalhar pelo mundo. Sob a direção de León Trotsky (1879-1940), construiu-se o Exército Vermelho. Com as sucessivas vitórias das armas soviéticas e a ameaça da revolução na Alemanha, Áustria, Itália, Hungria, etc., os estados imperialistas aceitaram a derrota e impuseram o bloqueio econômico à URSS, a “Cortina de Ferro” de Winston Churchill. A Guerra Civil vergastou o jovem Estado operário de 2018 a 2023.

¹ TROTSKY, León. *Histoire de la révolution russe*. Paris: Seuil, sd. 2. vol.; REED, John. *Dez dias que abalaram o mundo*. São Paulo: Global, 1984; LUXEMBURG, Rosa. *A Revolução Russa*. Petrópolis: Vozes, 1991.

² SERGE, Victor. *O ano I da Revolução Russa*. Brasília: Ensaio, 1993.

Na Rússia soviética, o que escapara à guerra mundial, foi fortemente golpeado pela Guerra Civil. Lenin lembrava a honra e a desgraça da primeira revolução socialista ter ocorrido na mais atrasada sociedade europeia. Durante a Guerra Civil, o governo bolchevique impôs o “Comunismo de Guerra”, *vampirizando* a economia de um país profundamente anêmico, para defender-se da contra-revolução. Arrancavam-se dormentes das estradas de ferro para levantar defesas militares. Requisitavam-se alimentos no campo sem ter como pagá-los. Focos insurrecionais camponeses eclodiam no mundo rural e a miséria dominou cidades e campos.

A Guerra Civil ceifou de sete a doze milhões de civis e combatentes. Quando ela chegou ao fim, a produção industrial russa era 30% em relação à 1913, já diminuta. Trabalhadores urbanos partiam para o campo onde tinham melhor possibilidade de sobreviver. Parte do proletariado que fizera e defendera a Revolução morrera combatendo ou passara a integrar as forças armadas, a administração, o aparelho do partido. Os camponezes retornavam à economia de subsistência. Revolucionários e contra-revolucionários recorriam ao mercado negro para não morrerem de fome. À falta de alimento se associava a de combustível para o aquecimento, sob um inverno implacável. Seitas religiosas anunciam a chegada do fim dos tempos. No campo, o canibalismo para saciar a fome foi fenômeno recorrente.³

Nova Política Econômica

O ex-Império Russo, sob a direção do Partido Bolchevique, encontrava-se exangue. A produção industrial encontrava-se semi-interrompida. Crescia a desilusão dos trabalhadores com a nova ordem e o ódio camponês para com ela. Em 28

³ CARR, Edward H. *La rivoluzione bolscevica. 1917-1923*. Torino: Einaudi, 1964.

de fevereiro de 1921, sublevou-se a guarnição da base naval da ilha de Kronstadt, no golfo da Finlândia, sob a direção de anarquistas. Ao mesmo tempo, eclodiram focos grevistas nos subúrbios de Petrogrado, a trinta quilômetros de Kronstadt, cidade açoitada como o resto do país pela fome e a miséria. Se a revolta se espalhasse pela Rússia, ela teria aberto as portas à contra-revolução. A ilha-fortaleza e os navios immobilizados pelo gelo foram reconquistados pelas armas, antes que ocorresse o degelo, e marinheiros sublevados morreram, fuzilados, gritando “viva a revolução mundial” e mesmo “viva a Internacional Comunista”!

O governo soviético aprestou-se a satisfazer algumas das grandes reivindicações dos marinheiros de *Kronstadt* derrotados, à exceção do alívio da repressão política e do afastamento do Partido Comunista do poder.⁴ Consolidou-se na direção bolchevique a consciência da necessidade imperiosa de reorientação política. Em março de 1921, após acirrado debate, o 10º Congresso do Partido Bolchevique aprovou a “Nova Economia Política” – N.E.P. Segundo Vladimir Lenin (1870-1924), um retrocesso transitório para retomar o fôlego e poder avançar. Durante o Comunismo de Guerra, se confiscara as reduzidas colheitas camponesas. Agora, era necessário que o campo produzisse o suficiente para se alimentar e um excedente. A N.E.P. permitiu a liberação mercantil de pequenas e médias propriedades privadas no campo e na cidade e a procura de financiamentos estrangeiros, jamais obtidos. Os camponeses pagariam os impostos em produtos e poderiam vender como quisessem os excedentes. A colheita de 1922 foi a mais abundante desde 1917.

⁴ SERGE, Victor. *Memórias de um revolucionário*. São Paulo: Companhia das Letras, 1987.

A reforma agrária bolchevique criara multidões de proprietários parcelares que retomaram a produção para a venda, agora livre, nos mercados. Nas cidades, pequenas e médias fábricas, oficinas, comércios, etc. parados foram arrendados e entregues a quem pudesse colocá-los em marcha. Novos negócios privados foram fundados. Por todos os lados, pequenos e médios capitais saíram dos porões, onde se refugiavam, para a luz do dia. Os resultados foram rápidos. Os serviços tenderam a normalizar-se. Com a volta dos camponeses ao mercado, desapareceu a fome absoluta e aliviou-se a pressão sobre os camponeses. Já em março de 1923, das 165 mil empresas tidas como industriais quase 89% estavam sob controle privado. Liberou-se também o mercado de trabalho. Seguiram nas mãos do Estado o sistema bancário e as grandes empresas industriais e infraestruturais, prá lá de mal das pernas e com escassos recursos para investimento. Nelas trabalhavam a imensa maioria do proletariado industrial.

A Lebre e o Cágado

A economia capitalista pequeno-mercantil urbana e rural avançou a rédeas soltas enquanto a produção e o comércio estatal-socialista seguia a passos de cágado cansado. Delinearam-se cenários lembrando o passado pré-1917. Nos campos, uma nova e dinâmica classe de camponeses ricos, *koulaks*, contratavam trabalhadores assalariados e arrendavam as terras de camponeses miseráveis. Nas cidades, ricos empresários urbanos pululavam como cogumelos – *nepmen*. Uns e outros se dedicavam sem complexos aos prazeres burgueses anteriores à Revolução que lhes haviam sido até então negados.

Nas principais cidades, os *nepmen*, especuladores, diplomatas, burocratas frequentavam restaurantes, lojas, hotéis, sorveterias, boates de luxo etc., feericamente iluminados, e viajavam em confortáveis meios de transporte privados. Os trabalhadores iam para o trabalho ou procuravam emprego a pé, não raro de pés descalços. Membros do Partido Bolchevique se associavam ou abriam discretamente negócios. Os salários e as alocações de desemprego eram miseráveis. As cooperativas e armazéns estatais viviam entregues às moscas e tudo e ainda mais do que não ofereciam se encontrava no mercado negro, a altíssimo preço. Os trabalhadores viviam pior que antes da Revolução, pela qual haviam lutado e morrido, em um mundo que voltava a conhecer distinções de classe.

No seio dos aparatos estatais, partidários, militares, etc., construídos durante o “Comunismo de Guerra”, como parte dos esforços necessários à sobrevivência da Revolução, surgiam e se consolidavam privilégios burocráticos. Esses segmentos conheciam, desde logo, condições de vida estáveis, ainda que muito restritas, que tenderam a se estender. Realidade radicalizada pela N.E.P., no contexto do avanço da *anomia* de proletariado que desmilinguira, com seus melhores membros mortos na Guerra Civil, dizimados pela desindustrialização, cooptados como membros da administração do Estado, do Partido, das forças armadas.

Quem reparte fica com a melhor parte

Na situação de penúria geral, reinava o refrão de “quem parte, reparte, fica com a maior parte”. Pertencer à administração e ao Partido permitia privilégios variados, alguns mínimos, mas valorizados pela situação de miséria geral. Os *fun-*

cionários sempre obedientes aos superiores eram premiados pela fidelidade e, no Partido, institucionalizava-se a promoção dos quadros por cooptação, e não mais por eleição. Em 1936, em *A revolução traída*, L. Trotsky calculou que 12% da população soviética gozava de algum privilégio burocrático, ainda que limitado.⁵ A ditadura do proletariado na URSS tornara-se, na ausência de proletariado significativamente numeroso e politicamente ativo, em uma ditadura em nome do proletariado exercida pelo Partido Comunista. Por um Partido no governo de um país onde dominava a economia camponesa e o assédio pelo mundo capitalista. Um Partido onde, cada vez, as discussões e as decisões eram tomadas monocraticamente pelos “velhos bolcheviques”.

Em fins de 1921, Lenin encontrava-se gravemente doente. Em maio de 1922, sofreu um primeiro derrame cerebral que lhe paralisou o lado direito e o impediou de falar. Em dezembro, escreveu recomendações à direção do Partido, seu “Testamento”, criticando duramente J. Stalin por seu autoritarismo e recomendando seu afastamento como Secretário Geral, posição de enorme poder sobre a administração do aparato partidário. Na ocasião, qualificou Trotsky como o “homem mais capaz no Comitê Central”. Seu testamento não foi revelado ao Comitê Central. Era grande sua preocupação com o fenômeno burocrático no governo e no Partido. Antes de morrer, Lenin se apoiou em Trotsky, contrariado com o autoritarismo de Stalin. No mesmo mês, teve um segundo derrame. Em março de 1923, uma síンcope mais grave lhe impediu a comunicação oral e escrita. Quando parecia conhecer uma melhora gradual, faleceu em 21 de janeiro de 1924.

⁵ TROTSKY, L. *La Révolution Défigurée; La Révolution Trahie*. TROTSKY, León. De la Revolution. Paris: Minuit, 1963. p. 532.

Trotsky não participou do sepultamento do líder bolchevique, ao qual acorreram um milhão de populares, sob um inverno terrível. Ele partira para recuperar-se de enfermidade no Cáucaso e J. Stalin lhe escreveu propondo que não retornaria a tempo para o enterro – o que era uma falsidade.⁶ Um ainda maior desastre que a morte de Lenin se abateria a seguir sobre o movimento comunista internacional e a URSS. Em 1923, a crise social se acirrara na Alemanha. Os bolcheviques e a Internacional Comunista vislumbravam, finalmente, a esperada vitória revolucionária na pátria do mais adiantado capitalismo e do melhor e mais organizado proletariado europeu. Trotsky ofereceu-se inutilmente para ir participar da direção da insurreição. Entretanto, em outubro, na ausência de uma direção nacional e internacional consequente, a insurreição foi suspensa, à exceção de Hamburgo, onde eclodiu, por falha de comunicação.⁷

Burocratismo e Carreirismo

O burocratismo e o carreirismo medraram também fortes no Partido Comunista Alemão e na Internacional Comunista, sob a direção errática de G. Zinoviev (1883-1936), em um momento em que este último, L. Kamenev (1883-1936) e J. Stalin (1878-1953) opunham-se a L. Trotsky, divergindo fortemente sobre a orientação a ser dada à URSS, com Lenin imobilizado pela enfermidade. O fiasco revolucionário alemão teve repercuções históricas mundiais terríveis. Perdida a grande oportu-

⁶ SERGE, Victor. *Vida y muerte de León Trotsky*. Buenos Aires: El Yunque, 1974. p. 138.

⁷ SERGE, Victor. *Germania 1923: la mancata rivoluzione*. Genova: Graphos, 2003. p. 205-437; BROUÉ, Pierre. *Révolution en Allemagne. (1917-1923)*. France: Juliard, 1964.

tunidade, a revolução mundial refluiria por décadas, abrindo o caminho para o fascismo, na Europa, e para a consolidação da burocracia, na URSS.⁸

Em outubro de 1923, quando as esperanças na Revolução Alemã galvanizavam os comunistas russos e a Rússia era sacudida por vaga grevista, bolcheviques de esquerda, dirigidos por León Trotsky, se organizam na Oposição de Esquerda – ou Oposição de 1923 –, para combater o regime burocrático do Partido, os desmandos econômicos e exigir a aceleração da industrialização e a planificação econômica. Em 8 de outubro, Trotsky escreveu carta ao Comitê Central denunciando a crise econômica, o burocratismo e ameaçando levar a discussão, feita então a quatro paredes, para os militantes mais preparados do Partido. “[...] a burocratização do aparato do partido se desenvolveu em proporções inéditas, devido ao método de seleção utilizado pelo Secretariado”. A carta foi seguida pela chamada “Declaração dos 46”, assinadas por militantes de destaque próximos a L. Trotsky, ao grupo Centralismo Democrático que, desde 1919, reclamavam do centralismo excessivo do Partido e exigiam retorno ao “centralismo democrático”, etc. A declaração denunciava a situação econômica, o burocratismo do Partido, a incapacidade de sua direção de enfrentar a complexa situação internacional. Ela propunha planejamento da economia, avanço da industrialização, democracia no Partido. Apresentada como fracionista, não foi publicada.⁹

Após tentativa de repressão do movimento, em 7 de novembro, Zinoviev publicou correspondência no *Pravda*, referin-

⁸ TROTSKY, Léon. *Revolução e contra-revolução na Alemanha*. São Paulo: Ciências Humanas, 1979; TASCA, Angelo. *Nascida e avvento del fascismo* 2 Ed. Firenze: La Nueva Italia, 2002; MAESTRI, Mário. *Antonio Gramsci: vida e obra de um comunista revolucionário*. 3 ed. Porto Alegre: FCM Editora, 2020.

⁹ BROUÉ, P. *O Partido Bolchevique*. São Paulo: Sundermann, 2014. p. 177.

do-se ao tratamento burocrático de questões políticas, procurando apresentar a preocupação com o burocratismo como algo comum à direção como um todo. A seguir, o *Pravda*, órgão oficial do Comitê Central do PCUS, anunciou tribuna para discutir a questão da democracia no Partido. Um primeiro pronunciamento de E. Preobrazhenski (1886-1937), líder da Oposição, foi seguido de advertimentos velados de Zinoviev e de Stalin. A discussão espraiou-se pelo Partido, recebendo as propostas de democratização indiscutível apoio.

Democratização Inaceitável

Uma comissão formada por Trotsky, Kamenev e Stalin redigiu uma longa resolução, com amplas concessões à Oposição, aprovada pela direção máxima bolchevique, em 5 de dezembro. A declaração, assinada por Trotsky, foi vista, com razão, pela Oposição como uma mera manobra diversiva. Em 10 de dezembro, Trotsky escreveu carta à sua seção do Partido, comentando a resolução, lembrando, entre outras questões, a possibilidade da degeneração burocrática entre os “velhos” militantes, como na social-democracia alemã. Em 11 de dezembro, em Moscou, uma assembleia das organizações locais do Partido reuniu cerca de mil militantes, em uma ampla, animada e democrática discussão. Trotsky não estava presente e Stalin preferiu não abrir a boca. Era formal a abertura à democracia da *Troika* -Zinoviev, Kamenev e Stalin-, na direção do governo e do Partido. A discussão foi encerrada pela repressão e por um furibundo ataque, pela primeira vez, não às críticas levantadas pela Oposição, mas a L. Trotsky e à sua biografia.

Em 28 e 29 de dezembro de 1923, L. Trotsky publicou, no *Pravda*, dois artigos, “Grupo e formação fracionista” e “A ques-

tão das gerações do Partido”, que receberam virulentas respostas de N. Bukharin (1888-1938). Os dois artigos, sua carta aos militantes de sua seção e outros artigos deram forma ao opúsculo *Curso novo*, cuja publicação a direção desdobrou-se para atrasar.¹⁰ Nesse momento, L. Trotsky participava ainda do Scretariado Político, a direção máxima do Partido Bolchevique.

Em janeiro de 1924, na 13^a Conferência do Partido, condenou-se a Oposição de Esquerda como desvio do leninismo e bolchevismo e foi publicada resolução anterior, mantida secreta, que permitia expulsar militantes de base e da direção por fracionismo. Feito isso, deu-se por encerrada a discussão. Sob a ameaça de expulsão do Partido, concluiu-se a primeira fase da Oposição de Esquerda. E o aparato seguiu desmontando a Oposição, servindo-se, até mesmo, do envio de seus melhores quadros como diplomatas no exterior. Nesse momento, a derrota da Revolução Alemã, sem se ter lutado pelo poder, consolidara-se com estabilização transitória da economia.¹¹ Em abril de 1924, a política de Bukharin de enriquecimento do *koulak*, de baixa dos impostos sobre o campo e dos preços dos produtos industriais, com o apoio de Stalin, foi aprovada pelo Burô Político e na 14^a Conferência do PCUS, com a oposição de Kamenev e Zinoviev.

Curso Novo

O folheto *Curso novo* constituiu o primeiro ensaio de sistematização da denúncia e das raízes do burocratismo e da expropriação do poder proletário na URSS. Nos artigos, León Trotsky

¹⁰ TROTSKY, L. *Cours nouveau*. Paris: Minuit, 1963.

¹¹ BROUÉ, Pierre. *Révolution en Allemagne*. 1917-1923. Paris: Lés Éditions de Minuit, 1971; AUTHIER, Denis. *A esquerda alemã: 1918-1919: “Doença infantil” ou revolução*. Porto: Afrontamento, 1975.

submetia a sociedade e a economia soviética e o Partido Bolchevique a uma acerada crítica marxista apontando o dedo para a burocratização como um fenômeno geral em desenvolvimento. E, sobretudo, propunha solução para a origem material da degeneração então em desenvolvimento que, sobretudo sob a ação deletéria da N.E.P., tendia a ameaçar a frágil ordem soviética. Uma crítica limitada entretanto pela situação de domínio da *Troika* sobre o Partido.

León Trotsky ressaltava no texto a raiz da fragilidade e dos problemas políticos conhecidos pela URSS. A enorme debilidade da grande produção industrial soviética, no contexto de tendências que se opunham a ela: o cerco da URSS pela economia capitalista mundial hegemônica; o ressurgimento com a N.E.P. da economia mercantil-capitalista no interior do Estado soviético e, sobretudo, uma imensa população camponesa, praticando uma economia semi-natural ou pequeno-mercantil. A incapacidade da produção fabril soviética de suprir as necessidades da sociedade camponesa determinava que ela se voltasse para quem o pudesse fazer – a produção mercantil-capitalista.

L. Trotsky lembrava o perigo posto pela N.E.P., pois o avanço da agricultura privada e a fragilidade da indústria estatal levava à depreciação dos preços dos produtos agrícolas, abundantes, e ao aumento desmesurado dos preços dos produtos industriais escassos – “Crise da Tesoura”. Nesse contexto, com o desabastecimento de produtos manufaturados, os pequenos camponeses enfatizavam a produção de subsistência e os camponeses médios e ricos negavam-se a vender seus grãos, guardando-os em seus celeiros, já que não havia manufaturados que comprar no mercado.

A Ilusão do Monopólio do Poder

León Trotsky propunha, igualmente, que o monopólio do poder pelo Partido Bolchevique, em representação do proletariado, não era garantia da manutenção do poder soviético. Sugeria que as tendências restauracionistas fortalecidas tenderiam a se expressar inevitavelmente no interior do Partido Comunista, propiciando as condições para a implosão da ordem soviética. O que ocorreu, efetivamente, em 1991, sob o comando de M. Gorbachev (1931-2022) e da burocracia pró-capitalista do PCUS. Era imprescindível acelerar o fortalecimento da industrialização da URSS, garantindo, assim, o estabelecimento dos nexos entre a indústria estatal e o mundo camponês, ao entregar-lhe os produtos de que necessitavam.

Eugênio Preobrazhensky, o mais célebre economista bolchevique, principal dirigente com León Trotsky da Oposição de 1923, publicou, em 1928, seu célebre tratado *A nova economia*, onde analisou os problemas da transição do modo de produção apoiado no mercado (capitalista) ao modo de produção apoiado na planificação e nacionalização da produção (em direção ao socialismo). Tratava-se do primeiro ensaio sistemático de apresentar as leis tendenciais da superação da economia capitalista.¹²

No estudo, considerando o atraso da sociedade russa, propunha a necessidade do financiamento da indústria estatal, sobretudo no que dizia respeito aos bens de produção, ou seja, de realizar sua “acumulação original”, principalmente a partir da economia camponesa, em forma planejada, através de medidas fiscais, mercantis, etc. Esse programa, defendido pela Oposição de Esquerda, foi definido como “ultra-industrialista” por N.

¹² PREOBRAJENSKY, Eugênio. *A nova econômica*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1979.

Bukharin, que propunha a construção do socialismo a “passos de lesma”, através da N.E.P.¹³ N. Bukharin expressava já, na direção máxima bolchevique, as tendências restauradoras pró-mercantis.

Imperativo Político

Para León Trotsky e a Oposição de Esquerda, o fortalecimento da grande produção industrial era um imperativo político incontornável. Tratava-se de recriar, em forma superlativa, o proletariado jovem e dinâmico que garantira a vitória de Outubro, agora dizimado, que deveria ser o núcleo dirigente da construção da URSS, através dos sovietes e do Partido Bolchevique. L. Trotsky lembra que, no momento que escrevia, apenas 1/6 das células do Partido eram formadas de proletários industriais. Uma realidade que desnaturava a concepção de partido e de ditadura do proletariado. Isso porque criava as condições para a conformação de aparelho burocrático, dirigido sobretudo por “velhos militantes”, já desligados das necessidades das grandes massas, expressando fortemente os interesses seus e dos aparatos administrativos do governo, do Partido, das forças armadas, etc. Processo que resultaria na formação de capa burocrática que levou Stalin ao poder.

Partido e Ditadura do Proletariado

A contribuição mais original de Lenin fora a proposta da reunião dos destacamentos mais avançados das classes trabalhadoras, com destaque para o operariado industrial, em célu-

¹³ BUKHARIN, N. PREOBRAZENSKIJ, E. *L'accunulazione socialista*. Roma: Riuniti, 1973; DAY, Richard B. *Trotskij e Stalin: Lo scontro sull'economia*. Roma: Riuniti, 1979.

las, por local de trabalho, se possível, devido às características intrínsecas do proletariado propostas já pelos fundadores do marxismo – produtores modernos *socializados* na produção e *privatizados* na distribuição. Base de partido organizado para a conquista do poder, as células dos trabalhadores da cidade e do campo se expressariam na direção do partido revolucionário, mantendo-a sempre sob controle e informada sobre os ritmos e necessidades dos trabalhadores e da luta de classes.

O centralismo democrático unificava a ação do partido, após discussão democrática das suas grandes decisões, a partir sobretudo dos seus núcleos proletários. *Mutatis mutandis*, a alienação dos trabalhadores e assalariados se deu, nos primeiros tempos do PT e do PSOL, com a derrota da proposta de partido apoiado nos núcleos, por partido de “inscritos”, chamados a se pronunciar sobretudo nos congressos. O que permitiu o controle dos aparelhos pelos parlamentares, assessores, funcionários partidários e de tendências, etc. Muito logo, nos congressos do PT, os trabalhadores ligados à produção eram percentuais residuais.¹⁴

L. Trotsky sabia que, mesmo vitoriosa a proposta de aceleração da industrialização, ela não se materializaria da noite para o dia. E tinha consciência do doloroso recuo da revolução mundial. Apoiou, portanto, a proposta de um “curso novo” para o Partido no diminuto proletariado industrial e nas novas gerações comunistas, marginalizadas quando das decisões partidárias. Boa parte da nova geração de militantes não havia participado da Revolução de 1917, mas havia lutado na Guerra Civil. Uma base política estreita, em momento de refluxo da revolução, para enfrentar a massa de funcionários do aparato

¹⁴ MAESTRI, Mário. *Revolução e contra-revolução no Brasil. 1530-2019.* 2 ed. Porto Alegre: FCM Editora, 2019.

Estatal, do governo e do aparato partidário coesionada pelo temor de perda de seus privilégios burocráticos.

L. Trotsky e seus camaradas mantiveram-se recolhidos, sob a ameaça de expulsão do Partido, enquanto a *Troika* – Kamenev, Zinoviev e Stalin – promoviam no PCUS e na Internacional, furiosa campanha contra a Oposição e sobretudo Trotsky, afastavam seus possíveis oponentes e promoviam seus partidários incondicionais. O conflito reiniciou em forma inesperada. Em outubro de 1924, L. Trotsky publicou *As Lições de Outubro*, apresentação de umas sessenta páginas ao terceiro volume de suas *Obras Completas*, referentes a 1917, onde reafirmava a importância de uma direção para a vitória da Revolução e recordava a oposição de G. Zinoviev e L. Kamenev a Lenin, quando ele propusera, em abril, a necessidade do assalto do poder, materializado em outubro. Uma oposição na qual os dois líderes bolcheviques romperam com a disciplina do Partido, denunciando publicamente a proposição insurrecional. E, no breve ensaio, não citava J. Stalin, que não tivera papel de destaque na insurreição.¹⁵

Lições de Outubro

O texto enfureceu a *Troika*, que determinou sua pronta retirada das livrarias. Em resposta à denúncia de rompimento da disciplina do Partido e de oposição ao assalto ao poder, os detratores de Trotsky lançaram uma violenta campanha geral, no Partido e na Internacional, lembrando as diatribes que Lenin e Trotsky trocaram antes de 1917, seu passado “menchevique” e sua adesão tardia ao bolchevismo. Sobretudo G. Zinoviev e L. Kamenev partejaram, então, uma dita teoria “trotskista”, men-

¹⁵ TROTSKY, L. *As lições de Outubro*. Edições Antídoto, Lisboa, 1979.

chevique, antítese da versão de um “leninismo”, que assumiu a situação de doutrina oficial do Partido, do Estado e do governo, que comportaria a solução para todos os problemas. Em 1926-7, Zinoviev e Kamenev reconhecem e autocriticam-se por terem inventado o “trotskismo” para uso político.

O *trotskismo* se caracterizaria pela subestimação dos camponeses. J. Stalin propõe que a “revolução permanente” seria uma espera suicida da revolução mundial. Logo, ele vai contrapor à proposta de uma *espera* da revolução mundial, jamais avançada pela Oposição de Esquerda e por Trotsky, à “revolução em um só país”, que unificou o aparelho burocrático, os *nepmen* e os *koulaks*, não apenas desinteressados mas opositos a qualquer avanço mundial da revolução. Essa formulação nacionalista tornou-se política oficial do Partido e, a seguir, da Internacional. Em abril de 1924, N. Bukharin propunha aliviar o controle e os impostos sobre os camponeses ricos, chamando todos os camponeses a “enriquecer”. A resposta de Trotsky, *Os nossos desacordos*, foi censurada.¹⁶

Victor Serge, enviado pela Internacional à Alemanha, de onde se refugiara, após o fracasso da revolução em Viena, lembra que, com o refluxo da revolução na Europa, selara-se a sorte da Revolução de 1917 e mundial. Propõe que, nessas épocas, a burocracia soviética, já procurando acomodar-se às grandes nações burguesas, na esperança de obter recursos para a consolidação da economia da URSS, iniciava a domesticação do comunismo internacional. Denuncia que uma enormidade de quadros da I.C. com os quais convivera, arranjava-se para sobreviver no novo contexto e progredir funcionalmente. Nas seções nacionais, a direção da Internacional Comunista reprimia os militan-

¹⁶ CARR, Edward H. *Il socialismo in un solo paese*. 1. La politica interna. 1924-1926. Torino: Einaudi, 1968.

tes de esquerda e independentes, impulsionando a obediência mundial irrefletida, através da campanha de “bolchevização” (“russificação”) dos partidos comunistas estrangeiros.

Em 1924, Victor Serge, de retorno da Europa Central, reencontra a Rússia Soviética em situação dramática. Nas cidades pululavam crianças abandonadas, prostitutas, o alcoolismo, a violência. A N.E.P. recuara a penúria absoluta mas radicalizara o poder da burocracia, o renascimento da produção capitalista, os desníveis sociais, a desmoralização dos comunistas. Os membros do Partido, do governo, das forças armadas, etc. recebiam como trabalhadores especializados e, sobretudo, se abasteciam em cooperativas nas quais, ao contrário das *nornais*, nada faltava do que havia. A corrupção imperava, dentro e fora do governo e do Partido. O comércio privado oferecia do melhor, para quem pagasse. Os trabalhadores e sobretudo os desempregados sobreviviam semifamintos, mal-vestidos e mal-calçados, enregelados no inverno.

Burocracia Triunfante

O suicídio de militantes de esquerda expulsos do Partido tornara-se uma semiepidemia: os homens disparavam-se na cabeça; as mulheres preferiam o veneno. Veteranos de Outubro e da Guerra Civil desfiliavam-se do Partido, que, sob a direção da *Troika*, escancarara as portas a 240 mil novos militantes adventícios, com a “Promoção Lenin”, após a morte do fundador do bolchevismo, em janeiro de 1924. Antes, o Partido contava com 350 mil filiados, trezentos mil funcionários e apenas uns 50 mil trabalhando nas fábricas.¹⁷ A base do partido passou a

¹⁷ Serge, V. *Vida y muerte [...]*. Ob.cit. p. 139.

ser dominada por uma massa amorfa de militantes despoliticados e, não raro, oportunistas.

V. Serge integrou-se à direção do já semiclandestino “centro dirigente da Oposição de Esquerda” de Leningrado – no qual se encontravam estudantes, velhos operários bolcheviques, dois historiadores marxistas, artista plástico, estudioso da agricultura, a primeira companheira de Trotsky e suas duas filhas, entre outros. Eles seriam ceifados pela repressão estalinista, com destaque para 1936-7 – os anos “dos fuzilados”. Nesse momento, a Oposição de Esquerda se encontrava organizada através da URSS, nas grandes e médias cidades, comumente em expansão, apesar de terrivelmente minoritária em função da “fração” majoritária na chefia do Estado, do governo e do Partido.

Em abril de 1926, assustados pelo perigo da restauração capitalista, sob a direção de N. Bukharin, agora aliado a Stalin, e se opondo terminantemente à doutrina do “socialismo em um só país”, agressão rasteira ao bolchevismo e ao marxismo revolucionário, L. Kamenev e G. Zinoviev reconhecem a correção das propostas da Oposição de 1923 sobre o regime do Partido, dando origem a Oposição Unificada, quando a repressão política e administrativa já era geral.¹⁸

A Força do Aparelho

A Oposição Unificada publicou sua Plataforma, discutida pelas bases, que propunha: reformar a N.E.P.; avançar a industrialização e a coletivização do campo, em forma planejada e gradual; o retorno do poder soviético e da democracia interna

¹⁸ CARR, Edward H. *Il socialismo in un solo paese*. 1. La politica interna. 1924-1926. Torino: Einaudi, 1968.

ao partido; aumento dos salários dos trabalhadores e campesinos pobres. Entre outras questões, discutiu a sorte e a necessidade da revolução mundial para a saúde da construção da URSS. Seu programa político, motivou dezenas de milhares de militantes do PCUS. Apoiando os oposicionistas, oitenta e três velhos bolcheviques assinaram a declaração, que conheceu a adesão de três mil militantes bolcheviques.¹⁹

Entretanto, as multidões de funcionários do governo, do Estado e de um Partido agora com milhares de adventícios, queriam apenas a paz, que tudo seguisse como antes. Era uma corrida disputada entre um atleta e um pernetá. À Oposição Unificada foi negada a publicação de suas posições nos jornais e revistas. Nas reuniões partidárias, oradores oficialistas defendiam demoradamente a “construção do socialismo em um só país”, acusavam a Oposição de "super industrialistas", de inimigos dos camponeses, de falta de “fé” na Revolução, sem abordar as questões em discussão. Victor Serge lembra que os isolados oradores oposicionistas tomavam a palavra por cinco minutos, sob as vaias e agressões dos agentes da burocracia – “Traidores”, “Mencheviques”, “Pró-burgueses”! A maioria dos militantes permanecia em silêncio, temendo retorsões e o desemprego, mesmo quando apoiava as posições oposicionistas.

No verão de 1926, a direção da Oposição Unificada promoveu a organização de centenas de pequenas reuniões, com membros do Partido, em casas privadas nos bairros proletários, nos bosques, cemitérios e garagens. Victor Serge lembra que fazia há muito que membros da direção bolchevique não interagiam diretamente com simples trabalhadores. O Comitê Central enviava brutamontes, transportados em caminhões,

¹⁹ SERGE, Victor. Vida y muerte [...]. Ob.cit. p. 154.

para que dissolvessem pela força “reuniões ilegais”. Qualquer resistência incriminaria a Oposição.

Em outubro, encurralada, a Oposição Unificada aceitou a imposição de se pronunciar apenas das tribunas do Partido. Como parte da preparação do 15º Congresso do PCUS, Trotsky e Zinoviev foram excluídos do Comitê Central, acusados de fomentar uma “insurreição”, não podendo tomar a palavra no conclave que se transformou em uma mera simulação. Em dezembro de 1925, durante sua realização, foi entronizada a nova *troika*: M. Bukharin, A. Rikov (1881-1938), J. Stalin. Os dois primeiros representavam a direita no Partido, os *koulaks* e os *nepmen*; o último, o aparato burocrático.²⁰

Revolução Chinesa

Em 1927, a sorte da Revolução Chinesa empolgou a Oposição Unificada e vastos setores do Partido. Sua vitória impulsionaria a revolução no mundo e na URSS, fazendo recuar a burocracia. A Internacional Comunista, sob a direção de fato de J. Stalin, ordenou que os comunistas chineses se aliassem à “burguesia democrática e nacionalista”, comandada por Chang Kai-shek, na chefia do Koumintang, partido nacionalista burguês e de seu exército. J. Stalin enfatizava e elogiava essa orientação, proibindo qualquer autonomia ou resistência aos operários e camponeses chineses, ainda em abril, quando os exércitos nacionalistas massacravam os comunistas e os trabalhadores sublevados em Xangai, fazendo a revolução chinesa retroceder por décadas.²¹

²⁰ BROUÉ, Pierre. *Le Parti Bolchevique*. 2 ed. Paris: Les Édition de Minuit, 1971. p. 228 *et seq.*

²¹ SERGE, Victor. *La lotta di classe nella rivoluzione cinese del 1927*. Roma: Samonà e Savelli, 1971.

Como propôs Trotsky na ocasião, o fracasso geral da política chinesa de Stalin-Bukharin não fortaleceu a Oposição no Partido, o que teria ocorrido apenas com a sua vitória. Ao contrário, ela fortaleceu o derrotismo, o conservadorismo, o desânimo e o burocratismo. Ela aumentou a descrença na revolução mundial e o apoio à construção do socialismo isolado na URSS. A derrota da Revolução Chinesa anuncava os estertores da Oposição Unificada e da hegemonia das forças pró-capitalistas e burocráticas no PCUS.

Em 7 de novembro 1927, encurralada, a Oposição Unificada ensaiou uma desesperada contra-ofensiva, participando da manifestação oficial do décimo aniversário da Revolução com suas consignas e faixas. Suas colunas e militantes foram reprimidos pelas tropas policiais que golpearam, com a maior sem-cerimônia, em não poucos casos, comandantes máximos do assalto ao poder em Outubro e da Guerra Civil. Em 16 de novembro, Adolfo Abramovič Ioffe (1883-1927), destacado dirigente bolchevique, gravemente doente e proibido de tratar-se no exterior, suicidou-se como ato de protesto político anti-burocrático, aos 47 anos.²²

L. Kamenev e G. Zinoviev, sob terrível pressão, enfraquecidos pelo ziguezague de suas posições políticas dos últimos anos, abjuraram a Oposição, acusando Trotsky de anti-bolchevique e anti-soviético. Renegando tudo o que defendiam, propuseram não haver vida fora de um partido já sem vida. León Trotsky, negando-se a compromissos que traíssem e desonrassem a revolução e o bolchevismo, foi deportado para Alma-Ata, na fronteira do Turquestão. As prisões, perseguições e deportações de oposicionistas e simpáticos aos oposicionistas prosseguiram. O 15º Congresso do PCUS legalizara a repressão à oposição, ini-

²² BROUÉ, Pierre. *Trotsky*. Paris: Fayard, 1988. p. 530.

cialmente, ainda relativamente branda em relação ao que viria a seguir, pois alguns velhos bolcheviques membros do aparato acreditavam, ainda, em uma eventual reconciliação.

Greve do Grão

No verão de 1928, quando das colheitas, os *koulaks*, em torno de uns 5 a 6 % de toda a classe camponesa, fortalecidos, produziram a maioria do excedente em grãos. Eles e os camponeses médios e pobres pararam de enviar sua produção ao mercado e de entregá-la ao Estado pelo preço tabelado, exigindo aumentos significativos dos preços mínimos. E reclamavam da ausência de produtos manufaturados. Associados aos *nepmen*, exigiam ampliação da liberação mercantil, a livre contratação de mão de obra, o direito de arrendar terras, apontando já em direção à restauração capitalista. A ameaça da fome pairou novamente sobre as cidades da URSS, obrigando à retomada das requisições forçadas. Como nos terríveis tempos do “Comunismo de Guerra”, os camponeses escondiam os produtos, restringiam as plantações, matavam o gado, ensaiavam pequenas manifestações e levantes. Funcionários comunistas eram novamente encontrados degolados nas estradas rurais. Cumpria-se o vaticínio de León Trotsky e da Oposição de Esquerda, de cinco anos antes.

Em fins de 1928, sob direção de J. Stalin, a burocracia compreendeu que o fortalecimento da N.E.P. resultaria na restauração capitalista, que motivaria possível e terrível guerra civil, dizimaria o aparato comunista, privatizaria o que fora nacionalizado. Compreendiam que estava em jogo seus privilégios e suas vidas. A burocracia tomou a iniciativa e rompeu a aliança com os *koulaks* e *nepmen*. Em fevereiro de 1929, desfez-

se a aliança de Stalin e da burocracia com a facção Bukharin-Tomsky-Rykov, pró-restauração, que, a seguir, apresentou sua autocrítica, já deslocada dos postos de mando.²³ Stalin e a direção burocrática retomaram o programa de Oposição Unificada, acenaram para os *trotskistas* nas prisões e entre os deportados, reintegraram Kamenev e Zinoviev no Partido, e lançaram plano de industrialização e coletivização do campo acelerado, apoiado em medidas voluntaristas, anárquicas e autoritárias. Implementaram simplesmente a golpes de facão e sem a planificação requerida o programa da Oposição de Esquerda de 23 e da Oposição Unificada, de 27.

A Oposição propusera taxar os *koulaks* – a burocracia os liquidou fisicamente: foram presos, executados, desterrados para zonas desérticas. Revoltas rurais eclodiram através da URSS. Populações fronteiriças mudaram-se para a Turquia, a Polônia, a China. A Oposição defendera restringir, modificar e estrangular gradualmente a N.E.P., sobretudo com medidas econômicas. A N.E.P. foi simplesmente mandada para o espaço. Foi tamanha a crise da produção e o agravamento das condições de existência dos operários urbanos que se instituiu o uso de passaportes internos, para interromper a hemorragia de trabalhadores especializados que se retiravam para o campo, onde podiam obter mais facilmente o que comer, como se aquecer, etc. Passou-se a apontar a sabotagem, certamente existente, como a grande responsável pelos desmandos autoritários da burocracia na economia.²⁴

²³ MEDVEDEV, Roy A. *Gli ultimi anni di Bucharin*. Roma: Riuniti, 1979. p. 19 et seq.

²⁴ CARR, Edward H & DAVUESM R.W. *Le Origini della pianificazione sovietica*. 1. Agricoltura e industria. 1926-1928. Torino: Einaudi, 1968.

Coletivizando o atraso e a miséria

Nas propostas da Oposição de Esquerda, a coletivização do campo iniciaria pelas melhores terras, na medida em que fossem produzidos os implantes agrícolas que garantissem salto de qualidade na produção agrícola. Com a maior produtividade e maior remuneração dos trabalhadores das granjas estatais, os camponeses aderiram às empresas agrícolas cooperativadas ou estatais, por decisão própria, ou sem maior resistência, gradualmente. Mais de vinte milhões de pequenas parcelas familiares, com suas moradias, instrumentos rústicos, gado, etc. foram transformadas em grandes unidades produtivas coletivas ou estatais. As propriedades coletivizadas conheceram regressão da produtividade em relação à alcançada pelas pequenas parcelas familiares.²⁵

Os camponeses preferiam abater seus animais para comê-los, fazer botas e roupas com os couros, vendê-los a qualquer preço, etc., em vez de entregá-los de mão beijada aos *colcozes* – unidades agrícolas de produção coletiva. Os animais dominavam ainda a tração e locomoção. A hecatombe animal comprometeu por décadas os transportes na URSS. A sabotagem tornou-se virulenta, nos campos e na cidade. A partir de 1930, a URSS precipitou em crise que parecia sem fim, respondida com vagas repressivas. Em 1932, a jovem esposa de J. Stalin, vivendo no coração da redoma dos burocratas privilegiados, suicidou-se.

A industrialização acelerada e a coletivização forçada, assim como os acenos pacificadores e esquerdistas de J. Stalin, impactaram fortemente a Oposição de Esquerda. Em maio de 1928, Preobrajensky, em Moscou, iniciou as negociações para

²⁵ RODRIGUES, Léoncio Martins. Preobrajensky e a *Nova Economica*. PREOBRAJENSKY, E. *A nova econômica*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1979. p. 9-28.

a anistia e retorno ao Partido de membros da Oposição que aceitassem autocriticar-se e anametizar L. Trotsky. Uma parte significativa dos talvez mais de cinco a oito mil prisioneiros e deportados trotskistas abjuraram suas posições e retornaram ao Partido e ao governo ocupando cargos e postos menores. Eles propunham que o Partido devia ser apoiado, já que aplicava, mesmo em forma rústica e autoritária, o programa oposicionista, contra a direita restauracionista. Em 1928, lembraram, o próprio L. Trotsky propusera eventual apoio *emergencial* à J. Stalin e à burocracia, em caso de vitória de N. Bukharin e da restauração capitalista.

Em leitura de viés positivista dos sucessos, propunham que a industrialização originaria por si só um forte proletariado, mais culto e mais educado, que *naturalmente* regeneraria o partido e a sociedade. Uma ilusão defendida, mais tarde, pelo historiador polonês Isaac Deutscher (1907-1967), membro da Oposição de Esquerda que não se juntou à fundação da IV Internacional, em 1938.²⁶ Alguns oposicionistas favoráveis à *capitulação* lembravam que eles lutariam pela construção do socialismo na URSS e Trotsky, no exílio, se ocuparia da revolução mundial.

Contribuiu igualmente para essa posição o fato que, apesar da direção burocrática sobre a economia, avançavam as forças produtivas da URSS, devido à impulsão permitida pela Revolução, pela nacionalização da economia, pelo esforço dos trabalhadores das cidades e dos campos, pelo planejamento mesmo desastrado. Entretanto, se cresciam as forças produtivas, crescia e se consolidava também a força da burocracia.

²⁶ DEUTSCHER, Isaac. *Trotsky: el profeta desterrado*. México: Ed Era, 1969; DEUTSCHER, Isaac. *La revolución inconclusa: 50 años de historia soviética*. México: Era, 1967; DEUTSCHER, Isaac *Ironias da história: ensaios sobre o comunismo contemporâneo*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1968.

Era como se os trabalhadores avançassem com vigor, apesar das dificuldades, carregando o peso da burocracia nas costas. Décadas mais tarde, eles tropeçariam e cairiam, quando não mais suportavam o esforço de carregar os parasitas que já os golpeavam, para saquear tudo o que eles haviam construído.

Ano dos Fuzilados

Milhares de *capituladores* retornaram ao Partido e à administração, enfraquecendo a Oposição, sem haver modificação na orientação e no regime ditatorial burocrático que exacerbava a violência repressiva. Aprofundando-se o desastre motivado pelos desmandos burocráticos, radicalizou-se a repressão. Muito logo, os oposicionistas que haviam *capitulado* foram expulsos do Partido e voltaram às prisões, sob acusações inverossímeis, para, na continuação, conhicerem, na imensa maioria, a morte. Em 1931, Preobrajensky foi expulso do Partido para, mais tarde, após autocrítica em que rejeitou tudo que dissera e escrevera, retomar o caminho que o levaria a sua execução, em 1937, sem julgamento.

Era muito difícil para um membro da Oposição de Esquerda seguir sua militância em forma clandestina. Havia poucos meses, eles moviam-se a céu aberto, sob a vigilância de delatores, carreiristas, membros dos organismos de repressão. Muito logo, a grande maioria dos membros da Oposição de Esquerda encontrava-se encarcerada ou deportada para regiões cada vez mais próximas do Círculo Polar Ártico, em condições crescentemente duras. Apesar das dificuldades de comunicação entre as prisões e delas com León Trotsky e a Oposição no exterior, os bolcheviques-leninistas, como os membros da Oposição de Esquerda se denominavam, aprisionados e desterrados, seguiam

discutindo e escrevendo sobre a situação do país e a situação mundial. Ao menos parte dessa valiosa elaboração segue nos arquivos da Rússia, crescentemente cerrados aos investigadores por determinações de Vladimir Putin, ferrenho crítico de Lenin e de Trotsky.²⁷ Em 2018, ao trocarem o piso da cela 312 da prisão de Vekhneuralsk, operários encontraram documentos escondidos por prisioneiros trotskistas, em inícios dos anos 1930, antes de marcharem para a morte, ainda apenas parcialmente traduzidos do russo.²⁸

Em inícios de 1929, Trotsky foi expulso da URSS. Sem correções dos desmandos, a crise seguiu golpeando duramente o país, ensejando ensaios de oposição nas próprias fileiras da burocracia, como a conspiração da “esquerda estalinista jovem” e, em fins de 1932, do grupo Rjutin, próximo de Bukharin. Este último distribuiu detalhado balanço da situação, exigindo a regeneração do Partido e a volta dos banidos e expatriados, mesmo de León Trotsky.

Em 27 de março de 1934, com o assassinato, em Petrogrado, de Serguei Kirov (1886-1934), alto e temido dirigente da burocracia, J. Stalin lançou vaga repressiva fluvial que exterminou oposicionistas reais, possíveis e imaginários. Impôs, pelo terror, ditadura bonapartista sobre um Partido, immobilizado pelo medo, transformado-o em mero instrumento de governo.²⁹ O Burô Político e o Comitê Central passaram a ser consultados rara e ritualmente pelo agora “Pai dos Povos”. Tratou-se de movimento de defesa da burocracia, em geral, e de J. Stalin e

²⁷ CILIGA, A. *Au Pays du Grand Mensonge*. Problèmes et documents. [1937] Paris: Gallimard, 1938. 252 p.

²⁸ Vozes que Venceram a Morte: Os trotskistas prisioneiros de Vekhneuralsk. MAESTRI, Mário. *Domenico Losurdo I: Um farsante na terra dos papagaios*. 2 ed. Porto Alegre: FCM Editora, 2021. p. 177 *et seq.*

²⁹ MARIE, Jean.-Jacques. *Stálin*. Paris: Fayard, 2001.

de seus próximos, em particular, que temiam agora, tamanha era a crise, golpe maturado no interior do próprio aparato partidário.

O Grande Terror (1934-38) golpeou à direita, ao centro, à esquerda, com condenações coletivas à morte, sem julgamento, de dezenas de milhares de acusados, em geral, de sabotagem e de conspiração, responsabilizados pelo desastre econômico: religiosos, mencheviques, sem-partidos, anarquistas, trotskistas; operários manuais e qualificados; camponeses pobres e ricos; professores, médicos, engenheiros, agrônomos, etc. Os que podiam, acusavam e mandavam à morte desafetos, para apoderar-se de uma posição, de um apartamento, de uma *viúva* desejada. Os Trotskistas, reunidos em prisões ou desterrados, foram facilmente objeto de “solução final”, com algumas raras exceções.³⁰ Desta antiga geração escaparam ao massacre Victor Serge e Anta Ciliga (1898-1992) devido às nacionalidades estrangeiras e às campanhas internacionais por suas liberdades. Maria Ioffe, jovem esposa de A. Ioffe, sobreviveu na prisão devido aos azares da sorte, sendo libertada apenas após a desestalinização relativa de 1956.³¹ A “velha guarda” que preparara 1917 e vencera a Guerra Civil foi literalmente aniquilada e, com ela, a memória revolucionária na Rússia. Nos anos 1950 e 1960, as mães assustavam os filhos menores desobedientes ameaçando chamar a “León Trotsky”, que se transfigurara em uma espécie de Bicho Papão.

No exílio, em pleno refluxo da revolução mundial e consolidação do stalinismo, León Trotsky, combatido à morte pelo

³⁰ BROUÉ, P. Os Trotskistas na União Soviética (1929-1938). I e II. Esquerda Marxista. <https://www.marxismo.org.br/os-trotskistas-na-uniao-sovietica-1929-1938/>

³¹ IOFFE, Marie. *One long night: a tale of truth*. N.Y: New Publications, 1978. 248 p.; CILIGA, A. *Au Pays du Grand Mensonge*. Problèmes et documents. [1937] Paris: Gallimard, 1938.

stalinismo, em pleno refluxo da revolução, para avançar a Oposição de Esquerda Internacional apoiou-se em algumas raras figuras de destaque do movimento comunista internacional, sem poder contar com o apoio sólido de nenhum partido operário expressivo. Nesse período, construiu uma cerrada crítica aos desmandos e traições da política stalinista na URSS e no mundo. Nesse processo, precisou a definição do Estado soviético em “estado operário degenerado” e da burocracia como casta, responsável pela contra-revolução de caráter bonapartista, a qual se apoderara do poder, obtendo privilégios, sem questionar as conquistas básicas da revolução de 1917 - a nacionalização da grande propriedade e a planificação.

A partir dessa caracterização, apoiada no método marxista, avançou a proposta da defesa incondicional da economia nacionalizada e planificada da URSS e da necessidade de “revolução política”, para entregar o poder, expropriado pela burocracia, de volta aos trabalhadores organizados em sovietes.³² As derrotas na Alemanha, com o advento do nazismo, em 1933, e a traição da Revolução Espanhola pelo stalinismo, em 1936-9, aprofundaram o refluxo da revolução mundial, dificultando a construção de uma direção revolucionária mundial internacionalista. Consciente de que cedo ou tarde seria alcançado por atentado terrorista stalinista e da proximidade de um grande conflito, que possivelmente abriria às portas à revolução mundial, Trotsky apressou-se a construir nem que fosse um esboço de internacional comunista internacionalista.

Em janeiro de 1937, em Amsterdã, na Holanda, reuniu-se a Conferência Internacional da IV Internacional. Em 3 de

³² TROTSKY, Léon. *Defense du Marxisme*: URSS marxisme et bureaucratie. Paris: études et documentation internationales, 1976; *La nature de l'U.R.S.S.* Paris: François Maspero, 1974; TROTSKY, L. *La Révolution Défigurée*; *La Révolution Trahie*. TROTSKY, León. De la Revolution. Paris: Minuit, 1963.

setembro de 1938, na França, sem a presença de L. Trotsky, refugiado no distante México, único país que lhe concedeu refúgio, fundou-se a IV Internacional, fortemente enfraquecida pelo refluxo da revolução mundial e pela repressão e perseguição empreendida pelo stalinismo, que praticava amiúde o assassinato no exterior dos membros da Oposição de Esquerda Internacional.³³ Em 28 de agosto de 1940, em seu pequeno refúgio-*bunker*, em Coyoacán, na periferia da cidade do México, após diversas tentativas fracassadas, Trotsky foi assassinado por um sicário de Stalin, a seguir condecorado na URSS com a medalha da Ordem de Lenin.³⁴ Gérard Rosenthal, comunista francês e secretário de Trotsky, lembrou que Marx propôs que a história se repetia, primeiro como tragédia, a segunda como farsa. Mas que, nesse caso, a repetição histórica alcançava tragicamente dimensões grandiosas: “Pela segunda vez, Babeuf, reencarnado no gigante preso ao seu rochedo, era fuzilado. O Velho da Montanha – a da Revolução – deixava de viver.”³⁵

De 1939 a 1945, o mundo mergulhou na terrível hecatombe que teria ceifado entre 50 a 70 milhões de mortos.

Em forma geral, os grupos nacionais trotskistas mantiveram-se, durante a guerra, mais ou menos ativos, mas isolados, e sempre duramente perseguidos. Milhares de militantes trotskistas internacionalistas foram executados pelas tropas fascistas, nazistas, japonesas, stalinistas – na China, pelos maoístas; na Iugoslávia, pelos titoistas; na Grécia, pelo PKK, etc.³⁶ No imediato pós-guerra, pequenos grupos e militantes esparsos

³³ FRANK, Pierre. *Naissance de la IV internationale (1930-1940)*. Paris: la Bréche, 1978.

³⁴ BROUÉ, Piérre. *Trotsky*. Paris: Fayard, 1988.

³⁵ ROSENTHAL, Gérard. *Trotsky*. Portugal: Bertrand, 1976. p. 312.

³⁶ DESPALIN, Jacqueline Pluet. *Les trotskistes et la guerra 1940-1944*. Paris: Anthropos Editions, 1980; CRAIPEAU, Yvan. *Lés révolutionnaires pendant la seconde guerre mondiale*. Paris: Savelli, 1977.

reivindicando-se da IV Internacional ensaiaram refundação da organização dispersa, sem contar em suas fileiras com sequer um dirigente internacional de destaque dos anos das grandes revoluções. Em 1943, organizou-se um secretariado europeu. Em abril de 1946, no 2º Congresso Internacional, com delegados principalmente europeus, foram nomeados como principais dirigentes Michel Raptis e, sobretudo, Ernest Mandel, um ex-estudante, que assumiu de fato a direção da Internacional. Ele tinha, na ocasião, 23 anos.³⁷

Curso Novo faz Cem Anos

O *Curso Novo* foi uma publicação que esteve no centro dos sucessos dramáticos que levaram à primeira oposição organizada contra a expropriação do poder político dos trabalhadores pela burocracia bonapartista que se apoderara do governo da URSS. Trata-se de um opúsculo de caráter verdadeiramente profético, onde León Trotsky aplica o método marxista à realidade social, econômica e política da URSS, propondo soluções para os problemas que ameaçavam a primeira ordem operária a se consolidar, como vimos. Apesar de sua importância, é limitado seu conhecimento, com destaque para o Brasil, onde, salvo engano, conhece apenas uma tradução incompleta. Certamente dificulta a leitura do texto o contexto em que se deu sua publicação e a necessidade de Trotsky de responder, muitas vezes, a questões circunstanciais, parte do debate então em curso, ainda que o autor as elevasse, sempre, ao nível geral e programático.

³⁷ MARIE, Jean-Jacques. *Trotsky e o trotskismo*. Lisboa: Dom Quixote, s.d. p. 79 *et seq.*

Como proposto, apesar da sua importância, salvo engano, não há no Brasil tradução completa do *Curso Novo*. Para preencher essa lacuna, ao completar-se os cem anos dessa publicação referencial e do nascimento da Oposição de Esquerda, apresentamos a tradução de *Curso Novo*, do francês ao português, pela linguista belgo-italiana Florence Carboni. Como no caso da tradução do romance de Victor Serge, do francês ao português, também por Florence Carboni, o texto em pdf é de livre consulta, ansiando pela a mais ampla divulgação do mesmo.³⁸ A presente apresentação, sem qualquer pretensão de originalidade, pretende apenas facilitar a leitura do opúsculo, enquadrando-o no debate e confronto de então e nos seus desdobramentos.

Mário Maestri
Beco Passo da Batalha, Viamão, RS, fevereiro de 2023

³⁸ SERGE, Victor. *Meia-noite no século*. Trad. Florence Carboni. Porto Alegre: FCM Editora, 2021. Meia-Noite-Victor-Serge-português.pdf

INTRODUÇÃO DO EDITOR

A brochura de Léon Trotsky, *Curso Novo*, foi publicada em um momento memorável da história do Partido Comunista e da Revolução Russa. É importante que o leitor tenha consciência das condições de sua publicação.

Durante o segundo semestre do ano 1923, houve na Rússia uma crise econômica muito séria, comumente chamada crise das “tesouras”. Essa expressão era de Trotsky, assim como a previsão clarividente do que estava acontecendo. Tendo identificado, desde sua origem, o fenômeno de uma discrepância crescente entre os preços dos produtos agrícolas e os dos objetos manufaturados, Trotsky os representou num gráfico que se apresentava, de modo esquemático, como uma “tesoura” com as lâminas afastadas, a lâmina para cima indicando a elevação dos preços industriais e a para baixo, a diminuição dos preços agrícolas.

Aproximar as lâminas da “tesoura”, isto é, diminuir a discrepância entre os preços da produção urbana e os da produção rural, em outras palavras, alinhar as condições de fabricação com as necessidades do mercado, tal era a tarefa urgente do poder soviético, para sanear a economia e melhorar as condições materiais da maioria dos operários e camponeses.

Ainda que essa questão já tivesse sido colocada no 12º congresso do Partido (abril de 1923), ela não foi resolvida na prática e a situação foi piorando até setembro. Ao ter dificuldade para escoar seus produtos, as fábricas tiveram que desacelerar sua produção e acabaram encontrando-se na impossibilidade de pagar os salários com regularidade. Os salários pagos com

atrasos substanciais e em moeda desvalorizada não satisfaziam mais as necessidades dos operários. O número de desempregados aumentava. Os objetos manufaturados tornavam-se inacessíveis aos operários e à massa camponesa. Isso provocou muito desgosto que, em algumas cidades, expressou-se sob forma de greves.

Em setembro, uma comissão especial nomeada pelo Comitê Central do Partido ficou encarregada de estudar aquela situação e os meios para solucioná-la. Essa comissão estabeleceu que uma das principais causas da crise era a tendência dos organismos industriais (trusts e sindicatos) a realizar lucros excessivos e assim constituir, o mais rapidamente possível, capital de giro. Em outras palavras, a tendência a uma “acumulação primitiva” demasiadamente rápida. A comissão preconizou igualmente uma forte compressão das “despesas gerais”, uma organização de venda menos dispendiosa [dos produtos industriais] e menos burocrática, etc. Ao mesmo tempo, ela preconizava medidas para ativar a exportação dos cereais, de modo a elevar seu valor no mercado interno.

Essas soluções conseguiram conter o desenvolvimento da crise, atenuar sensivelmente sua acuidade, aproximar sensivelmente as lâminas da “tesoura”. Mas elas não podiam resolver de modo definitivo o grande problema da economia russa, o da produção. Logo depois, o próprio Comitê Central teve que aprovar uma série de resoluções sobre a política do Partido.

Enquanto aquela comissão especial estava trabalhando, o Comitê Central tivera que enfrentar dificuldade de outra natureza. A insatisfação decorrente da situação econômica refletia-se no Partido, no qual haviam se formado sobretudo dois grupos clandestinos: “Grupo Operário” e “Verdade Operária”. Um deles professava ideias mencheviques, o outro, ideias sindicalistas-anarquistas. Uma vez esses grupos dissolvidos e a maioria de

seus membros excluídos [do Partido], permanecia a questão de como explicar a formação desses grupos e como evitar que um tal “fenômeno negativo” se reapresentasse. Além disso, a opinião geral do Partido estava visivelmente esboçando-se contra o regime interno do “comunismo de guerra”³⁹, que, no partido, sobreviveu à desaparição do “comunismo de guerra” no país.

Em um documento de 8 de outubro ao Comitê Central, Trotsky expressou sua opinião sobre as questões que lhe foram submetidas. Nele, Trotsky mostrava que medidas repressivas não conseguiriam resolver as dificuldades; que a crise econômica devia-se à insuficiência de aplicação das decisões do 12º Congresso sobre a organização da indústria, sobretudo as que diziam respeito à concentração da indústria e à necessidade de um plano de produção; que a constituição improvisada sob pressão das circunstâncias, de uma comissão especial que interferia na economia, por cima de todos os órgãos de direção existentes, comprovava perfeitamente a necessidade de um centro diretor da economia, encarregado de elaborar um “plano de orientação”, conforme às possibilidades e às necessidades mais urgentes; enfim, que a crise do Partido devia-se à impossibilidade, para a massa de seus aderentes, de trocar seus pontos de vistas, de exercer sua influência sobre a direção, de participar efetivamente nos assuntos do Estado, em virtude do regime interno burocrático do Partido, caracterizado pela existência de uma “hierarquia de secretários” não eleitos, mas nomeados “desde cima”.

Trotsky insistia que fossem implementadas, de modo decisivo, as resoluções do 12º Congresso sobre a economia e para a realização de uma verdadeira “democracia operária” dentro do

³⁹ “Comunismo de Guerra”. Durante a Guerra Civil, orientação prioritária das atividades econômicas para o esforço de guerra contra o Exército Branco e as tropas intervencionistas. [Nota tradução - NT.]

Partido, que, aliás, seria conforme à vontade do 10º congresso – cujas resoluções nesse ponto tinham permanecido letra-morta. Ele anunciava sua intenção, dada a gravidade da situação, de comunicar esse documento a alguns militantes responsáveis do Partido.

Em 15 de outubro, o Comitê Central recebia uma carta assinada por quarenta e seis camaradas notáveis, entre os quais Piatakov, Preobrajensky, Sosnovsky, Beloborodov, Sapronov, Muralov, Antonov, Kassior, Sérébriakov, Rosengoltz, Raphael, etc. Sem ser totalmente idêntico ao de Trotsky, esse documento, no seu conjunto, expressava visões análogas. Ele testemunhava a existência no Partido de uma corrente já consolidada que procurava fazer prevalecer o que Trotsky chamou de “curso novo” da vida do Partido, isto é, um regime que correspondesse às novas tarefas impostas pelo desenvolvimento da situação.

Na mesma época, Radek também enviou ao Comitê Central uma carta na qual não se pronunciava sobre as questões levantadas por Trotsky, mas expressava, em termos prementes, a necessidade de estabelecer rapidamente um acordo com ele.

O Comitê Central orientou-se fortemente no sentido dessas sugestões e, no dia 7 de novembro, o jornal Pravda publicava um artigo de Zinoviev, no qual ele, traduzindo evidentemente a opinião do círculo dirigente, apresentava, de modo favorável, a necessidade da realização da “democracia operária” dentro do Partido e de abrir uma discussão pública.

Em 5 de dezembro, o Comitê Central adotava unanimemente uma resolução destinada a garantir a aplicação efetiva da “democracia operária” no Partido. Sobre essa resolução, Kamenev disse, em uma assembleia dos militantes de Moscou, que ela atendia Trotsky em quase todos os pontos. No entanto, foi intenso o ritmo dessa discussão: após um longo período de

silêncio, a massa do Partido tinha muito a dizer e a publicação da resolução do Comitê Central deu um novo impulso às controvérsias.

O Partido, que pareceu querer compensar a sua prolongada contenção, entregou-se a debates ardentes onde o inevitável aconteceu, isto é, excessos de polêmica de todas as partes. Rapidamente, a discussão inflamou todas as células do Partido. O jornal *Pravda*⁴⁰ chegou a publicar trinta colunas por dia de artigos e de moções. Os “sem-partido” seguiram os debates com o interesse fácil de imaginar; a imprensa mundial deu-lhes sua publicidade deformada.

Trotsky, doente desde o início de novembro (ele já não pudera assistir à comemoração da Revolução, no dia 7 de novembro), ficou impossibilitado de participar diretamente nas discussões do Partido. Teve que se limitar a publicar no *Pravda* alguns artigos (incluídos nessa brochura). No dia 8 de dezembro, ele escreveu, para uma assembleia de militantes de Moscou, uma carta que o *Pravda* publicou dois dias depois e que marcou “uma virada” na discussão. Essa carta (reproduzida nessa brochura) foi considerada, pela maioria do Comitê Central, como uma manifestação “de oposição”, um ato de desconfiança para com essa maioria e seu autor foi objeto, no *Pravda* e nas assembleias, de ataques extremamente violentos. A atenção concentrou-se imediatamente no papel de Trotsky que, de repente, revelou-se diferente da ideia que se tinha dele. A legenda proposta queria que o Comissário do Povo para a Guerra fosse o “ditador” por excelência, propenso a exercitar uma autoridade pessoal. Na realidade, há tempo, ele era um defensor zeloso da “democracia operária” no Partido e o adversário mais determinado da burocracia esterilizante.

⁴⁰ *Pravda*. Órgão oficial do Comitê Central do PCUS, a partir de 1918. [N.T.]

Submetido a críticas terrivelmente injustas, a ataques pessoais inacreditáveis, por ter tornado públicas ideias que ele havia defendido no âmbito secreto das assembleias e dos comitês do Partido e que a maioria dos camaradas compartilhava – a própria resolução do Comitê Central constituía um testemunho irrecusável disso –, Trotsky manteve-se sereno. Àqueles que acreditavam atingi-lo, atribuindo-lhe intenções ou ideias que não eram suas, como comprovam os textos aqui reunidos, e agredindo-o com uma polêmica incompatível com a importância das questões em jogo, Trotsky opôs uma nota sucinta, no *Pravda* de 14 de dezembro, recusando-se a responder-lhes. A seguir, ele escreveu três artigos que completavam em modo perfeito a carta tão discutida. Finalmente, na véspera da 13^a Conferência do Partido, ele publicou a brochura, cuja tradução é aqui publicada.

Tendo, desse modo, feito o esforço que sua saúde fraca [naquele momento] permitia-lhe, ele teve que partir para o Cáucaso para ali submeter-se a uma cura de diversos meses. A notícia da morte de Lenin o surpreendeu dolorosamente durante a viagem de ida: um novo golpe que contribuiu mais ainda para deprimir esse ser sobre-humano que o destino afastava momentaneamente de seu lugar de trabalho e de combate.

Até a 13^a Conferência do Partido, que terminou na véspera da morte de Lenin, impetuosas polêmicas travaram-se contra a “oposição”, isto é, contra todos aqueles que não consideravam definitivamente resolvidos a questão da “democracia operária” e os problemas econômicos pelas resoluções de dezembro do Comitê Central, apesar de que, na teoria e nos pontos essenciais, essas últimas lhes atendessem. De modo a atacar mais facilmente a “oposição”, incluiu-se nesse vocábulo os elementos mais diversos e mesmo não associados; e como a discussão fizera surgir proposições muito variadas, de iniciativa absolu-

tamente pessoal, ou permitira a revelação de pontos de vista particulares, igualmente individuais, todas essas nuances de opinião foram, de modo arbitrário, confundidas em um único e mesmo bloco chamado de “oposicionista”.

Esse procedimento demasiadamente fácil, indigno de uma discussão vital para a Revolução, confundiu as ideias mais claras, embaralhou as noções mais simples e tornou literalmente impossível para os que não dominavam suficientemente as questões tratadas de se pronunciar com pleno conhecimento dos fatos. A discussão, já pervertida na Rússia, levada à International, em ambientes completamente desprovidos da preparação necessária para uma apreciação das tarefas da Revolução Russa, a inevitavelmente degradar-se na confusão, na incompreensão e na mesquinharia – foi o que aconteceu na França.

Após três meses de uma tal discussão, onde os fatos foram deliberadamente deformados, onde a verdade foi sistematicamente desnaturada e onde as questões foram, não estudadas em si, mas exploradas para alimentar os conflitos internos de cada Partido [da International] e certas polêmicas estranhas à crise russa, após três meses de uma tal discussão, a International está menos enobrecida do que nunca. Ela só voltará a sê-lo quando retomar a discussão no seu âmago, ao afastar tudo aquilo que a alterou – os ataques pessoais, as suposições mal intencionadas, as alusões maldosas, os subentendidos ambíguos, as “solicitações” de textos, as afirmações sem provas.

Por isso, consideramos que, segundo uma velha expressão de Victor Hugo, o pequeno livro de Trotsky – *Curso Novo* – “é mais do que atual, ele é urgente”. E nós o publicamos, para que seja lido pelos verdadeiros revolucionários, capazes de se construir uma opinião de modo consciente, que conseguem resistir às exaltações precipitadas, distinguir entre a legenda e a rea-

lidade, discernir o verdadeiro no amontoado confuso do falso, para quem o picacismo não substitui o pensamento crítico nem sua expressão franca e corajosa.

Nessa coletânea, o leitor encontrará todos os escritos públicos de Trotsky referentes à recente discussão. Muitos deles foram publicados pelo jornal *Pravda* e já reproduzidos no Boletim Comunista, sob a direção do autor dessas linhas. Alguns capítulos, que completam de modo admirável os artigos já publicados, são inéditos na França. Não temos receio em afirmar tratar-se de páginas que fazem parte das melhores coisas escritas desde Marx e que se tornarão clássicos como modelos de análise profunda, como exemplos de dialética precisa e forte, como expressão de uma inteligência política apenas comparável à de Lenin.

Quanto contraste entre esses comentários, nos quais a grandiosidade das visões, a nobreza da expressão concorrem com a riqueza das ideias e o valor do pensamento crítico e construtivo, e certas polêmicas dirigidas contra seu autor. É impossível que comunistas realmente conscientes, sérios e atentos não se sintam agredidos por isso. Eles perceberão que não são as opiniões de Trotsky que foram criticadas mas a deformação dessas opiniões. Constatarão que nada do que foi imputado a Trotsky para efeito de polêmica é verdadeiro. E ao ler as passagens que dizem respeito às relações entre comunistas jovens e velhos, ao papel e ao futuro da “velha guarda”, à missão da juventude, aos feitos nocivos da burocracia e do funcionalismo, ao perigo das frações, à necessidade de uma “democracia operária” dentro do Partido, à apreciação do campesinato, à necessidade de um plano de orientação na economia, enfim que dizem respeito a todas as questões controversas, incluindo a luta revolucionária na Alemanha, eles perceberão a ausência de escrúpu-

los intelectuais e morais que caracteriza o modo como alguns apresentaram as coisas na França e, talvez em outros lugares.

No entanto, o que Trotsky escreveu está escrito e ninguém tem o direito de “interpretar” suas palavras distorcendo seu sentido ou sua forma. *Curso Novo* vem logicamente se juntar ao conjunto monumental formado pelas obras anteriores do autor. A filiação que liga todas essas obras é evidente e o pensamento de Trotsky é intimamente ligado, faz literalmente corpo com a ideologia da Revolução Russa e mundial. Claro que esse pensamento não está congelado; não está acima da História; ele foi influenciado por Lenin após o ter sido por Marx. Mas seu contributo original é considerável; ele se enriquece sem parar ao desenvolver-se e revisar a si mesmo; é irmão do pensamento de Lenin, pois possui a mesma origem. E é por isso que Lenin e Trotsky são nossos dois únicos contemporâneos dos quais não se pode distinguir o que eles deram à Revolução do que dela receberam, dos quais pode-se dizer que tudo aquilo que os golpeia, golpeia ao mesmo tempo a Revolução.

Portanto, rejeitamos as objeções superficiais e estúpidas que procurariam nos acusar de não sei qual culto da personalidade. Ao contrário, nos levantamos contra a tendência existente de deificar Lenin, de transformar o leninismo numa religião, a obra do mestre em um evangelho. Segundo esse modo de ver, aos comunistas de toda a terra, do presente e dos tempos futuros, bastaria repetir, mecanicamente, fórmulas, mais ou menos corretamente interpretadas por oficiantes, oficiais ou informais, que os poupariam de pensar, estudar, criticar, compreender, conceber. Tal maneira de perpetuar o leninismo seria uma intolerável ofensa à memória de Lenin e um perigo mortal para a Revolução. Trotsky deixou sua apreciação dessa atitude em páginas inesquecíveis (ver adiante o capítulo “Tradição e política revolucionária”).

Lenin é nosso mestre e pretendemos permanecer, de modo indefetível, fiéis ao seu exemplo, sem, porém, nunca abdicar de nosso espírito crítico, ao aplicar nossas faculdades no estudo consciente de cada questão, ao formar conscientemente nossa opinião após ter feito o esforço de assimilar os dados por ele fornecidos, demonstrando sempre, em relação ao nosso Partido e à nossa classe, dessa franqueza revolucionária e honestidade proletária, sem as quais não há confiança mútua entre combatentes de uma mesma causa. Portanto, não há Partido nem Revolução possível.

O que dissemos é que está errado quem acredita poder diminuir Trotsky sem diminuir ao mesmo tempo a Revolução russa e a Internacional às quais ele deu o melhor de si. O que sabemos é que as ideias aqui expostas por Trotsky impuseram-se ao Partido Comunista Russo que as fez suas, apesar do que tenha sido feito para mascarar esse fato com nuvens de falácias. Temos certeza de estar fazendo nosso dever de discípulo de Lenin, ao divulgar, submeter à crítica, colocando na discussão a nova obra de um mestre do pensamento comunista do qual a História lembrará como o autêntico discípulo e sucessor da obra de Marx e Lenin.

Boris Souvarine.⁴¹

Paris, 15 de abril de 1924.

⁴¹ Boris Souvarine, 1895-1984. Ucraniano de origem judaica, transferido ainda criança para a França, onde militou desde os 14 anos. Bolchevique. Participa do 3º Congresso da Internacional Comunista, em Moscou, em 1921. Participou da fundação do PCF e foi seu representante na 3ª Internacional. Se opôs à campanha difamatória de L. Trotsky. Em 1924, é expulso da III Internacional. Integra a Oposição Unificada e organiza grupos anti-stalinistas na França. Rompe com Trotsky ao definir a URSS como capitalismo de Estado. Com a II Guerra, evolui para posições reformistas e anti-soviéticas. [N.T.]

PREFÁCIO

Esta brochura aparece com um atraso considerável: a doença me impediu de publicá-la mais cedo. No entanto; essas questões só foram postas na discussão que se desenvolveu até agora.

Em torno dessas questões, relacionadas ao regime interno do Partido e à economia do país, levantaram-se, durante a discussão, nuvens de poeira que formam muitas vezes um véu quase impenetrável e queimam os olhos. Mas isso vai passar. As nuvens de poeira se dissiparão. Os contornos reais das questões aparecerão. O pensamento coletivo do Partido irá retirar progressivamente dos debates aquilo que lhe for necessário, adquirir maturidade e se tornar mais seguro de si. E, desse modo, a base do Partido se ampliará e sua direção se consolidará.

É nisso que consiste o sentido objetivo da resolução do Comitê Central sobre o “curso novo” do Partido, independentemente das interpretações restritivas de que é objeto. Todo o trabalho anterior de depuração do Partido, de crescimento de sua instrução política, de seu nível teórico e do nível de educação prática de seus funcionários só poderá verdadeiramente encontrar seu êxito na ampliação e intensificação da atividade autônoma de todo o Partido, atividade que é a única garantia séria contra todos os perigos ligados à Nova Política Econômica⁴² e à lentidão do desenvolvimento da revolução europeia.⁴³

⁴² N.E.P – Nova Política Econômica aprovada em 1921, pelo CC do PCUS, liberando as pequenas e médias atividades mercantis-capitalistas, devido à situação social e econômica dramática, após a Guerra Civil e o Comunismo de Guerra. [N.T.]

⁴³ Após o impulso da revolução, com vitória na Rússia, em 1917, e fracasso na Alemanha, na Hungria, na Áustria, na Itália, etc., a revolução mundial conheceria refluxo, aprofundado pela derrota na Alemanha, em 1923, sem luta, e na China, em 1927. [N.T.]

Mas é óbvio que o “curso novo” do Partido só pode ser um meio e não um fim em si. Para o período que se abre, podemos afirmar que seu valor será determinado na medida exata em que ele nos facilitará a solução de nossa tarefa econômica.

A administração de nossa economia estatal é necessariamente centralizada. O resultado foi, nos primeiros tempos, que as questões e as divergências de opiniões, ligadas à direção econômica central, limitaram-se a um círculo estreito de pessoas. O pensamento do Partido no seu conjunto não foi ainda exercido diretamente sobre as questões e as dificuldades fundamentais da direção metódica da economia estatal. No próprio 13º Congresso⁴⁴, as questões referentes ao plano da economia foram abordadas apenas formalmente. Isso explica, em boa parte, que, até tempos recentes, os caminhos e os métodos fixados na resolução daquele congresso, não foram praticamente aplicados e que o Comitê Central teve, nestes últimos dias, de colocar novamente a questão da necessidade de aplicar as decisões econômicas do 12º Congresso, em particular as referentes ao GOSPLAN.⁴⁵

Entretanto, mais uma vez, a decisão do Comitê Central foi acolhida por muitos com reflexões célicas sobre o GOSPLAN e sobre a realização do plano pela direção. Esse ceticismo não diz respeito a nenhum pensamento criativo, nenhuma teoria, nada de sério. E, se este ceticismo barato é tolerado no Partido, é precisamente porque o pensamento coletivo do Partido ainda não abordou claramente as questões da direção metodológica da economia. Embora a sorte da revolução dependa inteiramente da aplicação bem-sucedida dessas decisões.

⁴⁴ 12º Congresso do PCUS, Moscou, de 17 a 25 de abril de 1923. [N.T.]

⁴⁵ Gosplan, Comitê Estatal de Planejamento, criado em 22.02.1921, para planejar a economia soviética. Inicialmente, teve função consultiva e, 1925, iniciou a delimitar metas e planos.[N.T.]

É somente no seu último capítulo que esta brochura aborda a questão das relações entre o “plano” e a direção, e isto em relação a um exemplo particular que não escolhemos arbitrariamente, mas que nos foi imposto pela discussão no interior do Partido. Espera-se que, na próxima etapa, o pensamento do Partido abordará todas estas questões de um modo muito mais concreto que atualmente. Para quem segue a discussão econômica atual enquanto espectador - e essa é agora a minha situação -, parece que o Partido voltou um ano atrás para interpretar de maneira mais crítica as decisões do 12º Congresso. Disso resulta que as questões que, de certo modo, eram o monopólio de um círculo restrito, concentram, pouco a pouco, a atenção de todo o Partido. No que me diz respeito, só posso aconselhar aos camaradas que abordam as questões econômicas que estudem atentamente os debates do 12º Congresso sobre a indústria e os aproximem adequadamente à discussão atual. Espero poder retornar proximamente a estas questões.

* * *

É preciso reconhecer que, durante a discussão oral e escrita do Partido, foi implementada uma enorme quantidade de “fatos” e informações que não tem nada a ver com a realidade e representam, para usar um eufemismo, o fruto de inspirações passageiras. Comprovamos isso neste livro. No fundo, recorrer a meios tão “marcantes” é demonstrar uma falta de respeito para com o Partido. E, de meu ponto de vista, o Partido deve responder a estes procedimentos com uma verificação minuciosa das citações, dos números e dos fatos avançados. Este é, para o Partido, um excelente meio de educar as massas e de proceder à sua própria educação.

Nosso Partido é suficientemente maduro para não ser obrigado a se refugiar na apatia ou, ao contrário, em discussão

furiosa. Um regime de democracia mais estável assegurará à nossa discussão o caráter que ela deve ter e aprenderá a apresentar ao Partido apenas dados cuidadosamente verificados. Neste aspecto, a opinião pública do Partido deve se formar na arte da crítica implacável. As células de fábricas devem, na sua prática diária, verificar tanto os dados da discussão quanto suas conclusões. Seria igualmente muito útil que, nas escolas, a juventude tenha como objeto de seus trabalhos históricos, econômicos, estatísticos a verificação minuciosa dos dados implementados na discussão atual do Partido e sobre os quais este último apoiará suas decisões, amanhã e depois de amanhã.

Repto, a aquisição mais importante que o Partido tenha feito e que ele deve conservar consiste no fato de que as questões econômicas capitais, que anteriormente eram resolvidas em algumas poucas instituições, estão agora no centro da atenção da massa do Partido. Entremos em um novo período. As nuvens de poeira levantadas pela discussão se dissiparão, os dados falsos serão rejeitados pelo Partido, que manterá os olhos fixos nas questões fundamentais da organização econômica. A revolução ganhará com isso.

León Trotsky

Postscript: Esta brochura contem, além dos capítulos publicados no Pravda, alguns novos capítulos, a saber: “O burocratismo e a revolução”; “Tradição e política revolucionária”; “A subestimação do campesinato”; “O Plano na Economia”. Quantos aos artigos já publicados, os reproduzi aqui sem mudar uma só palavra: isso permitirá que os leitores julguem o quanto o sentido foi e continua sendo, às vezes, monstruosamente desnaturalizado durante a discussão.

A questão das gerações no partido

Em uma das resoluções adotadas durante a discussão de Moscou, houve queixa de que a questão da democracia do Partido complicou-se com discussões sobre as relações das gerações, com ataques pessoais, etc. Essa queixa testemunha uma certa confusão de ideias. Ataques pessoais e relações de geração são duas coisas completamente diferentes. Colocar agora a questão da democracia sem analisar a militância do Partido, de um ponto de vista social, assim como do ponto de vista da idade e do estágio político, seria afogá-la no vazio.

Não é por acaso que a questão da democracia colocou-se inicialmente como problema de relações entre as gerações. É o resultado lógico de toda a evolução de nosso partido. Podemos, de modo esquemático, dividir sua história em quatro períodos: a) preparação de um quarto de século, indo até Outubro; b) Outubro; c) período consecutivo a Outubro; d) “Curso Novo”, isto é, o período no qual estamos entrando.

Apesar de sua riqueza, sua complexidade e da diversidade das etapas superadas, vemos agora que o período anterior a Outubro só foi um período preparatório. Outubro permitiu verificar a ideologia e a organização do Partido e de seus militantes. Quando falamos de “Outubro”, referimo-nos ao período mais agudo da luta pelo poder, que podemos fazer iniciar aproximadamente com as “Teses de Abril” de Lenin⁴⁶ e que se

⁴⁶ Teses de Abril de 1917, defendidas por Lenin, quando de seu retorno à Rússia, diante do CC do Partido Bolchevique, propondo a necessidade imperiosa da conquista do poder pelos soviетes e, portanto, cerrando a porta a qualquer colaboração com o governo provisório. [N.T.]

materializam no assalto e controle do aparelho do Estado. Embora só tenha durado alguns meses, esse período não é menos importante pelo seu conteúdo do que todo o período de preparação que se mede em anos e em dezenas de anos. Outubro não apenas permitiu uma verificação infalível, única no seu gênero, do passado do Partido, mas tornou-se ele próprio em uma fonte de experiência para o futuro. Graças a Outubro que o Partido pode, pela primeira vez, compreender seu justo valor.

À conquista do poder seguiu-se um crescimento rápido, mesmo anormal, do Partido, que atraiu não apenas trabalhadores pouco conscientes como também alguns elementos nitidamente estranhos ao seu espírito: funcionários, carreiristas, politiqueiros. Neste período caótico, o Partido conservou sua natureza bolchevique apenas graças à ditadura interna da velha guarda que havia dado provas de seu valor em Outubro. Nas questões mais ou menos importantes, todos os novos membros aceitavam, então, quase sem discussão, a direção da velha geração. Os arrivistas consideravam essa docilidade como o melhor meio de consolidar sua situação no Partido. Mas seus cálculos foram frustrados. Com uma depuração rigorosa de suas próprias filas, o Partido livrou-se deles. Seu efetivo diminuiu, mas sua consciência aumentou. Esta auto-verificação, esta depuração permitiram que o partido do pós-Outubro se visse, pela primeira vez, como uma coletividade que não tinha apenas como função deixar-se dirigir pela velha guarda, mas de examinar e de decidir, ela mesma, as questões essenciais da política. Neste sentido, a depuração e o período crítico a ela ligado são de certo modo a preparação a essa profunda reviravolta que se manifesta agora na vida do Partido e que entrará certamente na sua história sob o nome de “Curso Novo”.

Há algo que temos que compreender: o essencial das dissensões e das dificuldades atuais não reside no fato de que os “secretários” exageraram em relação a certos pontos e que é necessário chamar sua atenção, mas no fato de que *o conjunto do Partido se dispõe a passar a um estágio histórico mais elevado*. De certo modo, a massa dos comunistas diz aos dirigentes: “Camaradas, vocês têm a experiência de antes de Outubro, que falta à maior parte de nós; mas, sob vossa direção, adquirimos, após Outubro, uma grande experiência, que se torna cada dia mais considerável. E nós queremos não apenas ser dirigidos por vocês, mas participar com vocês na direção do proletariado. Nós o queremos, não apenas por que é nosso direito, como membros do Partido, mas também por que é absolutamente necessário ao progresso da classe operária. Sem a nossa experiência, nós que estamos na base do Partido – experiência que as esferas dirigentes não devem apenas levar em conta, mas que nós mesmos temos que levar à vida do Partido –, o aparelho dirigente se burocratiza e, nós, comunistas de base, não nos sentimos suficientemente armados ideologicamente diante dos sem-partido.

A reviravolta atual é, eu já disse, o resultado de toda a evolução anterior. Processos moleculares, invisíveis à primeira vista, na vida e na consciência do Partido, preparavam-na há tempo. A crise econômica deu um forte impulso ao pensamento crítico. O anúncio dos acontecimentos da Alemanha fez o Partido se movimentar.⁴⁷ Neste momento, ficou muito claro que o Partido vive de certo modo em dois andares: o andar superior, onde se decide, e o andar inferior, onde apenas se toma conhe-

⁴⁷ Revolução Alemão de 1923. A ocupação do Ruhr e a crise econômica e política consolidaram crise revolucionária e puseram em meados de 1923 a questão do assalto ao poder pelo Partido Comunista Alemão que, entretanto, suspendeu a insurreição, em dezembro daquele ano. [N.T.]

cimento das decisões. Ainda assim, a revisão crítica do regime interior do Partido foi adiada pela expectativa ansiosa do desfecho, que parecia próximo, dos acontecimentos na Alemanha. Quando ficou claro que, por força das circunstâncias, este desfecho seria retardado, o Partido colocou na ordem do dia a questão do “curso novo”.

Como ocorre frequentemente na história, foi precisamente durante aqueles últimos meses que o aparelho mostrou suas características mais negativas e mais intoleráveis: isolamento da massa, suficiência burocrática, desprezo completo do estado de espírito, dos pensamentos e das necessidades do Partido. Impregnado de burocratismo, o aparelho rejeitou desde o início, com uma violência hostil, as tentativas de colocar na ordem do dia a questão da revisão do regime interno do Partido.

Isto, é claro, não quer dizer que o Partido seja composto unicamente por elementos burocratizados nem, com maior razão, por burocratas comprovados e incorrigíveis. O período crítico atual, cujo sentido eles irão assimilar, ensinará muito à maioria dos seus membros e os fará renunciar à maior parte de seus erros. Em última instância, o reagrupamento ideológico e orgânico que surgirá da atual guinada terá consequências positivas para a massa dos comunistas e para o aparelho. Contudo, neste último, tal como se apresentou no limiar da crise atual, o burocratismo tinha atingido um desenvolvimento excessivo, verdadeiramente alarmante. E é isso que dá ao reagrupamento ideológico atual um caráter tão urgente que ele suscita legítimas preocupações.

Há dois ou três meses, o simples fato de assinalar o burocratismo do aparelho, a autoridade excessiva dos comitês e dos secretários era recebido pelos representantes responsáveis do “antigo curso”, nas organizações centrais e locais, com indiferença ou com protestos indignados. As nomeações transformadas

em sistema? Imaginação pura. O formalismo, o burocratismo? Invenções da oposição pelos simples prazer de fazer oposição, etc. Estes camaradas, com toda a sinceridade, não compreendiam o perigo burocrático que eles mesmos representavam. Foi apenas sob a pressão da base que eles começaram, pouco a pouco, a reconhecer que havia, de fato, manifestações de burocratismo, mas apenas em algumas regiões e em certos distritos, e que isto, aliás, não passava de desvios ocasionais, etc. Segundo eles, o burocratismo era nada mais que uma sobrevivência do período de guerra, ou seja, um fenômeno em processo de desaparecimento. Inútil dizer quanto são falsas esta concepção dos fatos e essas explicações.

O burocratismo não é um traço fortuito de algumas organizações provinciais, ele constitui um fenômeno geral. Ele não vai do distrito à organização central por intermédio da organização regional. Mas antes da organização central ao distrito por intermédio da organização regional. Nem é de forma alguma uma “reminiscência” do período de guerra; ele decorre do fato de terem sido transferidos dentro do Partido os métodos e os procedimentos administrativos acumulados durante esses últimos anos. Por exageradas que tenham sido, algumas vezes, as formas que o burocratismo do período da guerra assumiu, ele não era nada em comparação ao burocratismo atual, que se desenvolveu em tempos de paz, quando o *aparelho*, apesar da maturidade ideológica do Partido, continuava obstinadamente a pensar e a decidir por ele.

Por isso a resolução do Comitê Central sobre a organização do partido tem, do ponto de vista dos princípios, uma importância imensa, da qual o Partido deve absolutamente dar-se conta. Seria, de fato, indigno considerar que o sentido profundo das decisões tomadas reduz-se a modificações técnicas na organização e que se queira limitar-se a exigir dos secretários e dos

comités mais “doçura”, mais “solicitude” em relação à massa. A resolução do Comitê Central fala de “curso novo”. O partido prepara-se a entrar em uma nova fase de desenvolvimento. Não se trata, é claro, de acabar com os princípios de organização do bolchevismo, como alguns procuram dar a entender, mas sim de aplicar esses princípios às condições da nova etapa do Partido. Trata-se, acima de tudo, de instaurar relações mais sadias entre os antigos quadros e a maioria dos membros que chegaram ao partido após Outubro.

A preparação teórica, a têmpera revolucionária, a experiência política representam nosso capital fundamental, cujos principais detentores são os antigos quadros do Partido. Por outro lado, o Partido é essencialmente uma organização democrática, isto é, uma coletividade cuja orientação depende do pensamento e da vontade de todos. É claro que, na complicada situação do período imediatamente consecutivo a Outubro, o Partido encontrava melhor seu caminho na medida em que ele utilizava, de modo mais completo, a experiência acumulada pela velha geração, à qual ele confiava os postos mais importantes na organização.

O resultado dessa realidade foi que, desempenhando a função de dirigente do partido e absorvida pelas questões administrativas, a velha geração habituou-se e habitua-se a pensar e decidir pelo partido e instaura, em forma preferencial, para a massa comunista, métodos puramente escolares, pedagógicos, de participação na vida política: cursos de instrução política elementar, verificação dos conhecimentos, escolas do Partido, etc. Dali o burocratismo do aparelho, seu isolamento em relação à massa, sua existência separada, em suma, todos os traços que constituem o lado profundamente negativo do “antigo curso”. O fato que o Partido vive em dois andares diferentes comporta inúmeros perigos, dos quais falei na minha carta sobre os velhos

e os jovens. (É claro que por “jovens”, entendo não apenas os estudantes, mas também toda a geração que chegou ao partido após Outubro, a começar pelos jovens das células de fábricas.).

Como se manifestava o mal-estar cada vez mais acentuado do partido? No fato que a maioria de seus membros pensava: “Vá lá que o aparelho pensa e decide bem ou mal, o fato é que ele, demasiadas vezes, pensa e decide sem nós e em nosso lugar. Quando, porventura, manifestamos incompreensão, dúvida, expressamos uma objeção, uma crítica, eles nos chamam a atenção e nos exigem disciplina; na maioria das vezes, somos acusados de fazer oposição ou até mesmo de querer constituir frações. Somos dedicados ao partido até a medula dos ossos e estamos prontos a tudo sacrificar por ele. Mas queremos participar ativamente e conscientemente à elaboração de suas decisões e à escolha de seus modos de ação.” É inegável que as primeiras manifestações desse estado de espírito passaram despercebidas, o aparelho dirigente não as levou em conta, e isso foi uma das razões principais dos agrupamentos, dos quais não devemos, é claro, exagerar a importância, mas cujo alcance não pode certamente ser ignorado e que devem constituir para nós uma advertência.

O maior perigo do “antigo curso”, que resulta de causas históricas gerais como também de nossos erros particulares, é que o aparelho manifesta uma tendência progressiva a opor alguns milhares de camaradas, que formam os quadros dirigentes, ao resto da massa, que, para eles, constitui apenas um meio de ação. Se um tal regime persistisse, ele poderia, com o tempo, levar a uma degenerescênciam do Partido, nos seus dois polos, isto é, entre os jovens e entre os quadros. No que diz respeito à base proletária do partido – as células de fábrica, os estudantes, etc. – o perigo é claro, pois, se não se sentirem participar ativamente no trabalho geral do Partido e não virem

suas aspirações satisfeitas, muitos comunistas procurarão atividades alternativas sob a forma de grupos e frações de todo tipo. É precisamente nesse sentido que mencionamos a importância sintomática de organizações como o “grupo operário”.⁴⁸

No entanto, no outro extremo, não menos importante, está o perigo desse regime, que já foi longe demais, e que se tornou para o partido sinônimo de burocratismo. Seria ridículo não compreender ou recusar-se a enxergar que a acusação de burocratismo formulada na resolução do Comitê Central é dirigida contra os quadros do partido. Em relação à linha ideal, não se trata de desvios isolados de práticas, mas sim da política geral do aparelho, de sua tendência profunda. É preciso ser cego para não enxergar que o burocratismo comporta um perigo de degenerescência. No seu desenvolvimento gradual, a burocratização ameaça afastar os dirigentes das massas e levá-los a concentrar sua atenção unicamente em questões de administração e nomeações; corre também o risco de estreitar seu horizonte, enfraquecer seu sentido revolucionário, isto é, provocar uma degenerescência mais ou menos oportunista da velha guarda ou, ao menos, de uma parte considerável da mesma. Tais processos desenvolvem-se lentamente e quase que insensivelmente, mas revelam-se bruscamente. Somente a suscetibilidade sombria e a arrogância dos burocratas podem considerar essa advertência, fundada na previsão marxista objetiva, como um “ultraje”, um “desacato”, etc.

Porém, *de fato*, poderíamos nos perguntar se é realmente tão grande o perigo de uma tal degenerescência. O fato do Partido ter compreendido ou sentido esse perigo e tentado ate-

⁴⁸ Grupo Operário do Partido Comunista Russo, 1923. Defendia a direção do Estado e da economia pelos sovietes com delegados eleitos nos locais da produção e atacava duramente a NEP e a burocracia. Seus militantes foram reprimidos no mesmo ano e engolidos pelo massacre dos anos 1930. [N.T.]

nuá-lo – o que provocou especificamente a resolução do Comitê Central – atesta sua profunda vitalidade e, por isso mesmo, revela as poderosas reservas de antídoto de que ele dispõe contra o veneno burocrático. É nisso que reside a principal garantia de sua salvação enquanto partido revolucionário. Mas se o “antigo curso” tentar manter-se, a todo custo, através da compressão dos efetivos, de uma seleção cada vez mais severa ou da intimidação, isto é, através de procedimentos que denotem uma falta de confiança no Partido, o perigo efetivo de degenerescência de uma parte considerável dos quadros aumentará inevitavelmente.

O partido não pode viver unicamente das reservas do passado. O passado serviu para preparar o presente. Mas é preciso que o presente esteja, na ideologia e, na prática, à altura do passado, de modo a preparar o futuro. A tarefa do presente é deslocar o centro da atividade em direção à base.

Talvez alguns possam dizer que esse deslocamento do centro de gravidade não se realiza de uma só vez; que o partido não pode “atirar fora” a velha geração e viver imediatamente uma nova vida. Mas não vale a pena deter-se nesse argumento, estupidamente demagógico. Querer jogar fora a velha geração seria uma loucura. Precisamente, o necessário é que essa velha geração mude de orientação e, por meio disso, possa exercer no futuro uma influência preponderante sobre toda a atividade autônoma do Partido. É preciso que ela considere o “curso novo” não como uma manobra, um procedimento diplomático ou uma concessão temporária, mas sim como uma nova etapa no desenvolvimento político do Partido, unicamente em proveito da geração dirigente e do conjunto do Partido.

A composição social do partido

Naturalmente, a crise interna do Partido não se limita às relações entre gerações. Historicamente, em um sentido mais amplo, a sua solução é determinada pela composição social do partido e, sobretudo, pela proporção das células de fábricas e dos proletários industriais.

O primeiro cuidado da classe operária após a tomada do poder foi de criar um aparelho de Estado (exército, órgãos de direção da economia, etc.). No entanto, a participação dos operários nos aparelhos cooperativos, de Estado e outros implicava um enfraquecimento das células de fábricas e um acréscimo excessivo, no Partido, dos funcionários, sejam eles ou não de origem proletária. É ali que reside o problema, que só poderá ser resolvido com progressos econômicos consideráveis, com uma forte impulsão dada à vida industrial e com um afluxo constante de operários manuais dentro do Partido.

Com qual rapidez irá efetuar-se esse processo fundamental e por quais fluxos e refluxos ele passará? Por enquanto, é difícil prever. É claro que, no atual estágio do nosso desenvolvimento econômico, é preciso fazer todo o possível para atrair ao partido a maior quantidade de trabalhadores fabris. Mas só conseguiremos modificar seriamente os efetivos do Partido (de modo, por exemplo, que as células de usinas constituam dois terços dele) de modo muito lento e apenas se apoiando em progressos econômicos notáveis. De todo modo, devemos prever um período ainda muito longo durante o qual os membros mais experimentados e os mais ativos do partido (incluindo, naturalmente, os comunistas de origem proletária) serão absorvidos

por diversas funções do aparelho do Estado, sindical, cooperativo e partidário. E, por si próprio, esse fato implica um perigo, pois constitui uma das fontes do burocratismo.

A educação da juventude ocupa e ocupará necessariamente um lugar excepcional no Partido. Porém, ao formar – nas nossas faculdades operárias, nossas universidades, nossos estabelecimentos de ensino superior – o novo contingente de intelectuais, que conta com uma forte proporção de comunistas, destacamos consequentemente os jovens elementos proletários da fábrica, não apenas durante o período de seus estudos, mas, em geral, por toda a vida. Quanto à juventude operária, que passou pelas escolas superiores, é provável que ela seja destinada inteiramente ao aparelho industrial do Estado e do Partido. Esse constitui o segundo fator de destruição do equilíbrio interno do partido, em detrimento de seus núcleos fundamentais, as células de fábricas.

A questão da origem – proletária, intelectual ou outra – dos comunistas tem, evidentemente, sua importância. No período imediatamente consecutivo à Revolução, a questão da profissão exercida antes de Outubro parecia até mesmo decisiva. De fato, a afetação dos operários a tal ou tal função soviética parecia, naquele então, uma medida provisória. Atualmente, desse ponto de vista, houve uma transformação profunda. Não há dúvida que os presidentes de Comitês Regionais (1) ou os Comissários de Divisões (2), representam um tipo social determinado, independentemente da origem de cada um deles. Durante os últimos seis anos, formaram-se, no regime soviético, grupos sociais relativamente estáveis.

Portanto, atualmente, e por um período relativamente bastante longo, uma parte considerável do Partido, representada pelos comunistas mais competentes, está sendo absorvida pelos diversos aparelhos de direção e de administração civil,

militar, econômica, etc.; uma outra parte, igualmente importante, está realizando seus estudos; uma terceira, está dispersa no campo onde ela pratica a agricultura; somente a quarta categoria (que atualmente representa menos de um sexto dos efetivos) compõe-se de proletários de fábrica. É claro que o desenvolvimento do aparelho do Partido e a burocratização inerente a esse desenvolvimento não resultam das células de fábricas reagrupadas por meio do aparelho, mas de todas as outras funções que o partido exerce através dos aparelhos estatais de administração, de gestão econômica, de comando militar, de ensino. Em outras palavras, a origem do burocratismo reside na concentração crescente da atenção e das forças do Partido nas instituições e nos aparelhos governamentais, assim como na lentidão do desenvolvimento da indústria.

Esse estado de coisas deve nos fazer compreender os perigos de degenerescência burocrática dos quadros do Partido. Seria um fetichismo considerá-los como sendo, definitivamente, imunes a qualquer perigo de empobrecimento ideológico e de degenerescência oportunista, unicamente porque freqüentaram a melhor escola revolucionária do mundo. A história é feita pelos homens, mas os homens não fazem sempre conscientemente a história, inclusive a deles mesmos. Em última instância, essa questão será resolvida por dois grandes fatores, de importância internacional: a marcha da revolução na Europa e a rapidez de nosso desenvolvimento econômico. Porém, rejeitar, de modo fatalista, toda a responsabilidade sobre esses fatores objetivos seria um erro, do mesmo modo que procurar garantias unicamente em um radicalismo subjetivo herdado do passado. Na mesma situação revolucionária e nas mesmas condições internacionais, o Partido resistirá mais ou menos às tendências desorganizadoras conforme ele estiver mais ou menos

consciente dos perigos e lutará contra esses perigos com maior ou menor vigor.

É evidente que a heterogeneidade da composição social do partido, longe de enfraquecer os lados negativos do “antigo curso”, os exacerba ao extremo. O único meio de triunfar do corporativismo, do espírito de casta dos funcionários, é realizar a democracia. Ao alimentar a “calma”, o burocratismo desune o partido e golpeia igualmente, ainda que de modo diferente, as células de fábricas, os trabalhadores produtivos, os militares e a juventude das escolas.

A juventude, como vimos, reage de modo particularmente vigoroso contra o burocratismo. A tal ponto que Lenin havia proposto, para combatê-lo, recorrer amplamente aos estudantes. Pela sua composição social e suas ligações, a juventude das escolas representa todos os grupos sociais de nosso Partido, assim como seu estado de espírito. Sua sensibilidade e seu fulgor a levam a dar imediatamente uma resposta ativa a esse estado de espírito. Por *estar estudando*, ela se esforça para explicar e generalizar. Isso não significa necessariamente que todos os seus atos e seus estados de espírito refletem tendências sadias. Se assim fosse, significaria – e não é o caso – ou que tudo vai bem no Partido, ou que a juventude não é o reflexo do Partido.

Em princípio, é correto afirmar que nossa base não são os estabelecimentos de ensino, mas sim as células de fábricas. No entanto, ao dizer que a juventude é nosso barômetro, estamos dando às suas manifestações políticas um valor não essencial mas sintomático. O barômetro não faz o tempo; só o registra. Em política, o tempo se forma nas profundezas das classes e nas esferas onde estas últimas entram em contato umas com as outras. As células de fábricas criam uma ligação direta entre o partido e a classe, essencial para nós, do proletariado industrial. As células rurais criam uma ligação muito mais fraca

entre o Partido e o campesinato. É principalmente através das células militares, colocadas em condições especiais, que somos ligados ao campesinato. Quanto à juventude das escolas, recrutada em todas as camadas e estratificações da sociedade soviética, ela reflete, na sua composição variada, todos os nossos defeitos e nossas qualidades, e seria uma insensatez não prestar a maior atenção ao seu estado de espírito. Além disso, uma parte considerável de nossos novos estudantes são comunistas com uma experiência revolucionária bastante grande. E os apoiadores do “aparelho” fazem mal em desprezar a juventude, pois ela é meio de nos controlarmos a nós mesmos, nossos futuros substitutos e é a ela que o futuro pertence.

Mas voltemos à questão da heterogeneidade dos grupos do partido, separados uns dos outros pelas suas funções no Estado. Reiteramos que o burocratismo do Partido não é uma sobrevivência do período anterior, em via de desaparecimento. Ao contrário, se trata de um fenômeno essencialmente novo, decorrente das novas tarefas, das novas funções, das novas dificuldades e de novos erros do Partido.

O proletariado realiza a sua ditadura através do Estado soviético. O partido comunista é o partido dirigente do proletariado e, assim sendo, de seu Estado. Se trata, portanto, de realizar esse poder na ação, sem amalgamá-lo no aparelho burocrático do Estado, de modo a não incorrer em uma degenerescência burocrática.

Os comunistas encontram-se reagrupados de modo diferente em função de estarem no Partido ou no aparelho de Estado. Nesse último, eles são ordenados de forma hierárquica, uns em relação aos outros e aos sem-partido. Dentro do Partido, todos são iguais, no que diz respeito à determinação das tarefas e dos métodos de trabalho fundamentais. Os comunistas trabalham nas fábricas, fazem parte de comitês de fábricas, adminis-

tram as empresas, os *trusts*, os sindicatos,⁴⁹ dirigem o Conselho da Economia Popular, etc. Na direção que ele exerce sobre a economia, o Partido tem e deve ter em conta a experiência, as observações, a opinião de todos seus membros instalados nos diversos graus da escala da administração econômica. A vantagem, essencial e incomparável, de nosso Partido, consiste na possibilidade que ele tem de observar a indústria com os olhos do torneiro comunista, do especialista comunista, do diretor comunista, do comerciante comunista; pode reunir a experiência desses trabalhadores que se completam uns e outros, extrair resultados e, assim, determinar uma linha de direção da economia em geral, assim como de cada empresa em particular.

Fica claro que essa orientação só é realizável em base na democracia viva e ativa no seio do Partido. Quando, ao contrário, prevalecem os métodos do “aparelho”, a direção exercida pelo partido dá lugar à administração exercida pelos órgãos executivos do mesmo – comitê, *burô*, secretário, etc. Fortalecendo-se esse sistema, todas as questões ficam concentradas nas mãos de um pequeno grupo, eventualmente de um secretário apenas, que nomeia, destitui, impõe diretivas, inflige sanções, etc.

Com uma tal concepção da direção, a principal superioridade do Partido – sua experiência coletiva múltipla –, passa a um segundo plano. A direção assume um caráter puramente organizativo e degenera frequentemente em mando puro e em questiúnculas. O aparelho do partido entra cada vez mais no detalhe das tarefas do aparelho soviético, vive das suas preocupações diárias, se deixa cada vez mais influenciar por estas últimas e, diante dos detalhes, perde de vista as grandes linhas.

⁴⁹ Trusts e sindicatos significam, aqui, grupos de empresas nacionalizadas.

Se é correto dizer que a organização do Partido, enquanto coletividade, é sempre mais rica em experiência que qualquer órgão do aparelho estatal, não se pode dizer o mesmo de funcionários individuais. Seria ingênuo acreditar que, em virtude de seu título, um secretário reúne todos os conhecimentos e toda a competência necessários para a direção de sua organização. Na realidade, cria-se um aparelho auxiliar, com seções burocráticas, uma informação burocrática, e esse aparelho, que o aproxima do aparelho soviético, o mantém afastado da vida do partido. Assim, acreditando estar movendo os outros, ele mesmo está sendo movido pelo seu próprio aparelho.

Toda a prática burocrática diária do Estado soviético infiltra-se assim no aparelho do partido e ali introduz o burocratismo. O partido, enquanto coletividade, não sente seu poder, pois não o concretiza. Isso gera descontentamento, até mesmo nos casos em que esse poder é exercido. Porém, esse poder só pode se manter na linha correta se ele não se fragmentar em detalhes mesquinhos e passa a assumir um caráter sistemático, racional e coletivo. Desse modo, o burocratismo não apenas destrói a coesão interna do Partido como enfraquece a ação necessária desse último sobre o aparelho estatal. É o que, na maioria das vezes, não enxergam e não entendem aqueles que são os mais ardentes em reclamar, para o Partido, o papel de dirigente no seio do Estado soviético.

Grupos e formações fracionais

A questão dos agrupamentos e das frações no partido tornou-se o pivô da discussão. Considerada sua importância intrínseca e a extrema acuidade que ela tem assumido, ela deve ser tratada com uma perfeita clareza. Contudo, é frequentemente apresentada de modo errôneo.

Somos o único partido do país e, no atual período de ditadura, não poderia ser diferente. Com necessidades desiguais, a classe operária, o campesinato, o aparato estatal e seu efetivo agem sobre nosso partido, por meio do qual procuram uma expressão política. As dificuldades e contradições inerentes à nossa época, a divergência temporária dos interesses das diversas partes do proletariado, assim como do proletariado e do campesinato, interferem sobre o partido por meio de suas células operárias e camponesas, do aparelho estatal, dos jovens estudantes. As nuances entre opiniões, as divergências de visões episódicas podem expressar a pressão remota de determinados interesses sociais e, em algumas circunstâncias, transformar-se em grupos estáveis. Esses últimos podem, por sua vez, cedo ou tarde, tomar a forma de frações organizadas que, opondo-se como tais ao resto do partido, sofrem ainda mais as pressões externas. Essa é a evolução lógica dos grupos em um momento em que o partido comunista se vê obrigado a monopolizar a direção da vida política.

Quais as consequências disso? Se não quisermos frações, não pode haver grupos permanentes; se não quisermos grupos permanentes, é preciso evitar os grupos temporários; finalmente, para que não haja grupos temporários, não pode haver di-

vergências de pontos de vista, pois onde há duas opiniões, há necessariamente pessoas que formam grupos. Porém, como evitar as divergências de pontos de vista em um partido de meio milhão de pessoas, que dirige o país em condições excepcionalmente complicadas e dolorosas? Essa é a contradição essencial que caracteriza a situação do partido da ditadura do proletariado, da qual não é possível escapar apenas com procedimentos meramente formais.

Os partidários do “antigo curso” que votam na resolução do Comitê Central convencidos de que tudo permanecerá como no passado, raciocinam mais ou menos da seguinte forma: – “Vejam só, acabamos de levantar a tampa de nosso aparelho e já se manifestam tendências a agrupamentos de todo tipo, dentro do partido. Portanto, é necessário recolocar rapidamente a tampa e fechar hermeticamente o caldeirão.” Muitos dos discursos e artigos contra o “fracionismo” estão impregnados dessa sabedoria míope. No seu íntimo, os partidários do aparelho consideram que a resolução do Comitê Central é ou um erro político que deve tornar-se sem efeito, ou uma manobra da qual é preciso tirar proveito. No meu entender, eles estão redondamente enganados. E se há uma tática capaz de introduzir a desorganização no partido, é exatamente a daqueles que persistem na antiga orientação, enquanto fingem aceitar respeitosamente a nova.

É nas contradições e divergências de opinião que se efetua inevitavelmente a elaboração da opinião pública do Partido. Localizá-la no aparelho encarregado de, a seguir, fornecer ao Partido o fruto de seu trabalho, sob forma de diretivas, de ordens, é esterilizar o partido, ideológica e politicamente. Permitir que o Partido inteiro participe da elaboração e da adoção das resoluções é favorecer os agrupamentos temporários que poderão se transformar em grupos duradouros e até mesmo em

frações. Então, como proceder? Será possível que não haja nenhuma saída? Será possível que não haja, para o partido, uma linha intermediária entre o regime da “calma” e o da dispersão em frações? Sim, há uma saída, e a tarefa da direção consiste, cada vez que for necessário – e particularmente no momento das opções, em descobrir a linha que corresponde à real situação do momento.

A resolução do Comitê Central diz claramente que o regime burocrático constitui uma das fontes das frações. Trata-se de uma verdade que não precisa mais ser demonstrada. O “antigo curso” estava bem longe da democracia e, mesmo assim, não resguardou mais o partido das frações ilegais do que a áspera discussão atual, a qual, não podemos dissimulá-lo, pode levar à formação de grupos provisórios e duráveis. *Para evitá-la, seria preciso que os órgãos dirigentes dêem ouvidos à voz da massa, parem de considerar qualquer crítica como uma manifestação de um espírito de fração e não incitem assim os comunistas conscienciosos e disciplinados a ficar sistematicamente em silêncio ou a formar frações.*

Mas os burocratas dirão que isso não é nada mais nada menos que uma justificação de Miasnikov⁵⁰ e de seus partidários. Por que isso? Desde logo, é bom lembrar que a frase que acabamos de sublinhar constitui um extrato textual da resolução do Comitê Central. Mas, desde quando *explicação* é o equivalente de *justificação*? Dizer que uma úlcera é o resultado de uma circulação sanguínea defeituosa, determinada pelo afluxo insuficiente de oxigênio, não é o mesmo que justificar a úlce-

⁵⁰ Gavril Ilyich Miasnikov, 1889-1945. Metalúrgico russo, bolchevique desde 1906. Comunista de esquerda em 1918, próximo à Oposição Operária, em 1920-1, expulso do Partido em 1922, criou no ano seguinte o Grupo Operário cf. nota 11. Preso, fugiu da URSS em 1928. Em 1930, trabalhava na França como metalúrgico. Retornou legalmente à URSS em 1944 e foi executado em 1945. [N.T.]

ra e considerá-la parte normal do organismo humano. A única conclusão é que é preciso escarificá-la, higienizar a ferida e, sobretudo, abrir a janela para permitir que o ar fresco forneça o oxigênio necessário ao sangue. No entanto, a desgraça é que a ala mais combativa do “antigo curso” está convencida de que a resolução do Comitê Central está equivocada, particularmente na parte que trata do burocratismo considerado como uma fonte de frações. E se ela não o afirma abertamente, é unicamente por razões que resultam de uma mentalidade impregnada de formalismo, atributo essencial do burocratismo.

Não há como negar que as frações são um flagelo na situação atual e que os grupos, mesmo temporários, podem se transformar em frações. Mas a experiência mostra que não basta apenas declarar que os grupos e as frações são nocivos para impedir sua aparição. Só serão evitados com uma política justa, adaptada à situação real.

Basta estudar a história de nosso partido, nem que seja durante a revolução, isto é, durante o período em que a constituição de frações é particularmente perigosa, para ver que a luta contra esse perigo não pode se limitar à condenação de princípio nem à proibição.

No Partido surgiu, no outono de 1917, por ocasião da questão capital da tomada do poder, a discordância mais perigosa. O ritmo impetuoso dos acontecimentos deu uma relevância extrema a esse desentendimento, que levou, quase que imediatamente, à constituição de uma fração: talvez, sem querer, os adversários da tomada do poder uniram-se a elementos não pertencentes ao Partido, publicaram suas declarações em órgãos externos, etc.⁵¹ Naquele momento, a unidade do partido

⁵¹ Os principais oponentes eram, naquele então, Zinoviev, Kamenev, Rykov, Noguine, Milioutine, Riazanov, Larine, Losovsky, etc.

era muito frágil. Como foi possível evitar a cisão? Unicamente graças à rápida evolução da situação e a seu desfecho favorável. A cisão teria sido inevitável se os acontecimentos tivessem se arrastado por mais tempo e, ainda mais, é claro, se a insurreição tivesse terminado com uma derrota. Sob a direção obstinada da maioria do Comitê Central, o partido, em uma ofensiva impetuosa, passou por cima da oposição, o poder foi conquistado e a oposição, pouco numerosa – mas qualitativamente muito forte – adotou a plataforma de Outubro. A fração, o perigo de divisão foram então superados, não por meio de decisões formais, baseadas nos estatutos, mas pela ação revolucionária.

A segunda importante discórdia surgiu na ocasião da paz de Brest-Litovsk. Os partidários da guerra revolucionária⁵² formaram então uma verdadeira fração, que possuía seu órgão central.⁵³ O que há de verdadeiro na anedota segundo a qual Boukharin estaria quase pronto, a um certo momento, a derribar o governo de Lenin? Não saberia dizer.⁵⁴ Ainda assim, a existência, naquele momento, de uma fração comunista de

⁵² Os principais eram: Boukharin, Radek, Krestinsky, Ossinsky, Sapronov, Yakovlev, M. Pokrovsky, V. Maximovsky, V. Smirnov, Piatakov, Preobrajensky, Cheverdine, Safarov, Stoukov.

⁵³ Trotsky não aprovou a posição dessa fração. Antes de aderir ao ponto de vista de Lenin, ele defendeu a famosa fórmula: *Nem paz, nem guerra*.

⁵⁴ O *Pravda* de 21 de dezembro de 1923 publicou uma carta, assinada por nove dos velhos comunistas de esquerda, designados acima, que resolve essa questão. Numa sessão do Comitê executivo dos sevietes, o socialista-revolucionário de esquerda, Kamov, disse “num tom de brincadeira” a Boukharin e Piatakov: “Então, o que vão fazer se obtiverem a maioria no partido? Lenin demissionará e teremos que constituir com vocês um novo Conselho dos Comissários do Povo. Nesse caso, acho que elegeremos Piatakov como presidente...” Mais tarde, o socialista-revolucionário de esquerda, Prochiane, disse, brincando, a Radek: “Vocês não param de escrever resoluções. Não seria mais simples prender Lenin durante um dia, declarar a guerra aos alemães e, a seguir, reelegê-lo presidente do conselho, com a unanimidade? Foi esse tipo de historietas que foram apresentadas como um “projeto” de prender Lenin. (L.T.)

esquerda representava um perigo extremo para a unidade do partido. Provocar uma cisão não teria sido difícil nem teria exigido uma grande esforço... de inteligência, por parte da direção: bastava declarar proibida a fração comunista de esquerda. No entanto, o Partido adotou métodos menos simples: ele preferiu discutir, explicar, comprovar pela experiência e resignar-se temporariamente a tal ameaçadora anomalia que representava a existência de uma fração organizada no seu seio.

A questão da organização militar também provocou a constituição de um grupo bastante forte e pertinaz, oposto à criação de um exército regular, com um aparelho militar centralizado, especialistas, etc. Houve momentos em que essa disputa assumiu uma acuidade extrema. Porém, assim como em Outubro, a questão foi resolvida pela experiência: pela própria guerra. Alguns deslizes e exageros da política militar oficial foram endireitados sob a pressão da oposição, e isso não apenas sem prejuízo, como também com proveito para a organização centralizada do exército regular. Quanto à oposição, ela foi desintegrandose aos poucos. Um grande número de seus representantes mais ativos participaram na organização do exército, no qual, frequentemente, ocuparam cargos importantes.

Grupos claramente sinalizados constituíram-se na época da memorável discussão sobre os sindicatos.⁵⁵ Agora que temos a possibilidade de vislumbrar de modo abrangente todo esse período e aclará-lo à luz da experiência ulterior, constatamos que a discussão não envolvia de modo algum os sindicatos e nem a democracia operária: o que se expressava nessas dispu-

⁵⁵ De novembro 1920 (quinto Congresso dos Sindicatos) até março 1921 (décimo Congresso do Partido). O Comitê Central dividiu-se em dois grupos, um de oito membros, entre os quais, Lenin; o outro de sete membros: Trotsky, Boukharin, Dzerjinsky, Abdréiev, Krestinsky, Preobrajensky e Sérébriakov. No final, o 10º Congresso votou a resolução inspirada por Lenin.

tas era um profundo mal-estar do Partido, cuja causa era o prolongamento excessivo do regime econômico do “comunismo de guerra”. Toda a organização econômica do país encontrava-se em uma camisa de força. A discussão sobre o papel dos sindicatos e da democracia operária encobria, na realidade, a busca de uma nova plataforma econômica. A solução foi encontrada na supressão das requisições de produtos alimentares e do monopólio dos cereais, assim como na gradual emancipação da indústria estatal em relação à tirania das direções econômicas centrais.⁵⁶ Essas decisões históricas foram tomadas por unanimidade e puseram fim a toda e qualquer discussão sindical, até porque, após a instalação da N.E.P, o papel dos próprios sindicatos apareceu sob uma luz completamente diferente; aliás, alguns meses mais tarde, foi necessário modificar radicalmente a resolução sobre os sindicatos.

O grupo mais duradouro e, em certos aspectos, mais perigoso, foi o da “Oposição Operária”.⁵⁷ Ele refletiu, ao mesmo tempo que as desnaturou, as contradições do “comunismo de guerra”, alguns erros do partido, assim como as dificuldades objetivas essenciais da organização socialista. Porém, mais uma vez, não se tratou apenas de uma tomada de posição formal. Sobre as questões da democracia, tomaram-se decisões de princípio. Mas sobre a depuração do Partido, foram elaboradas medidas efetivas, extremamente importantes, dando satisfação ao que havia de correto e de sadio na crítica e nas reivindicações da “Oposição Operária”. E, sobretudo, graças às decisões e às medidas econômicas adotadas pelo partido, cujo resultado foi de fazer desaparecer as divergências de opinião, assim como os

⁵⁶ Essas centrais, os *glavs*, foram dissolvidas em 1921.

⁵⁷ Essa tendência preconizou, por ocasião da discussão sobre os sindicatos, que lhes fosse dada a gestão da economia. Seus principais representantes foram Chliapnikov, Kisseliev, Loutovinov, Koutouzov, Alexandra Kollontai.

grupos, o 10º congresso pôde – com razões para acreditar que sua decisão não seria apenas um exercício burocrático – proibir formalmente a constituição de frações. No entanto, como mostram a experiência e o bom senso político, é evidente que essa interdição por si só não continha nenhuma garantia absoluta, nem mesmo seria, contra a aparição de novos grupos ideológicos e orgânicos. A garantia essencial, neste caso, é uma direção correta, a atenção dedicada às necessidades do momento, que são refletidas no Partido, e a flexibilidade do aparelho, que não deve paralisar, mas organizar a iniciativa do Partido, que não deve temer a crítica nem procurar impedi-la através do espantalho das frações. A decisão do 10º congresso proibindo as frações só pode ser um complemento; por si só, ela não fornece uma solução para todas as dificuldades internas. Seria “fetichismo de organização” acreditar que, seja quais forem o desenvolvimento do Partido, os erros da direção, o conservadorismo do aparelho, as influências externas, etc., apenas uma decisão nos preservaria dos agrupamentos e das turbulências inerentes à formação de frações. Acreditar nisso seria dar prova de burocratismo.

Um exemplo notável nos é dado pela história da organização de Petrogrado. Pouco tempo depois do 10º Congresso, que havia proibido a constituição de grupos e de frações, surgiu em Petrogrado, uma luta organizacional muito dura, que resultou na formação de dois grupos nitidamente opostos. O mais simples, à primeira vista, teria sido anatematizar ao menos um dos dois grupos. Mas o Comitê Central recusou-se categoricamente a usar esse método, que lhe era sugerido desde Petrogrado. Ele assumiu o papel de mediador entre os dois grupos e, no final das contas, conseguiu assegurar não apenas sua colaboração, como sua completa fusão organizacional. Eis um exemplo importante que merece de ser lembrado e que poderia servir a iluminar alguns cérebros burocráticos.

Dissemos, acima, que qualquer agrupamento importante e duradouro no partido e, com maior razão, qualquer fração organizada, tinha tendência a se tornar porta-voz de algum interesse social. Todo desvio pode, no seu desenvolvimento, tornar-se a expressão dos interesses de uma classe hostil ou semi-hostil ao proletariado. E o burocratismo é um desvio, um desvio tóxico; isso, esperamos, não deve ser objeto de contestação. Sendo assim, ele ameaça afastar o partido do caminho certo, do caminho de classe. Esse é seu principal perigo. No entanto – fato muito instrutivo e, ao mesmo tempo, muito alarmante –, os que afirmam o mais claramente, com mais insistência e, não raro, o mais brutalmente, que qualquer divergência de pontos de vista, qualquer agrupamento de opinião, mesmo temporário, representam uma expressão dos interesses de classes opositas ao proletariado, não querem aplicar esse mesmo critério ao burocratismo.

Contudo, neste caso, o critério social seria perfeitamente justificado, pois o burocratismo é um mal bem determinado, um notório desvio, incontestavelmente nocivo, oficialmente condenado, mas nem por isso em vias de desaparecimento. Aliás, é muito difícil fazê-lo desaparecer de uma só vez. Contudo, se, como dita a resolução do Comitê Central, o burocratismo ameaça afastar o partido da massa e, consequentemente, enfraquecer o caráter de classe do partido, isso significa que a luta contra o burocratismo não poderia, em caso algum, ser o resultado de influências não proletárias. Ao contrário, a aspiração do partido em conservar seu caráter proletário deve inevitavelmente engendrar a resistência ao burocratismo. É claro que, sob o pretexto dessa resistência, podem se manifestar diversas tendências errôneas, prejudiciais, perniciosas. E só podemos descobri-las através da análise marxista de seu conteúdo ideológico. No entanto, identificar a resistência ao burocratismo a um grupo que serviria de canal às influências estrangeiras

significaria que nós mesmos seríamos o canal das influências burocráticas.

Aliás, não devemos compreender de modo demasiadamente simplista o pensamento segundo o qual as divergências do Partido e, com maior razão, os grupos não passam de uma luta de influências de classe opostas. Assim, em 1920, a questão da invasão da Polônia suscitou duas correntes de opinião, uma preconizando uma política mais audaciosa, a outra recomendando a prudência.⁵⁸ Haveria ali diversas tendências de classe? Não creio que se possa afirmá-lo. Só havia divergências na apreciação da situação, das forças, dos meios. O critério essencial era o mesmo nas duas partes.

Em muitos casos, o Partido consegue resolver um problema por meios diferentes. Nesses casos, discute-se apenas para saber qual desses meios é o melhor, o mais expedito, o mais econômico. Tais divergências podem, em função da questão, interessar esferas consideráveis no partido, sem que haja necessariamente luta entre duas tendências de classe.

Não há dúvida de que teremos ainda muitas divergências, pois nosso caminho é árduo e as tarefas políticas assim como as questões econômicas e a organização socialista suscitarão inevitavelmente divergências de visões e grupos temporários de opiniões. A verificação política de todas as nuances de opinião pela análise marxista será sempre, para nosso Partido, uma das mais eficazes medidas preventivas. Mas é importante que se recorra a essa verificação marxista concreta e não aos clichês que são os instrumentos de defesa do burocratismo. À medida que nos engajarmos mais seriamente no caminho do “curso novo”, estaremos mais aptos a controlar a heterogênea ideologia política que se manifesta atualmente contra o buro-

⁵⁸ Lenin e os que lhe eram próximos preconizavam a ofensiva sobre Varsóvia; Trotsky era contra. A ofensiva foi um fracasso militar e político. [N.T.]

cratismo e depurá-la de todos os seus elementos estrangeiros e nocivos. Isso é impossível sem uma séria reviravolta na mentalidade e nas intenções do aparelho do Partido. Contudo, nesse momento, estamos assistindo, ao contrário, a uma nova ofensiva do aparelho, que afasta qualquer crítica ao “antigo curso”, condenado formalmente, mas ainda não extinguido, tratando-a de manifestação do espírito de fração. Se as frações são perigosas – e elas o são –, é criminoso fechar os olhos ao perigo que representa a *fração burocrática conservadora*. É precisamente contra esse perigo que se dirige, em primeiro lugar, a resolução do Comitê Central.

A manutenção da unidade do Partido é a primeiro preocupação da grande maioria dos comunistas. Mas, é preciso dizer-lhe abertamente, se existe hoje um perigo sério para a unidade ou, ao menos, para a unanimidade do partido, esse perigo é o burocratismo desenfreado. É desse campo que se levantaram vozes provocadoras. É ali que se ousou dizer “não temos medo da cisão”. São os representantes dessa tendência que vasculham no passado, à procura de tudo aquilo que pode trazer mais animosidade na discussão; reacendem de modo artificial as lembranças da antiga luta e da antiga cisão de modo a acostumar imperceptivelmente o espírito do partido à possibilidade de um crime tão monstruoso e tão funesto quanto aquele de uma nova cisão. Tenta-se desse modo opor a necessidade de unidade do Partido à sua premência por um regime menos burocrático.

Se o Partido se deixasse influenciar, se sacrificasse os elementos vitais de sua própria democracia, ele só conseguira exacerbar sua luta interna e comprometer sua coesão. Não podemos exigir do Partido a confiança no aparelho quando nós mesmos não temos confiança no Partido. A questão é essa. A desconfiança burocrática preconcebida em relação ao Partido, em relação à sua consciência e ao seu espírito de disciplina constitui a principal causa de todos os males engendrados pela

dominação do aparelho. O Partido não quer frações e não as toleraria. É monstruoso acreditar que ele romperá ou permitirá que alguém rompa seu aparelho. Ele sabe que esse aparelho está composto pelos elementos mais preciosos, que incarnam a maior parte da experiência passada. Mas ele quer renová-lo e lembra-lhe que ele é *seu* aparelho, que é eleito *por ele* e dele não deve destacar-se.

Pensando bem sobre situação que se criou no Partido e que se revelou de modo particularmente claro durante a discussão, percebe-se que o futuro apresenta-se sob uma dupla perspectiva: ou o reagrupamento ideológico orgânico, que ocorre atualmente no Partido, na linha das resoluções do Comitê Central será um passo adiante no caminho do crescimento orgânico do Partido, o início de um novo importante capítulo e esse seria o desfecho mais desejável para todos nós e o mais fecundo para o Partido, que poderá então derrotar mais facilmente os excessos na discussão e na oposição e, mais ainda, nas tendências democráticas vulgares. Ou, passando à contraofensiva, o aparelho cairá mais ou menos sob a alçada de seus elementos mais conservadores e, sob o pretexto de combater as frações, fará o partido retroceder e restabelecerá a “calma”. Essa segunda eventualidade é incomparavelmente mais dolorosa: é claro que ela não impedirá o desenvolvimento do Partido, mas esse desenvolvimento só poderá realizar-se ao preço de consideráveis esforços e turbulências. Pois esse método só alimentará mais ainda as tendências nocivas, desagregadoras, opostas ao partido. Essas são as duas eventualidades a serem consideradas.

Minha carta sobre o “curso novo”⁵⁹ pretendia ajudar o Partido a engajar-se na primeira via, a mais econômica e a mais justa. E reafirme integralmente todo seu conteúdo, rejeitando qualquer interpretação tendenciosa ou mentirosa.

⁵⁹ Ver anexo 1.

IV

O Burocratismo e a Revolução

(Plano de um relatório que o autor não pôde apresentar)

1. São bastante conhecidas as condições essenciais que não apenas impedem a realização do ideal socialista, como são também, às vezes, uma fonte de dolorosas provações e graves perigos para a revolução. Elas são: a) as contradições sociais internas da revolução, que, no tempo do “Comunismo de Guerra”, eram automaticamente comprimidas, mas que, com a N.E.P., desenvolvem-se fatalmente e tentam encontrar uma expressão política; b) a ameaça contrarrevolucionária que representam, para a República soviética, os Estados imperialistas.

2. As contradições sociais da Revolução são suas contradições de classe. Quais são as classes fundamentais de nosso país? São: a) o proletariado, b) o campesinato, c) a nova burguesia, com a camada de intelectuais burgueses que a recobre.

Do ponto de vista econômico e político, o primeiro lugar cabe ao proletariado, organizado em Estado, e ao campesinato, que fornece os produtos agrícolas que dominam na nossa economia. A nova burguesia desempenha principalmente o papel de intermediário entre a indústria soviética e a agricultura, assim como entre as diversas partes da indústria soviética e os diferentes domínios da economia rural. Contudo, ela não se limita a ser um intermediário comercial; em parte, ela assume igualmente o papel de organizador da produção.

3. Abstraindo-se a rapidez do desenvolvimento da revolução proletária no Ocidente, o avanço de nossa revolução será determinado pelo crescimento proporcional dos três elementos

fundamentais de nossa economia: indústria soviética, agricultura, capital comercial e industrial privado.

4. As analogias históricas com a grande Revolução Francesa (queda dos Jacobinos), que estabelecem o liberalismo e o menchevismo, e com as quais eles se consolam, são superficiais e inconsistentes. A queda dos Jacobinos estava predeterminada pela falta de maturidade das relações sociais: a esquerda (artesãos e comerciantes arruinados), privada da possibilidade de se desenvolver economicamente, não podia ser um apoio firme para a revolução; a direita (burguesia) crescia necessariamente: finalmente, a Europa, econômica e politicamente mais atrasada, impedia que a revolução se desenvolvesse fora dos limites da França.

Sob esses vários aspectos, nossa situação é incomparavelmente mais favorável. Aqui, o núcleo e a esquerda da revolução é o proletariado, cujas tarefas e objetivos coincidem plenamente com a realização do ideal socialista. O proletariado é politicamente tão forte que, ao permitir, em certos limites, que se forme uma nova burguesia ao lado dele, determina que o campesinato participe do poder estatal, não por intermédio da burguesia e dos partidos pequeno-burgueses, mas diretamente, obstruindo assim que a burguesia tenha acesso à vida política. A situação econômica e política da Europa, não só não exclui como torna inevitável a extensão da revolução no seu território. Enquanto na França, a política dos Jacobinos, até mesmo a mais clarividente, teria sido impotente para modificar o curso dos acontecimentos; na URSS, onde a situação é infinitamente mais favorável, a adequação de uma linha política, traçada segundo os métodos do marxismo, será por um tempo considerável um fator decisivo na salvaguarda da revolução.

5. Consideremos a hipótese histórica mais desfavorável para nós. O desenvolvimento rápido do capital privado, se

acontecesse, significaria que a indústria e o comércio soviéticos, incluindo a cooperação, não garantiriam a satisfação das necessidades da economia camponesa. Além disso, mostraria que o capital privado, que se interpõe cada vez mais entre o Estado operário e o campesinato, adquiriria uma influência econômica e, portanto, política sobre esse último. Naturalmente, uma tal ruptura entre a indústria soviética e a agricultura, entre o proletariado e o campesinato, constituiria um grave perigo para a revolução proletária, um sintoma da possibilidade do triunfo da contrarrevolução.

6. Quais são as vias *políticas* que poderiam levar à vitória da contrarrevolução, se as hipóteses *econômicas* que acabamos de expor se realizassem? Poderia haver várias: a derrubada do partido operário, sua progressiva degenerescência e, finalmente, uma degenerescência parcial acompanhada de cisões e de tumultos contra-revolucionários.

A realização de uma ou outra dessas eventualidades dependeria sobretudo da rapidez do desenvolvimento econômico. No caso em que o capital privado chegasse pouco a pouco, lentamente, a dominar o capital soviético, o aparelho soviético sofreria inevitavelmente uma degenerescência burguesa com as consequências que isso comportaria para o partido. Se o capital privado crescesse rapidamente e conseguisse entrar em contato e fusionar-se com o campesinato, as tendências contra-revolucionárias ativas dirigidas contra o partido provavelmente prevaleceriam.

Evidentemente, se estamos expondo cruentamente essas hipóteses, não é por considerá-las historicamente prováveis (ao contrário, sua probabilidade é mínima), mas porque apenas esse modo de apresentar a questão permite uma orientação histórica correta e, portanto, a adoção de todas as medidas preventivas possíveis. Nossa superioridade, de nós, marxistas, é

de conseguir distinguir e captar as novas tendências e os novos perigos, até mesmo quando eles ainda se encontram no seu estado embrionário.

7. A conclusão do que dissemos no campo econômico, nos leva ao problema da “tesoura”, isto é, à organização racional da indústria, à sua coordenação com o mercado camponês. Perder tempo nesse aspecto significa atrasar nossa luta contra o capital privado. É ali que se encontra a tarefa principal, a chave essencial do problema da revolução e do socialismo.

8. Se o perigo contrarrevolucionário surge, como vimos, de certas relações sociais, isso não quer dizer, de jeito algum, que, através de uma política racional, não se possa evitar esse perigo (até mesmo em condições econômicas desfavoráveis para a revolução), diminuí-lo, afastá-lo, adiá-lo. E, por sua vez, um tal adiamento é capaz de salvar a revolução, assegurando-lhe ou uma mudança econômica favorável dentro do país, ou o contato com a revolução vitoriosa na Europa.

É a razão pela qual, na base da política econômica indicada acima, precisamos de uma política determinada do Estado e do Partido (incluindo uma política determinada dentro do Partido) destinada a combater a acumulação e a consolidação das tendências dirigidas contra a ditadura da classe operária e alimentadas pelas dificuldades e os fracassos do desenvolvimento econômico.

9. A heterogeneidade da composição social de nosso Partido espelha as contradições objetivas do desenvolvimento da revolução, com as tendências e os perigos que disso decorrem:

- as células de fábricas, que garantem a ligação do Partido com a classe essencial da revolução, representam agora um sexto do efetivo do Partido;

- apesar de todos os seus lados negativos, as células das instituições soviéticas garantem que o Partido tenha a direção do aparelho estatal; por isso elas têm uma importância considerável; os velhos militantes participam com uma forte proporção da vida do Partido por intermédio dessas células;
- as células rurais permitem que o Partido tenha uma certa ligação (ainda muito fraca) com o campo;
- as células militares realizam a ligação do Partido com o exército e, através dele, com o campo (sobretudo);
- finalmente, nas células das instituições de ensino, todas essas tendências e influências se misturam e se cruzam.

10. Evidentemente, pela sua composição de classe, as células de fábrica são fundamentais. Mas como elas constituem apenas um sexto do Partido e seus elementos mais ativos são delas retirados para serem incorporados ao aparelho do Partido ou do Estado, o Partido, infelizmente, ainda não pode apoiar-se unicamente ou mesmo principalmente nelas.

Seu crescimento será o sinal mais seguro do sucesso do Partido na indústria, na economia em geral e, ao mesmo tempo, a melhor garantia da durabilidade de seu caráter proletário. Porém, não é possível esperar seu crescimento rápido em um futuro próximo. Portanto, no próximo período, o Partido será obrigado a garantir seu equilíbrio interno e sua linha revolucionária apoiado em células com uma composição social heterogênea.

11. As tendências contrarrevolucionárias podem encontrar um apoio entre os *koulaks*⁶⁰, os intermediários, os revendedores, os concessionários, enfim, entre os elementos muito mais capazes de ocupar o aparelho estatal do que o próprio Partido.

⁶⁰ Proprietários agrícolas médios e grandes. [N.T.]

Sozinhas, as células camponesas e militares poderiam ser ameaçadas por uma influência mais direta e até mesmo por uma penetração por parte dos *koulaks*. No entanto, a diferenciação do campesinato representa um fator capaz de contrabalançar essa influência. A não admissão dos *koulaks* no exército (incluindo nas divisões territoriais) não só deve permanecer uma regra intangível como se tornar um fator essencial da educação política da juventude rural, das unidades militares e, sobretudo, das células militares.

Os operários garantirão seu papel dirigente nas células militares ao opor politicamente as massas rurais laboriosas do exército à camada renascente dos *koulaks*. Uma tal oposição deverá igualmente ser destacada nas células rurais. Naturalmente, o sucesso dessa tarefa dependerá, no fim das contas, da capacidade da indústria estatal conseguir satisfazer as necessidades do campo.

Porém, qualquer que seja a rapidez de nossos sucessos econômicos, nossa linha política fundamental nas células militares deve ser dirigida não simplesmente contra a nova burguesia, mas, antes de tudo, contra a camada dos *koulaks*, único apoio sério e possível de todas as tentativas contrarrevolucionárias. Desse ponto de vista, precisamos de uma análise mais minuciosa dos diferentes elementos do exército do ponto de vista de sua composição social.

12. É inegável que, através das células rurais e militares, infiltram-se e continuarão infiltrando-se no Partido tendências que refletem mais ou menos o campo, com os traços específicos que as distinguem da cidade. Se não fosse assim, as células rurais não teriam nenhum valor para o Partido.

As modificações do estado de espírito que se manifestam nas células são, para o Partido, um aviso ou uma advertência.

A possibilidade de dirigir essas células segundo a linha do Partido depende da justeza da direção-geral do Partido assim como de seu regime interno e, enfim, de nossos sucessos na solução do problema decisivo.

13. O aparelho estatal é a fonte mais importante do burocratismo. Por um lado, ele absorve uma quantidade enorme dos elementos mais ativos do Partido e ensina aos mais capazes dentre eles os métodos de administração dos seres humanos e das coisas, mas não a direção política das massas. Por outro lado, ele monopoliza numa larga medida a atenção do aparelho do Partido, que ele influencia com seus métodos de administração.

Disto decorre, numa larga medida, a burocratização do aparelho, a qual ameaça de afastar o Partido das massas. É precisamente esse perigo que é agora o mais evidente, o mais direto. A luta contra os outros perigos deve, nas condições atuais, começar com a luta contra o burocratismo.

14. É indigno de um marxista considerar que o burocratismo é apenas o conjunto dos maus hábitos dos funcionários. O burocratismo é um fenômeno social enquanto sistema determinado de administração dos seres humanos e das coisas. Suas causas profundas são a heterogeneidade da sociedade, a diferença dos interesses quotidianos e fundamentais dos diversos grupos da população. O burocratismo complica-se devido à falta de cultura das massas. No nosso país, sua fonte essencial reside na necessidade de criar e sustentar um aparelho estatal que alia os interesses do proletariado com os do campesinato, numa harmonia econômica perfeita mas da qual ainda estamos longe. A necessidade de manter um exército permanente é também uma fonte importante de burocratismo.

É evidente que os fenômenos sociais negativos que acabamos de enumerar e que alimentam agora o burocratismo pode-

riam, se eles continuassem a se expandir, colocar em perigo a revolução. Acima, já mencionamos essa hipótese: a crescente discordância entre a economia soviética e a economia camponesa, o fortalecimento dos *koulaks* no campo, sua aliança com o capital comercial e industrial privado, seriam, considerando o nível cultural das massas trabalhadoras do campo e, em parte, da cidade, as causas dos eventuais perigos contrarrevolucionários.

Em outras palavras, o burocratismo no aparelho estatal e no Partido é a expressão das tendências mais perniciosas inerentes à nossa situação, dos defeitos e dos desvios de nosso trabalho que, em certas condições sociais, podem comprometer as bases da revolução. E, nesse caso como em muitos outros, a quantidade, num estado determinado, há de se transformar em qualidade.

15. A luta contra o burocratismo do aparelho estatal constitui uma tarefa excepcionalmente importante mas que exige muito tempo e é mais ou menos paralela a nossas outras tarefas fundamentais: a reconstrução econômica e a elevação do nível cultural das massas.

O instrumento histórico mais importante para o cumprimento de todas essas tarefas é o Partido. É claro que o Partido não pode prescindir das condições sociais e culturais do país. Porém, como organização voluntária da vanguarda, dos melhores elementos, dos mais ativos, mais conscientes da classe operária, ele pode, muito mais do que o aparelho estatal, se preservar contra as tendências do burocratismo. Para isso, ele deve enxergar claramente o perigo e o combater incansavelmente.

Disto decorre a imensa importância da educação da juventude do Partido, baseada na iniciativa pessoal, se queremos conseguir modificar o funcionamento do aparelho estatal e transformá-lo.

V

Tradição e política revolucionária

A questão das relações entre a tradição e a política do Partido está longe de ser simples, sobretudo na nossa época. Muitas vezes, nos últimos tempos, tivemos que falar da imensa importância da tradição teórica e prática de nosso Partido e declarar que não podíamos, em caso algum, permitir a ruptura de nossa filiação ideológica. No entanto, é preciso que entendamos bem o modo de conceber a tradição no Partido. Para isso, teremos que começar dando exemplos históricos, de modo a fundamentar nossas conclusões.

Tomemos o partido “clássico” da II^a Internacional, a social-democracia alemã. Sua política “tradicional”, semi-secular, assentava-se na adaptação ao regime parlamentar e no crescimento ininterrupto da organização, da imprensa e da ampliação das finanças. Essa tradição, profundamente estranha para nós, tinha um caráter semiautomático: cada dia decorria naturalmente do precedente e, de modo também natural, preparava o seguinte. A organização crescia, a imprensa se desenvolvia e a arrecadação de recursos aumentava.

Foi nesse automatismo que se formou toda a geração que sucedeu a Augusto Ferdinand Bebel⁶¹: uma geração de burocratas, de filisteus, de espíritos obtusos, cuja fisionomia política desvelou-se nas primeiras horas da guerra imperialista.⁶²

⁶¹ Augusto Ferdinand Bebel, 1840-1913. Em 1869, participou da fundação do Partido Social Democrata dos Trabalhadores que, mais tarde, confluí no Partido Social Democrata da Alemanha. [N.T.]

⁶² Os partidos socialistas europeus, com exceção do Partido Socialista Italiano, votaram os créditos de guerra apoiando suas nações na guerra interimperialista de 1914-1918. [N.T.]

Cada um dos congressos da social-democracia falava invariavelmente da antiga tática do partido consagrada pela tradição. E, de fato, a tradição era poderosa. Uma tradição automática, desprovida de espírito crítico, conservadora, que, no final das contas, sufocou a vontade revolucionária do partido.

Com a guerra, a vida política da Alemanha perdeu, irreversivelmente, seu “tradicional” equilíbrio. Já nos primeiros dias de sua existência oficial, o jovem partido comunista entrou numa fase turbulenta de crises e perturbações. Contudo, podemos identificar, no curso de sua história relativamente curta, o papel, não somente de criador, como também de conservador da tradição que, a cada etapa, a cada encruzilhada, esbarra nas necessidades objetivas do movimento e na consciência política do partido.

No primeiro período da existência do comunismo alemão, a luta direta pelo poder representava a tradição, a tradição heroica. Os terríveis acontecimentos de março de 1921 revelaram que o partido ainda não tinha forças suficientes para atingir esse objetivo.⁶³ Foi preciso proceder a uma mudança radical e empreender a luta *pelas massas* antes de recomeçar a luta *pelo poder*.

Essa reviravolta realizou-se com dificuldades, pois ela contrariava a nova tradição. Atualmente, no partido russo, costumam ser lembradas todas as divergências de visões, até mesmo as mais insignificantes, que surgiram no Partido ou no seu Comitê central nos últimos anos. Mas talvez fosse o caso de lembrar também a discordância capital que se manifestou por ocasião do 3º Congresso da Internacional Comunista [*Komintern*]. Hoje, é evidente que a reviravolta que se obteve en-

⁶³ Insurreição de 18 de março de 1921, do Partido Comunista Alemão, apoiada pela Internacional Comunista e por, Bukharin e Zinoviev, sem condições para tal e sem a preparação necessária, resultando em um enorme fiasco político e militar.

tão, sob a direção de Lenin, apesar da obstinada resistência de uma parte, inicialmente considerável, da maioria do Congresso, salvou literalmente a Internacional do esmagamento e da desagregação que a ameaçavam na via do “esquerdismo” automático, desprovido de espírito crítico, que, num curto espaço de tempo, havia conseguido se constituir em tradição congelada.

Após o 3º congresso, o partido comunista alemão realizou, de modo bastante doloroso, a transformação necessária. Começou então o período de luta pelas massas, sob a palavra de ordem de frente única, com longas negociações e outros procedimentos pedagógicos. Essa tática durou mais de dois anos e deu excelentes resultados. Porém, ao mesmo tempo, esses novos procedimentos prolongados de propaganda, transformaram-se... em uma nova tradição semiautomática, cujo papel foi muito importante nos acontecimentos do segundo semestre de 1923.⁶⁴

É incontestável que o período que vai de maio (início da resistência no Ruhr) ou de julho (derrocada dessa resistência), até novembro, momento em que o general Seeckt toma o poder, constituiu, na vida da Alemanha, uma fase de crise nitidamente marcada e sem precedente. A resistência que a Alemanha republicana, semi-sufocada, de Ebert-Cuno, tentou opor ao militarismo francês, colapsou, levando com ela o patético equilíbrio social e político do país. Até um certo ponto, a catástrofe do Ruhr, teve, para a Alemanha “democrática”, o mesmo papel que, cinco anos antes, a derrota das tropas alemãs para o regime dos Hohenzollern [casa real alemã].

Espetacular depreciação do marco, caos econômico, efervescência e incerteza gerais, desagregação da social-democra-

⁶⁴ Quando o immobilismo do Partido Comunista Alemão e da Internacional Comunista suspendeu o assalto ao poder, apesar das excepcionais condições então existentes. [N.T.]

cia, poderosa afluência dos operários nas fileiras comunistas, expectativa unânime de um golpe de Estado... Se o partido comunista tivesse então modificado o ritmo e o aspecto de seu trabalho e tivesse consagrado os cinco ou seis meses que a história lhe estava oferecendo a uma preparação direta, política, orgânica, técnica da tomada do poder, o desfecho dos acontecimentos poderia ter sido algo completamente diferente que o que conhecemos em novembro [quando do abandono da insurreição].

Mas o partido alemão havia entrado na nova fase dessa crise, talvez sem precedentes na história mundial, armado apenas dos procedimentos utilizados ao longo dos dois anos anteriores, quando da propaganda para o estabelecimento de sua influência sobre as massas. Nesse momento, era necessária uma nova orientação, um novo tom, uma nova maneira de abordar as massas, uma nova interpretação e uma nova aplicação da frente única, novos métodos de organização e de preparação técnica, enfim, uma repentina mudança tática. O proletariado precisava ver como trabalha um partido revolucionário em seu caminho para a conquista do poder.

Mas, na verdade, o partido alemão continuava sua política de propaganda, dessa vez numa escala mais ampla. Ele tomou uma nova orientação somente em outubro, quando lhe sobrava muito pouco tempo para desenvolver sua iniciativa. Ele se preparou de modo febril, mas a massa não conseguiu segui-lo. O proletariado percebeu a falta de segurança do partido e, no momento decisivo, esse último recusou-se a lutar.

A razão principal pela qual o partido [alemão] cedeu sem resistência posições excepcionais, é que ele não conseguiu, no início da nova fase (maio-junho de 1923), libertar-se do automatismo de sua política anterior, estabelecida como se devesse

durar anos, e colocar claramente a questão da tomada do poder na agitação, na ação, na organização e na técnica.

O tempo constitui um elemento importante da política, particularmente numa época revolucionária. Às vezes, são precisos anos e até dezenas de anos para recuperar meses perdidos. Teria nos acontecido o mesmo se nosso partido não tivesse se preparado desde abril de 1917 e não tivesse tomado o poder em outubro. Temos, no entanto, motivos para crer que o proletariado alemão não pagará demasiadamente caro pela tergiversação de seu Partido, pois a estabilidade do regime alemão atual, sobretudo em razão da situação internacional, é mais do que duvidosa.

É claro que, enquanto elemento conservador e enquanto pressão automática de ontem sobre hoje, a tradição representa uma força extremamente importante para os partidos conservadores e profundamente hostil para um partido revolucionário. Toda a força desse último reside precisamente na sua liberdade em relação ao tradicionalismo conservador. Isso significa que ele seja livre em relação à tradição em geral? Não. Mas a tradição de um partido revolucionário tem uma natureza completamente diferente.

Se tomarmos agora nosso partido bolchevique no seu passado revolucionário e no período pós-Outubro, teremos que reconhecer que sua mais preciosa qualidade tática fundamental é sua aptidão sem igual a orientar-se rapidamente, a mudar de tática, a renovar seu armamento e a aplicar novos métodos, em suma a operar bruscas viragens. As condições históricas turbulentas tornaram essa tática necessária. Isso não significa, é claro, que nosso partido seja completamente livre de um certo tradicionalismo conservador: um partido de massas não consegue essa liberdade ideal. Mas sua força manifestou-se no fato de que o tradicionalismo e a rotina foram reduzidos ao mínimo

com uma iniciativa tática clarividente, profundamente revolucionária, ao mesmo tempo, audaciosa e realista.

É nisso que consiste e que deve consistir a verdadeira tradição do Partido.

A burocratização maior ou menor do aparelho do Partido acompanha-se inevitavelmente pelo desenvolvimento do tradicionalismo conservador com todos os efeitos que isso comporta. É melhor exagerar esse perigo do que o subestimar. Que os elementos mais conservadores do aparelho estejam propensos a identificar suas opiniões, suas decisões, seus procedimentos e seus erros com o “antigo bolchevismo” e procurem assimilar a crítica do burocratismo à destruição da tradição constitui um fato inegável e que já é, por si só, a expressão incontestável de uma certa petrificação ideológica.

O marxismo constitui um método de análise histórica de orientação política e não um conjunto de decisões já prontas. O leninismo é a aplicação desse método nas condições de uma época histórica excepcional. É precisamente essa aliança das particularidades do momento e do método que determina a política corajosa, segura de si, das *curvas* acentuadas das quais Lenin nos deu os mais altos exemplos e que, em diversos momentos, ele aclarou e generalizou no plano da teoria.

Marx dizia que os países mais desenvolvidos oferecem, em uma certa medida, a imagem do futuro dos países atrasados. Dessa proposta condicional tentou-se fazer uma lei absoluta, que passou a estar na base da “filosofia” do menchevismo russo. Desse modo, fixava-se para o proletariado limites que decorriam não da marcha da luta revolucionária, mas de um esquema mecânico, e o marxismo menchevique era e continua sendo unicamente a expressão das necessidades da sociedade burguesa, expressão adaptada a uma “democracia” atrasada.

Na realidade, aconteceu que a Rússia, em cuja economia e em cuja política aliavam-se fenômenos extremamente contraditórios, foi a primeira a ser impelida no caminho da revolução proletária.

Nem Outubro, nem Brest-Litovsk, nem a criação de um exército camponês regular, nem o sistema da requisição dos produtos alimentícios, nem a N.E.P., nem o plano estatal não foram e não poderiam ter sido previstos ou determinados pelo marxismo, ou pelo bolchevismo de antes de Outubro. Todos esses fatos e todas essas viradas resultaram da aplicação autônoma, independente, crítica, marcada pelo espírito de iniciativa, dos métodos do bolchevismo em uma situação cada vez diferente.

Antes de ser adotada, cada decisão suscitava confrontos. A simples referência à tradição nunca decidiu nada. Diante de cada nova tarefa, a cada nova mudança, não se tratava de procurar na tradição uma resposta inexistente, mas de aproveitar toda a experiência do Partido para que nós mesmos encontrássemos uma nova solução apropriada à situação e, consequentemente, enriquecer a tradição. Pode-se até dizer que o leninismo consiste em não olhar para trás, a não se deixar vincular a precedentes, referências e citações puramente formais.

O próprio Lenin, recentemente, expressou esse pensamento mediante uma frase de Napoleão: “*Iniciamos, nos envolvemos, depois veremos*”. Em outras palavras, uma vez engajados na luta, não devemos nos ocupar demasiadamente dos modelos e dos precedentes, mas se deixar tragar pela realidade tal como ela é e nela procurar as forças necessárias para alcançar a vitória e as vias que a ela levam. É seguindo essa linha que Lenin, não uma mas dezenas de vezes, foi acusado, no seu próprio partido, de violar a tradição e de repudiar o “antigo bolchevismo”.

É bom lembrar que os *otzovistas*⁶⁵ intervinham invariavelmente sob o pretexto de defender as tradições bolcheviques contra o desvio leninista (sobre isso, existem escritos extremamente interessantes em *Krassnaia Lietopiss*, nº 9). Sob a égide do “velho bolchevismo” – na realidade sob a égide da tradição formal, fictícia, errada –, tudo o que havia de rotineiro no Partido levantou-se contra as “Teses de Abril” de Lenin. Um dos historiadores de nosso Partido (infelizmente, até agora, os historiadores de nosso Partido não se deram bem) dizia-me, no calor dos acontecimentos de Outubro: “Não estou com Lenin, porque sou um velho bolchevique e permaneço no terreno da ditadura democrática do proletariado e do campesinato.” A luta dos “comunistas de esquerda” contra a paz de Brest-Litovk e a favor da guerra revolucionária deu-se também em nome da salvação das tradições revolucionárias do Partido, da pureza do “antigo bolchevismo”, que era preciso resguardar dos perigos do oportunismo estatal. É inútil lembrar que, no fim das contas, toda a crítica da “Oposição Operária” consistiu em acusar o Partido de violar as antigas tradições. Vimos recentemente os apóstolos mais oficiais das tradições do Partido na questão nacional entrarem em contradição com as necessidades da política do Partido nessa questão, assim como com a posição de Lenin.⁶⁶

Poderíamos multiplicar esses exemplos, fornecer muito outros, historicamente menos importantes, mas não por isso menos probatórios. O que acabamos de dizer basta para demonstrar que, cada vez que as condições objetivas exigem uma nova guinada, uma ousada reviravolta, uma iniciativa criativa,

⁶⁵ Essa fração de esquerda, representada por A. Bogdanov, Volsky, Lounatcharsky, Alexinsky, Manouilsky, e que publicou o jornal *V period*, foi, posteriormente, excluída do Partido.

⁶⁶ Alusão à controvérsia que opôs o ponto de vista de Stalin, Ordjonikidzé e Dzerjinsky ao de Lenin e Trotsky.

a resistência conservadora manifesta uma tendência natural a opor às novas tarefas, às novas condições, à nova orientação, às “antigas tradições”, o suposto “antigo bolchevismo”, na realidade, o invólucro vazio de um período que acabamos de superar.

Quanto mais fechado em si mesmo se encontra o aparelho do Partido, mais ele está impregnado do sentimento de sua importância intrínseca, menos rapidamente ele reage diante das necessidades que emanam da base e mais está propenso a opor a tradição formal às novas necessidades, às novas tarefas. E se há algo capaz de desferir um golpe mortal à vida espiritual do Partido e à formação teórica da juventude, é precisamente a transformação do leninismo – método que exige, na sua aplicação, pensamento crítico e coragem ideológica – em um dogma que só requer interpretadores designados de uma vez por todas.

O leninismo não pode ser concebido sem potência teórica, sem uma análise crítica das bases materiais do processo político. É preciso, incessantemente, afiar e aplicar a arma da investigação marxista. É precisamente nisso que consiste a tradição e não na substituição de uma referência formal ou de uma citação fortuita à análise. O leninismo não pode se conciliar com a superficialidade ideológica e a negligência teórica.

Não há como recortar Lenin em citações apropriadas a todos os casos da vida, pois, para Lenin, a fórmula nunca estará acima da realidade, ela sempre será o instrumento que permite compreender a realidade e dominá-la. Não seria difícil encontrar em Lenin dezenas e centenas de trechos que, formalmente, parecem se contradizer. No entanto, é preciso enxergar não a relação formal de um texto com outro, mas a relação real de cada um deles com a realidade concreta na qual a formulação foi introduzida como alavanca. A verdade leninista é sempre concreta.

Enquanto sistema de ação revolucionária, o leninismo pressupõe um discernimento revolucionário aguçado pela reflexão e pela experiência, que equivaleria, no âmbito social, à sensação muscular no trabalho físico. Porém, não podemos confundir o discernimento revolucionário com a intuição demagógica. Essa última pode trazer sucessos efêmeros, em alguns casos até sensacionais. Mas se trata de um instinto político de ordem inferior, sempre orientado para uma linha de menor resistência. Ao contrário, o leninismo tende a colocar e a resolver os problemas revolucionários fundamentais, a superar os principais obstáculos e sua contrapartida demagógica consiste em eludir os problemas, em suscitar um apaziguamento ilusório, em adormecer o pensamento crítico.

O leninismo é sobretudo o realismo, a melhor apreciação qualitativa e quantitativa da realidade, do ponto de vista da ação revolucionária. É, portanto, inconciliável com a fuga diante da realidade, com a passividade, a perda de tempo, a justificativa arrogante dos erros de ontem, sob pretexto de salvar a tradição do Partido.

O leninismo representa a verdadeira independência em relação aos preconceitos, ao doutrinário moralizador, a todas as fórmulas do conservadorismo espiritual. Porém, acreditar que o leninismo signifique que “tudo está permitido” seria um erro irreparável. O leninismo contém a moral, não formal, mas realmente revolucionária, da ação de massas e do Partido de massas. Nada lhe é tão estranho quanto a arrogância dos funcionários e o cinismo burocrático. Um Partido de massas tem sua moral, que é o vínculo dos combatentes, na e para a ação. A demagogia é inconciliável com o espírito de um partido proletário, porque ela é mentirosa: dando tal ou qual solução simplificada às dificuldades do momento atual, ela compromete-

te inevitavelmente o futuro e enfraquece a autoconfiança do próprio Partido.

A demagogia, quando fustigada pelo vento e confrontada a um perigo sério, transforma-se facilmente em pânico. E é difícil justapor, mesmo no papel, pânico e leninismo.

O leninismo guerreia dos pés à cabeça e a guerra é impossível sem ardil, sem subterfúgios, sem emboscada. O ardil na guerra vitoriosa é um elemento constitutivo da política leninista. No entanto, ao mesmo tempo, o leninismo é honestidade revolucionária suprema em relação ao Partido e à classe operária. Ele não comporta nem ficção, nem propaganda, nem pseudograndeza.⁶⁷

O leninismo é ortodoxo, obstinado, irredutível, mas não implica em nenhum formalismo, nenhum dogma e nenhum burocratismo. Na luta, ele agarra o touro pelos chifres. Querer transformar as tradições do leninismo em garantia suprateórica da infalibilidade de todos os dizeres e pensamentos dos intérpretes dessas tradições, seria ignorar a verdadeira tradição revolucionária e transformá-la em burocratismo oficial. É ridículo e inútil tentar hipnotizar um grande partido revolucionário através da repetição das mesmas fórmulas, em virtude das quais teria que se procurar a linha reta não na essência de cada questão, não nos métodos de posição e de solução dessa questão, mas nas informações de caráter... biográfico.

Já que devo falar um pouco de minha pessoa, direi que não considero o caminho pelo qual cheguei ao leninismo como menos seguro que os outros. Os meus atos, a serviço do Partido são a única garantia que posso dar. E se colocarmos a pergunta no campo das pesquisas biográficas, ainda seria preciso fazê-lo de modo correto.

⁶⁷ Ver anexo II.

Seria então necessário responder a perguntas difíceis: todos aqueles que foram fiéis ao mestre nas pequenas coisas, foram-lhe fiéis também nas grandes? Será que a docilidade que muitos manifestaram na presença do mestre foi uma garantia de que eles continuariam sua obra na sua ausência? A docilidade representa a principal característica do leninismo? Mas não tenho nenhuma intenção de analisar essas questões tomando como exemplo camaradas isolados com os quais, no que me diz respeito, tenho a intenção de continuar a trabalhar lado a lado.

Quaisquer que sejam as dificuldades e as futuras divergências de opiniões, só conseguiremos superá-las através do trabalho coletivo do pensamento do Partido, verificando-se sempre a si mesmo e mantendo assim a continuidade do desenvolvimento.

Esse caráter da tradição revolucionária está ligado ao caráter particular da disciplina revolucionária. Onde a tradição é conservadora, a disciplina é passiva e é violada no primeiro momento de crise. Quando, como é o caso no nosso partido, a tradição consiste na mais alta atividade revolucionária, a disciplina atinge seu máximo, pois sua importância decisiva é verificada constantemente na ação. Por isso, a aliança indestrutível da iniciativa revolucionária, da elaboração crítica, corajosa dos problemas, com a disciplina de ferro na ação. Será somente através dessa atividade superior que os jovens poderão receber os ensinamentos dos mais velhos e continuar essa tradição de disciplina.

Mais do que qualquer um, valorizamos as tradições do bolchevismo. Mas que o bolchevismo não seja assimilado ao burocratismo, nem a rotina oficial à tradição!

VI

A “subestimação” do campesinato

Alguns camaradas adotaram, em matéria de crítica política, métodos muito particulares. Afirmam que, hoje, estou enganado em tal ou qual questão porque estive enganado em tal ou qual questão no passado, há, por exemplo, uns quinze anos...

Esse método simplifica consideravelmente minha tarefa. Mas o que seria preciso fazer seria estudar a questão em si mesma, hoje.

Uma questão levantada há diversos anos encontra-se há tempos superada, julgada pela história e, falar nela não requer grandes esforços de inteligência; só se precisa ter memória e boa fé. Mas não poderia afirmar que, nesse aspecto, tudo esteja bem entre meus críticos. E vou prová-lo com um exemplo em uma das questões mais importantes.

Um dos argumentos favoritos de certos meios, nesses últimos tempos, consiste a indicar – sobretudo de modo indireto – que eu esteja “subestimando” o papel do campesinato. No entanto, seria impossível encontrar, nos meus adversários, alguma análise sobre essa questão, fatos, citações, enfim, provas quaisquer que sejam. Normalmente, sua argumentação reduz-se a alusões à teoria da “revolução permanente” e a duas ou três conversas de corredor. Nada mais, nada menos.

No que diz respeito à teoria da revolução permanente, não vejo razão alguma em renegar o que escrevi a esse respeito em 1904, 1905, 1906 e depois. Ainda hoje, continuo acreditando que as ideias que desenvolvia naquela época, no seu conjunto, estão muito mais próximas do verdadeiro leninismo do que

a maioria dos escritos que, naquele então, publicavam muitos bolcheviques.

A expressão “revolução permanente” foi usada por Marx que a aplicou à Revolução de 1848. Esse termo sempre foi utilizado na literatura marxista revolucionária. Franz Mehring o empregava para a revolução de 1905-1907. A revolução permanente é a revolução contínua, sem interrupções. Qual é a concepção política embutida nessa expressão?

Para nós comunistas, é a ideia que a revolução não acaba após esta ou aquela conquista política, após a obtenção desta ou daquela reforma social, mas que continua se desenvolvendo até a realização do socialismo integral. Portanto, uma vez iniciada, a revolução (na qual participamos e que dirigimos) não deve, em caso algum, ser interrompida por nós em qualquer uma de suas etapas formais.

Ao contrário, não cessamos de conduzir e fazer progredir essa revolução em função da situação enquanto ela não tiver esgotado todas as possibilidades e todos os recursos do movimento. Isso se aplica às conquistas da revolução dentro de um país, como também à sua extensão na arena internacional. Para a Rússia, essa teoria significava: o que precisamos não é a república burguesa, nem mesmo a ditadura democrática do proletariado e do campesinato; o que precisamos é o governo operário socialista internacional.

Portanto, a ideia da revolução permanente coincide inteiramente com a linha estratégica fundamental do bolchevismo. Talvez, há uns quinze anos, poderíamos eventualmente não enxergar esse fato, mas é impossível não compreendê-lo, não reconhecê-lo agora, quando as fórmulas gerais foram comprovadas pela experiência.

Nos meus escritos de então, seria impossível descobrir a mínima tentativa de “passar por cima” do campesinato. A teoria

da revolução permanente *conduzia diretamente ao leninismo e, em particular, às Teses de Abril de 1917*. E, como sabemos, essas teses, que predeterminavam a política de nosso Partido em outubro e através de outubro, provocaram, na época, o pânico entre muitos daqueles que, agora, falam com uma santa repugnância da teoria da revolução permanente.

Analizar todas essas questões com camaradas que há muito tempo cessaram de ler e vivem unicamente de suas lembranças de juventude é algo muito difícil e, aliás, inútil. Ao contrário, os camaradas – e em primeiro lugar os jovens comunistas – que ainda possuem o fogo sagrado do estudo e que, em todo caso, não se deixam assustar por fórmulas cabalísticas ou pela palavra “permanente”, deveriam ler, pessoalmente, lápis na mão, as obras daquela época, a favor e contra a revolução permanente, e tentar interligá-las à Revolução de Outubro.

Contudo, o que importa muito mais, é o estudo dos fatos, durante e após Outubro. Ali, é possível verificar todos os detalhes. É desnecessário dizer que, em relação à adoção política, pelo nosso Partido, do programa agrário dos socialistas-revolucionários, não houve, entre Lenin e eu, a mínima sombra de discordância. Pode-se dizer o mesmo no que diz respeito ao decreto sobre a terra.

Talvez, nossa política camponesa tenha sido equivocada, em alguns pontos específicos. Ainda assim, ela não provocou divergências de opinião entre nós. Foi com a minha participação ativa que nossa política orientou-se para o camponês médio. Aliás, a experiência do trabalho no campo militar contribuiu bastante à realização dessa política. E como poderíamos ter subestimado o papel e a importância do campesinato na formação de um exército revolucionário, recrutado entre os camponeses e organizado com a ajuda dos operários especializados?

Basta examinar nossa literatura política-militar para compreender quanto ela estava penetrada do pensamento de que a Guerra Civil é, de um ponto de vista político, a luta do proletariado, contra a contrarrevolução, pela conquista do camponesato e que a vitória só pode ser garantida com o estabelecimento de relações racionais entre os operários e os camponeses, tanto em um regimento isolado quanto nas operações militares e em todo Estado.

Em março de 1919, em um relatório enviado ao Comitê central da região do Volga, onde me encontrava naquela época, eu apoiava a necessidade de uma aplicação mais profunda de nossa política orientada ao camponês médio e protestava contra a negligência do Partido nessa questão. Em um informe que me fora diretamente inspirado por uma discussão na organização de Senguiléev, eu escrevia: “A situação política temporária – aliás, talvez de longa duração – corresponde a uma realidade econômico-social muito mais profunda, pois, se a revolução proletária triunfar no Ocidente, *teremos, para realizar o socialismo, que nos apoiar em larga medida no camponês médio e implicá-lo na economia socialista.*”

Contudo, as diretrizes em relação aos camponeses médios, na sua primeira forma (“mostrar-se solícito com eles”, “não lhes dar ordens”, etc.) revelou-se insuficiente. Sentíamos, cada vez mais, a *necessidade de modificar a política econômica*. A partir de minhas observações sobre o estado de espírito do Exército e de minhas constatações durante minha viagem de inspeção econômica nos Urais, eu escrevia, em fevereiro de 1920, para o Comitê Central: “A política atual de requisição dos produtos alimentares, de responsabilidade coletiva para a entrega desses produtos e de repartição igual dos produtos da indústria, provoca a progressiva decadência da agricultura, a dispersão do proletariado industrial e ameaça desorganizar completamente a vida econômica do país.”

Como medida prática fundamental, eu propunha: “Substituir a requisição dos excedentes por um desconto proporcional à quantidade da produção (uma espécie de imposto progressivo sobre a renda) e estabelecido de tal maneira que, ainda assim, seja vantajoso aumentar a superfície semeada ou de melhor cultivá-la.”

Em resumo, o conjunto do meu texto⁶⁸ propunha que se levasse a N.E.P. ao campo. A essa proposta estava associada outra que dizia respeito à nova organização da indústria, uma

⁶⁸ A seguir, reproduzimos a parte fundamental desse documento: “As terras dos senhores e da coroa foram entregues ao campesinato. Toda nossa política é dirigida contra os *koulaks*, isto é, os camponeses que possuem grandes áreas de terra, um grande número de cavalos. Por outro lado, nossa política de abastecimento assenta-se na requisição dos excedentes da produção agrícola (norma de consumo). Isso incita o camponês a cultivar apenas na medida das necessidades de sua família. Em particular, o decreto que prevê a requisição da terceira vaca (considerada supérflua) leva, na realidade, ao abate clandestino das vacas, à venda secreta da carne a um preço elevado e à degenerescência da indústria dos produtos do leite. Ao mesmo tempo, os elementos semiproletários e até proletários das cidades emigram para as aldeias onde organizam granjas. A indústria perde sua mão de obra e, na agricultura, o número de fazendas agrícolas isoladas autossuficientes tende continuamente a aumentar. Desse modo, a base de nossa política de abastecimento, estabelecida a partir da requisição dos excedentes, encontra-se prejudicada. Se, no decorrer desse ano, a requisição fornece uma maior quantidade de produtos, essa deve ser atribuída à extensão do território soviético e a um certo aprimoramento do aparelho de abastecimento; mas, em geral, os recursos alimentares do país ameaçam se esgotar e nenhuma melhoria no aparelho de requisição não conseguirá remediar a esse fato. As tendências à crise econômica podem ser combatidas pelos seguintes métodos:

- 1) Substituir a requisição dos excedentes por um desconto proporcional à quantidade da produção (uma espécie de imposto progressivo sobre a renda agrícola) e estabelecido de tal modo que, ainda assim, para o camponês, seja vantajoso aumentar a superfície semeada, ou melhor cultivá-la;
- 2) Estabelecer uma correlação mais rigorosa entre os produtos da indústria entregues aos camponeses e a quantidade de trigo fornecida por esses últimos, não apenas por cantões e burgos como também por explorações rurais.
- Fazer participar dessa tarefa as empresas industriais locais. Pagar em parte os camponeses – em produtos das empresas industriais – pelas matérias-primas, combustível e produtos alimentares que eles fornecem.
- Em todo caso, é evidente que a política atual – de requisição segundo as normas de consumo, de responsabilidade coletiva para a entrega dos produtos e de repartição igualitária dos produtos da indústria – contribui para a degenerescência da agricultura, à dispersão do proletariado e ameaça desorganizar completamente a vida econômica do país. (L.T.)

proposta muito menos detalhada e muito mais cautelosa, mas dirigida, em geral, contra o regime das “centrais” que eliminava qualquer coordenação entre a indústria e a agricultura.

Naquele momento, essas propostas foram rejeitadas pelo Comitê Central; foi nossa única divergência sobre a questão camponesa.

Em qual medida, a adoção da N.E.P. era racional em fevereiro de 1920? Sobre isso, as opiniões podem divergir. Pessoalmente, não tenho dúvidas de que nós teríamos ganhado se tivéssemos adotado. Em todo caso, a partir dos documentos que acabo de relatar, é impossível concluir que eu ignorava sistematicamente o campesinato ou até mesmo que não valorizava suficientemente o seu papel...

A discussão sobre os sindicatos foi provocada pelo impasse econômico no qual estávamos envolvidos devido à requisição dos produtos alimentares e do regime das “centrais” todo-poderosas. Vincular os sindicatos aos órgãos econômicos poderia remediar a essa situação? É claro que não. Mas nenhuma outra medida poderia remediar à situação enquanto subsistisse o regime econômico do “comunismo de guerra”.

Essas discussões episódicas desapareceram diante da decisão de recorrer ao mercado, decisão de uma importância capital e que não suscitou nenhuma opinião divergente. A nova resolução relativa às tarefas dos sindicatos na base da N.E.P. foi elaborada por Lenin entre o 10º e o 11º congresso e adotada por unanimidade.

Eu poderia enumerar uma dezena de outros fatos politicamente menos importantes, mas que também desmentiram, tão nitidamente, a fábula de minha alegada “subestimação” do papel do campesinato. No entanto, é necessário ou mesmo pos-

sível refutar uma afirmação completamente indemonstrável e fundada unicamente em má-fé, ou, no melhor dos casos, em falta de memória?

Aliás, é verdade que a característica fundamental do oportunismo internacional seria a “subestimação” do papel do campesinato? Não, não é verdade. A característica essencial do oportunismo, inclusive de nosso menchevismo russo, é a subestimação do papel do proletariado ou, mais precisamente, a falta de confiança na sua força revolucionária.

Os mencheviques fundavam toda a sua argumentação contra a tomada do poder pelo proletariado sobre o número imenso de camponeses e seu papel social determinante na Russia. Os socialistas-revolucionários consideravam que o campesinato era feito para dirigir o país, sob sua direção e através deles.

Os mencheviques, que, nos momentos mais críticos da Revolução, fizeram causa comum com os socialistas-revolucionários, estimavam que, em razão de sua própria natureza, o campesinato destinava-se a ser o principal apoio da democracia burguesa, à qual prestavam auxílio em qualquer ocasião, seja apoiando os socialistas-revolucionários, seja apoiando o Partido Constitucional-Democrata (os Cadetes). Na verdade, nessas combinações, os mencheviques e os socialistas revolucionários entregaram à burguesia os camponeses com as mãos e os pés atados.

Pode-se dizer, é verdade, que os mencheviques subestimavam o possível papel do campesinato *em relação ao papel da burguesia*; mas eles subestimavam mais ainda o papel do proletariado em relação ao do campesinato. E era dessa última subestimação que decorria logicamente a primeira.

Os mencheviques recusavam, como uma utopia, uma insensatez, o papel dirigente do proletariado em relação ao cam-

pesinato, com todas as consequências que decorriam disso, isto é, a conquista do poder pelo proletariado apoiado no campesinato. Esse era o ponto fraco dos mencheviques.

Mas afinal, quais eram, no nosso próprio Partido, os principais argumentos contra a tomada de poder antes de Outubro? Consistiam esses argumentos em uma subestimação do papel do campesinato? Ao contrário: consistiam em uma subestimação de seu papel em relação ao do proletariado. Os camaradas que se opunham à tomada de poder alegavam sobretudo que o proletariado seria submergido pelo elemento pequeno-burguês, cuja base era uma população de mais de cem milhões de camponeses.

Por si só, o termo “subestimação” não exprime nada, nem teórica, nem politicamente, pois se trata não do peso absoluto do campesinato na história, mas de seu papel e de sua importância em relação a outras classes: por um lado, a burguesia; por outro, o proletariado.

Essa questão pode e deve ser colocada concretamente, isto é, sob o ângulo da relação dinâmica das forças das diferentes classes. A questão que, de um ponto de vista político, tem uma importância considerável para a Revolução (decisiva em certos casos, mas diferente em cada país) é a de saber se, durante o período revolucionário, o proletariado conseguirá trazer para si o campesinato e em qual proporção.

A questão que, de um ponto de vista econômico, possui uma imensa importância (decisiva em alguns países como o nosso, mas muito diferente em cada país) é de saber em qual medida o proletariado no poder conseguirá ajustar a edificação do socialismo com a economia camponesa.

Mas em todos os países e em todas as condições, o traço essencial do oportunismo consiste na superestimação da força

da classe burguesa e das classes intermediárias e na subestimação da força do proletariado.

É ridícula, para não dizer absurda, a presunção de estabelecer uma fórmula bolchevique universal da questão camponesa, válida para a Rússia de 1917 e para a de 1923; para a América, com seus “farmers”⁶⁹ e para a Polónia com sua grande propriedade fundiária.

O bolchevismo começou com o programa da restituição aos camponeses de seus lotes de terra; ele substituiu esse programa pelo da nacionalização; adotou, em 1917, o programa agrário dos socialistas-revolucionários; estabeleceu o sistema da requisição dos produtos alimentares, para, a seguir, substitui-lo pelo imposto alimentar... E, mesmo assim, ainda estamos bem longe da solução da questão camponesa e teremos ainda que fazer muitas modificações e guinadas.

É evidente que não se pode dissolver as tarefas práticas de hoje nas fórmulas gerais criadas pela experiência de ontem; que não se poderia substituir a solução dos problemas de organização econômica por um simples chamado à tradição; que não se pode, quando se decide a via histórica a ser percorrida, basear-se unicamente nas lembranças e nas analogias!

A tarefa econômica capital do presente consiste em estabelecer, entre a indústria e a agricultura e, a seguir, dentro da indústria, uma correlação que lhe permita se desenvolver com um mínimo de crises, de conflitos e de turbulências, assegurando à indústria e ao comércio estatais uma preponderância crescente em relação ao capital privado.

Esse é o problema geral. Ele se divide em uma série de questões parciais: quais são os métodos a serem seguidos para o estabelecimento de uma harmonização racional entre a cidade e o campo? Entre os transportes, as finanças e a indústria?

⁶⁹ Propriedades agrícolas familiares estadunidenses. [N.T.]

Entre a indústria e o comércio? Quais instituições devem ser chamadas para aplicar esses métodos? Enfim, quais são os dados estatísticos concretos que permitem a cada momento que sejam estabelecidos os planos e os cálculos econômicos mais apropriados à situação?

Evidentemente, trata-se de questões cuja solução não poderia ser predeterminada através de qualquer fórmula política geral. É no processo da realização que é preciso encontrar uma resposta concreta.

O que o camponês nos pede, não é repetir uma fórmula histórica correta das relações de classes (“soldadura entre a cidade e o campo, etc.”), mas de lhe fornecer pregos, tecidos, fósforos baratos.⁷⁰ Nós só conseguiremos satisfazer essas reivindicações com uma aplicação cada vez mais profunda e meticulosa dos métodos de registro, de organização, de produção, de venda, de controle do trabalho, de melhorias e de modificações radicais.

Essas questões têm um caráter de princípio, de programa? Não, pois nem o programa, nem a tradição teórica do Partido nos vincularam e nem poderiam ter nos vinculado a essa matéria, já que nos faltava a própria experiência a partir da qual poderíamos ter generalizado.

A importância prática dessas questões é incomensurável. De sua solução depende a sorte da Revolução. Nessas condições, tentar diluir na “tradição” do partido transformada em abstração cada questão prática e as divergências de opiniões que dela decorrem, significa renunciar ao que há de mais importante na própria tradição, isto é, a situação e a solução de cada problema na sua realidade integral.

Precisamos parar de tagarelar a respeito da subestimação do papel do campesinato. O que precisamos fazer é baixar o preço das mercadorias destinadas aos camponeses.

⁷⁰ Ver anexo III.

O Plano na economia ("A Instrução nº 1042")

Na discussão atual, oral e escrita, a Instrução nº 1042, não se sabe por quê, concentrou repentinamente toda a atenção. Por que? Como? Talvez, a maioria dos membros do Partido esqueceu o significado desse misterioso número. Trata-se da ordem do Comissariado dos Transportes, de 22 de maio de 1920, a respeito da reparação das locomotivas. Desde então, ao que parece, muito tempo passou e temos hoje questões muito mais urgentes que a da organização da reparação das locomotivas em 1920. Existem instruções-planos muito mais recentes na metalurgia, a construção das máquinas e, em particular, das máquinas agrícolas. Há a resolução, clara e precisa, do 12º Congresso sobre o sentido e as tarefas do plano a ser realizado pela direção. Temos a recente experiência da realização do plano de trabalho para 1923. Então, por que precisamente agora reapareceu, tal como o *deus ex machina* do teatro romano, esse plano que remonta ao comunismo de guerra?

Ele surgiu porque, atrás da máquina, havia gestores para os quais seu aparecimento era necessário para o desfecho. Quais são esse gestores e porque, de repente, precisam da instrução nº 1042? É totalmente incompreensível. Devemos presumir que essa instrução passou a ser necessária para pessoas tomadas de uma repentina preocupação de verdade histórica. Naturalmente, eles também sabem que há muitas outras questões mais importantes e mais atuais do que o plano de reparo do material ferroviário estabelecido há quase quatro anos. Mas julguem

vocês mesmos! Como ir para frente, como estabelecer novos planos, responder de sua adequação, de seu êxito, sem ter que começar a explicar a todos os cidadãos russos que a instrução nº 1042 era equivocada que negligenciava o fator do campe- sinato, menosprezava a tradição do Partido e tendia à consti- tuição de uma fração! A primeira vista, 1042 parece um sim- ples número. Mas é preciso ir além das aparências. Com um pouco mais de atenção e de clarividência, se vê que o número 1042 não vale mais do que o número apocalíptico 666, símbolo do demônio. É preciso iniciar esmagando a cabeça da besta do apocalipse para, a seguir, poder falar tranquilamente dos ou- tros planos econômicos, que ainda não foram cobertos por uma prescrição de quatro anos. Na verdade, inicialmente, eu não tinha nenhuma vontade de ocupar meu leitor com a instrução nº 1042.

Ainda mais que os ataques dos quais ele foi objeto redu- zem-se a subterfúgios ou vagas alusões destinadas a mostrar que aquele que as usa sabe muito mais do que ele afirma, en- quanto que, na realidade, o infeliz não sabe absolutamente nada. Nesse sentido, as “acusações” contra o nº 1042 não dife- rem muito das 1.041 outras acusações lançadas contra mim... A falta de qualidade é compensada pela quantidade. Os fatos são distorcidos sem escrúpulos, os textos são desfigurados, as proporções são modificadas, amontoam-se tudo sem ordem nem método. Para poder ter uma ideia clara das divergências de vis- tas e dos erros passados, seria preciso poder reconstituir exa- tamente a situação daquele então. Temos essa possibilidade? E será que vale a pena, após ter negligenciado muitas outras alusões e acusações essencialmente falsas, reagir à reaparição da “instrução nº 1042”?

Contudo, pensando melhor, achei que fosse preciso, pois temos aqui um caso de denúncia típico de leviandade e má fé.

O caso da Instrução nº 1042 é um caso concreto, da competência da produção, que, portanto, comporta dados precisos, números e medidas. A respeito disso, é relativamente simples e fácil obter informações seguras, citar fatos patentes; a simples prudência deveria incitar a ficarem calados aqueles que se ocupam desse assunto, pois é relativamente fácil demonstrar-lhes que eles estão falando do que não sabem e não entendem. Finalmente, se esse exemplo concreto, preciso, conseguir demonstrar que o *deus ex-machina*, na realidade, não passa de um bufão leviano, isso talvez ajude o leitor a compreender os métodos de encenação que envolvem as outras “acusações”, cuja inanidade é infelizmente muito menos demonstrável que a da Instrução n. 1042.

Vou me esforçar, nesse meu resumo do caso, de não limitar-me a dados históricos e de relacionar a questão da ordem 1042 aos problemas do plano de organização e direção econômicas. Os exemplos concretos que darei hão de tornar o caso um pouco mais claro.

A Instrução n. 1042, que dizia respeito à repartição das locomotivas e à utilização metódica, para esse fim, de todas as forças e recursos da Administração das Estradas de Ferro e do Estado nessa área, foi longamente elaborado pelos melhores especialistas, que, ainda hoje, ocupam posições importantes na direção das estradas de ferro. A aplicação da Instrução n. 1042 começou, na prática, em maio-junho; oficialmente, em 1º de julho de 1920. O plano dizia respeito não apenas às oficinas de reparação da rede ferroviária, como também às usinas correspondentes do Conselho da Economia Popular. A seguir, apresentamos uma tabela comparativa, indicando a realização do Plano, por um lado pelas Oficinas das Estradas de Ferro, do outro, pelas fábricas do Conselho da Economia. Os números que apresentamos são a reprodução dos dados oficiais incontes-

táveis apresentados periodicamente ao Conselho do Trabalho e da Defesa, pela Comissão Principal dos Transportes e assinadas pelos representantes do Comissariado dos Transportes e do Conselho da Economia Popular.

Realização da ordem n^a 1042
(Percentual de realização do plano)

1920	Oficinas dos Caminhos de Ferro	Fábricas do Conselho da Economia
Julho.....	135	40,5
Agosto.....	131,6	74
Setembro.....	139,3	80
Outubro ⁷¹	130	51
Novembro	124,6	70
Dezembro	120,8	66
Total	130,2	70

Por conseguinte, graças à intensificação do trabalho das oficinas do comissariado dos Transportes, já em outubro fora possível aumentar de 28% a meta mensal. Apesar desse aumento, a execução do Plano, no decorrer do segundo semestre de 1920, ultrapassou de 30% a meta estabelecida. Nos quatro primeiros meses de 1921, a execução do Plano foi levemente inferior à meta estabelecida. Mas a seguir, quando Dzerjinsky ocupou o cargo de Comissário dos Transportes, teve que lidar com dificuldades independentes de sua vontade: por um lado, a falta de material e de produtos elementares para o pessoal responsável da reparação, por outro, a extrema escassez de combustível, que tornava impossível a própria utilização das locomotivas. A seguir, o Conselho do Trabalho e da Defesa decidiu, com um decreto de 22 de abril de 1921, baixar considera-

⁷¹ Em razão dos sucessos obtidos na execução do plano, a norma aumentou em 28% a partir de outubro. (L.T.)

velmente, para o resto do ano de 1921, as normas de reparação das locomotivas, estabelecidas pela Instrução n. 1042. Para os oito últimos meses de 1921, o trabalho do Comissariado dos Transportes representou 88% e o do Conselho da Economia Popular, 44% do Plano inicial.

Os resultados da execução da Instrução n. 1042 durante o primeiro semestre, o mais crítico para os transportes, estão expostos do seguinte modo nas teses adotadas pelo Burô Político do Partido para o 8º Congresso dos Soviets: “O programa de reparações adquiriu um caráter preciso, não apenas para as oficinas das ferrovias, como também para as fábricas do Conselho da Economia Popular que atendem os transportes. No entanto, o programa de reparações estabelecido à custa de um trabalho considerável e aprovado pela Comissão Principal dos Transportes, foi executado em uma proporção muito diferente nas oficinas das ferrovias (Comissariado dos Transportes) e nas fábricas (Conselho da Economia Popular). Enquanto nas oficinas, a reparação capital e média, expressa em unidades de reparação média, passou, durante esse ano de 258 locomotivas a mais de 1.000, isto é, aumentou quatro vezes, representando assim 130% do programa mensal fixado, as fábricas do Conselho da Economia só forneceram material e peças de reposição na proporção de *um terço do programa* estabelecido pela Comissão dos Transportes, de acordo com as duas administrações (Caminhos de Ferro e Conselho da Economia).

Mas a partir de um certo momento, a execução das metas estabelecidas pela Instrução n. 1042 torna-se impossível, em razão da insuficiência de matérias-primas e de combustível. Alguns – que aliás acabam de saber disso ao ler essas linhas – dirão que isso só comprova que a ordem estava equivocada. O que responder-lhes a não ser que a Instrução n. 1042 regulamentava a repartição das locomotivas, não a produção dos

metais e a extração do carvão, regulamentadas por outras instruções e outras instituições? A Instrução n. 1042 não consistia em um plano econômico universal: era apenas um plano para os transportes.

Mas alguns poderão retorquir que teria sido necessário levar em conta os recursos em combustível, metais, etc.! É claro, e foi precisamente para isso que foi criada a Comissão dos Transportes, na qual participaram, numa base de paridade, os representantes do Comissariado dos Transportes e do Conselho da Economia Popular. A elaboração do Plano efetuou-se segundo as indicações dos representantes do Conselho da Economia Popular que declararam poder fornecer tais ou tais materiais. Se houve um erro de cálculo, ele se deve inteiramente ao Conselho da Economia.

Aliás, pode ser isso que os críticos queriam dizer... É pouco provável. Esses críticos mostram-se muito preocupados com a verdade histórica, mas com a condição que esta última lhes dê razão. Entre esses críticos *post factum*, verdade seja dita, há alguns que, naquela época, eram responsáveis pela gestão do Conselho da Economia Popular. Mas nas suas críticas, eles se enganam de direção. Acontece. Aliás, como circunstâncias atenuantes, é preciso assinalar que as previsões referentes à extração do carvão, à produção dos metais, etc., eram muito mais difíceis de serem estabelecidas do que hoje. E se as previsões do Comissariado dos Transportes, no referente ao conserto das locomotivas, eram incomparavelmente mais exatas que as do Conselho da Economia Popular, a razão é – até um certo ponto – que a administração das ferrovias estava mais centralizada e tinha mais experiência. O admitimos de bom grado. Mas isso não mudará nada ao fato que o erro de avaliação era inteiramente imputável ao Conselho da Economia.

Esse erro, que determinou o rebaixamento das metas do Plano, sem provocar a sua supressão, não depõe nem diretamente, nem indiretamente contra a Instrução n. 1042, que tinha essencialmente um caráter de orientação e registrava as modificações periódicas sugeridas pela experiência. A regularização de um plano de produção é um dos pontos mais importantes de sua realização. Vimos, acima, que, a partir de outubro de 1920, as metas de produção da Instrução n. 1042 foram aumentadas de 28%, pelo fato que a capacidade de produção das oficinas do Comissariado dos Transportes, em razão das medidas tomadas, encontrava-se mais alta do que se havia conjecturado. Vimos igualmente que essas metas foram baixadas a partir de maio de 1921, em razão de circunstâncias independentes do dito comissariado. Mas a elevação e o rebaixamento dessas metas ocorreu segundo um plano determinado cuja base foi fornecida pela Instrução n. 1042.

É o máximo que se possa exigir de um plano de orientação. Evidentemente, o que era mais importante eram os números que diziam respeito aos primeiros meses e ao semestre do ano seguinte. Os outros números só podiam ser aproximativos. Entre os que participaram da elaboração da Instrução, ninguém pensava que sua execução duraria exatamente quatro anos e meio. Quando se mostrou possível elevar a meta, o prazo teórico aproximado foi reduzido a três anos e meio. A falta de material fez com que ele fosse novamente prolongado. Mas o fato é que, no período mais crítico do funcionamento dos transportes (fim de 1920, início de 1921), a Instrução encontrou-se adaptada à realidade, o conserto das locomotivas foi realizado segundo um plano determinado, quadruplicou, e as ferrovias escaparam da iminente catástrofe.

Não sabemos a quais planos ideais nossos honrados críticos compararam a Instrução n. 1042. Nos parece que precisariam

compará-lo à situação anterior à sua promulgação. E, naquela época, as locomotivas eram concedidas a cada fábrica que as solicitavam, de modo a poder se abastecer em produtos alimentícios. Tratava-se de uma medida desesperada, que levava à desorganização do transporte e a um desperdício monstruoso do trabalho necessário aos reparos. A Instrução n. 1042 instaurou a unidade, introduziu nos consertos os elementos da organização racional do trabalho, ao afetar séries determinadas de locomotivas a oficinas determinadas, de modo que o conserto do material passou a depender não mais de esforços disseminados da classe operária, mas de registro mais ou menos exato das forças e dos recursos da administração dos transportes. É nisso que reside a importância essencial da Instrução n. 1042, independentemente do grau de coincidência dos números do plano e dos números de execução. Apesar que, como dissemos, até nesse aspecto tudo funcionou bem.

Obviamente, agora que os fatos foram esquecidos, alguns podem dizer, sobre a Instrução n. 1042, tudo aquilo que passa pelas suas cabeças, na esperança que ninguém se arriscaria a controlar e que, apesar de tudo, algo vai ficar. Mas naquela época, a questão era perfeitamente clara e incontestável. Poderíamos dar dezenas de testemunhos sobre ela. Escolhemos três, diferentemente autorizados, mas, cada um no seu gênero, característicos.

Em 3 de junho, o *Pravda* apreciava assim a situação nos transportes: “Agora, sob certos aspectos, o funcionamento dos transportes melhorou. Qualquer observador, até mesmo superficial, pode constatar uma certa ordem, ainda muito imperfeita, mas que não existia no passado. Pela primeira vez, *um preciso plano de produção* foi elaborado, uma tarefa determinada foi pedida aos ateliês, às oficinas e aos depósitos. Desde a Revolução, é a primeira vez que se efetuou um registro completo e

exato de todas as possibilidades de produção. Sob esse ângulo, a Instrução n. 1042, assinada por Trotsky, representa uma reviravolta no nosso trabalho no campo dos transportes [...].”

Alguém poderá argumentar que esse atestado não passa de um testemunho antecipado de conveniência, que, assinado N.B., só poderia emanar de Bukharin. Não o contestamos. Seja como for, o *Pravda* reconhece sem equívoco que se começou a introduzir ordem no conserto do material ferroviário. Vamos reproduzir um testemunho mais autorizado e apoiado sobre a experiência de um semestre. No 8º Congresso dos Sovietes, Lenin dizia: “Já notaram, nas teses dos camaradas Echmanov e Trotsky, que estamos na presença, nesse campo (restabelecimento dos transportes), de um verdadeiro plano, elaborado para longos anos. O Decreto nº 1042 estabelece uma previsão para cinco anos. Em cinco anos, poderemos restabelecer nossos transportes, diminuir o número de locomotivas em mau estado – e, aliás, segundo a Nona Tese, talvez já tenhamos feito o mais difícil e já reduzido esse prazo.” Seguia Lenin: “Quando elaboramos grandes projetos, calculado por diversos anos, muitas vezes aparecem céticos que dizem: ‘Por que elaborar planos com diversos anos de antecedência? Que o céu nos ajude a fazer o que precisamos imediatamente’. Camaradas, é preciso aprender a conciliar os dois. Não podemos trabalhar com garantias sérias de sucesso sem um plano para um longo período. A expansão inegável do trabalho no campo dos transportes demonstra que um plano é necessário. Queria chamar sua atenção para o trecho da Nona Tese, segundo a qual o prazo de restauração será de quatro anos e meio. Esse prazo já diminuiu, pois estamos trabalhando acima do plano. Esse prazo só será de três anos e meio. É assim que será preciso trabalhar também nos outros campos da economia.” (Lenine, *Obras*, tomo XVII, p. 423-424.)

Finalmente, um ano após a publicação da Instrução nº 1042, lemos na Instrução de Dzerjinsky – “Das bases do futuro trabalho do Comissariado dos Transportes”, datada 27 maio de 1921: “Considerando que o rebaixamento da meta das Instruções 1042 e 1157, que constituem as *primeiras e brilhantes experiências do trabalho segundo um plano econômico*, é temporário e se deve à crise do abastecimento em combustível [...], é preciso tomar medidas para apoiar e restabelecer o abastecimento das oficinas [...].”

Assim, após uma experiência de um ano e o rebaixamento forçado das metas de reparação, o novo diretor (após Echmanov) das estradas de ferro reconhecia que a Instrução 1042 tinha sido “uma primeira e brilhante experiência da aplicação do plano no campo econômico”. Duvido agora que seja possível remanejar, transformar a história, nem que seja no que diz respeito à reparação do material das estradas de ferro. Mesmo assim, algumas pessoas procuram remanejar os fatos e adaptá-los às “necessidades” do presente. Mas não acredito que esse remanejamento (também segundo um “plano”) tenha qualquer utilidade social e que dê resultados sensíveis...

É verdade que Marx chamou a revolução de a locomotiva da história. No entanto, se é possível restaurar as locomotivas das estradas de ferro, não se pode fazer o mesmo com a locomotiva da história... Em linguagem comum, esse tipo de tentativas chama-se falsificações.⁷²

⁷² Para complicar a questão, pode-se, claro, negligenciar os números e os fatos e falar da *Comissão Central dos Transportes* ou das encomendas de locomotivas no estrangeiro. Penso que seja meu dever assinalar que essas questões não têm nenhuma relação entre elas. A Instrução n. 1042 continuava a regulamentar o trabalho de reparação sob Echmanov, a seguir sob Dzerjinsky, enquanto a composição da *Comissão Central dos Transportes* havia sido completamente mudada. No que diz respeito à encomenda de locomotivas no exterior, faço notar que *toda essa operação foi resolvida e realizada por fora do Comissariado dos Transportes e independentemente da Instrução n. 1042 e de sua execução*. Não creio que alguém queira contestá-lo. (L.T.)

Como vimos, a Comissão Principal dos Transportes realizou de modo parcial e hesitante a harmonia de setores conexos da economia, um trabalho que, agora, numa escala muito mais ampla e mais sistemática, representa a tarefa do Plano de Estado, o Gosplan. O exemplo que relatamos mostra, ao mesmo tempo, em que consistem as tarefas e as dificuldades da realização do plano na direção da economia.

Nenhum ramo da indústria, por maior ou menor que seja, assim como nenhuma empresa pode dividir de modo racional seus recursos e suas forças sem ter um plano de orientação. Por outro lado, todos esses planos parciais são relativos, dependem uns dos outros, condicionam-se uns aos outros. Essa dependência recíproca deve necessariamente servir de critério fundamental na elaboração, e a seguir na realização dos planos, isto é na sua verificação periódica com base dos resultados obtidos.

Nada é mais fácil do que ridicularizar os planos estabelecidos por longos anos que, a seguir, revelam-se inconsistentes. Planos assim, houve muitos e é desnecessário dizer que a fantasia não tem lugar na economia. Contudo, para conseguir estabelecer planos racionais, infelizmente, é preciso iniciar com planos primitivos e grosseiros, assim como foi preciso começar com o machado de pedra antes de chegar à faca de aço.

Muitas pessoas ainda têm ideias infantis sobre a questão do plano econômico: elas dizem que não precisam de muitos planos; “temos um plano de eletrificação, nos deixem executá-lo!” Um tal raciocínio denota um completo desconhecimento dos próprios elementos da questão. O plano de eletrificação é inteiramente subordinado aos planos dos ramos fundamentais da indústria, dos transportes, das finanças e, finalmente, da agricultura. Todos esses planos parciais devem, em primeiro lugar, estar coordenados entre si, em função dos dados de que dispomos sobre nossos recursos e nossas possibilidades econômicas.

É num plano geral assim coordenado – anual, por exemplo, (que compreenda as frações anuais dos planos particulares para três anos, etc. e que representem unicamente hipóteses) – que pode e deve se apoiar praticamente o órgão diretor que garante a realização do plano e que introduz as modificações necessárias no próprio decorrer dessa realização. Desse modo, sem deixar de ser flexível, a direção não degenerará em uma série de improvisações, na medida em que ela se baseará em uma concepção geral lógica do conjunto do processo econômico e será propensa, ao mesmo tempo em que ela introduzirá as mudanças necessárias, a aprimorar, especificar o plano econômico em conformidade às condições e aos recursos materiais.

Esse é o esquema geral do plano na economia estatizada. Mas a existência do *mercado* complica consideravelmente sua realização. Nas regiões periféricas, a economia estatal se solda – ou ao menos procurar se soldar – com a pequena economia camponesa. O órgão direto dessa soldadura é o comércio dos produtos da pequena e, em parte, da média indústria e é apenas indiretamente, parcialmente e mais tarde, que entra em jogo a grande indústria que atende diretamente o Estado (exército, transportes, indústria estatal). A economia camponeza não é regida por um plano, ela é condicionada pelo mercado que se desenvolve espontaneamente. O Estado pode e deve agir sobre ela, empurrá-la para frente, mas ele ainda é totalmente incapacitado de canalizá-la segundo um plano único. Serão necessários muitos anos antes de chegar a isso (possivelmente graças sobretudo à eletrificação). Para o próximo período, que nos interessa diretamente, teremos uma economia estatal, dirigida segundo um plano determinado, que se soldará cada vez mais ao mercado camponês e, a seguir, se adaptará a esse último à medida de seu desenvolvimento. Embora esse mercado se desenvolva espontaneamente, naturalmente, não significa que

a indústria estatal deva adaptar-se a ele de modo espontâneo. Ao contrário, nossos sucessos na organização econômica dependerão em grande medida do fato que, com um conhecimento exato das condições do mercado e através de previsões econômicas corretas, conseguiremos conciliar a indústria estatal com a agricultura em função de um plano determinado. A concorrência entre as diversas fábricas ou entre os *trusts* estatais não muda nada ao fato que o Estado é proprietário de toda a indústria nacionalizada e que, como proprietário, administrador e diretor, ele considere seu patrimônio como um todo em relação ao mercado camponês.

Evidentemente, é impossível, com antecedência, levar em consideração especificamente o mercado camponês e o mesmo pode se dizer do mercado mundial, com o qual nossa ligação ficará mais estreita sobretudo graças à exportação do trigo e das matérias-primas. Erros de apreciação são inevitáveis, nem que seja em razão da variabilidade das safras. Esses erros hão de manifestar-se através do mercado, sob a forma de insuficiência de produtos, de solavancos, de crises. Ainda assim, é claro que essas crises serão menos agudas e prolongadas na medida em que a aplicação do plano for mais séria em todos os ramos da economia estatal. Se a doutrina dos *brentanistas* (adeptos do economista alemão Luis Brentano) e dos *bersteinianos* era radicalmente falsa quando ela afirmava que o domínio dos *trusts* capitalistas regularizaria o mercado ao tornar impossíveis as crises comerciais-industriais, ela é corretíssima quando é aplicada ao Estado operário, considerado como *trust* dos *trusts* e banco dos bancos. Em outras palavras, o aumento ou o enfraquecimento das crises será, na nossa economia, o barômetro mais claro e mais infalível dos progressos da economia estatal em relação ao capital privado. Na luta da indústria estatal pela conquista do mercado, o plano é nossa principal arma. Sem ele,

a nacionalização se tornaria um obstáculo ao desenvolvimento econômico e o capital privado destruiria inevitavelmente as bases do socialismo.

É claro que, por economia estatal, entendemos, além da indústria, os transportes, o comércio estatal externo e interno e as finanças. Todo esse complexo – no seu conjunto e nas suas partes – adapta-se ao mercado camponês e ao camponês isolado enquanto pagador de impostos. Mas essa adaptação tem como objeto fundamental reforçar e desenvolver *a indústria estatal, pedra angular da ditadura do proletariado e base do socialismo*. É radicalmente falso acreditar que é possível desenvolver e levar, isoladamente, à perfeição algumas das partes desse complexo: transportes, finanças e outras. Seus progressos e suas regressões são estreitamente interdependentes. Disto decorre a imensa importância do Gosplan, cujo papel é tão difícil de ser compreendido entre nós.

O Gosplan deve dirigir todos os fatores fundamentais da economia estatal, coordená-los entre si e com a economia camponesa. Sua principal preocupação deve ser a de desenvolver a indústria estatal socialista. É precisamente esse sentido que deve ser dado à minha afirmação de que, no seio do contexto estatal, a “ditadura” deve ser não das finanças, mas da indústria. Como já disse, a palavra “ditadura” tem aqui um sentido muito restrito e muito condicional; ele corresponde à ditadura à qual pretendiam as finanças. Em outras palavras, não somente o comércio exterior como também o restabelecimento de uma moeda estável devem estar rigorosamente subordinados aos interesses da indústria estatal. É lógico que isso não está de modo algum dirigido contra a “soldadura”, isto é, contra as relações racionais entre todo complexo estatal e a economia camponesa. Ao contrário, esse é o único modo para que consigamos progressivamente realizar essa “soldadura” que, até agora, continua

sendo apenas uma palavra. Afirmar que, ao colocar assim a questão, estamos negligenciando o campesinato ou queremos dar à indústria estatal uma expansão que não corresponderia ao estado da economia nacional no seu conjunto, constitui um puro disparate, que não se torna mais convincente, pelo fato de ser constantemente repetido.

As palavras abaixo reproduzidas, de meu informe ao 12º Congresso mostram qual era o crescimento que se esperava da indústria no próximo período e quais eram os que o reivindicavam:

“Eu disse que trabalhamos com prejuízo. Essa não é apenas minha apreciação pessoal. Ela é compartilhada por nossos administradores econômicos autorizados. Recomendo que vocês leiam o opúsculo de Khalatov – *Sobre o salário* – que acaba de ser editado para esse congresso. Ele contém um prefácio de Rykov, no qual ele afirma: “No início desse terceiro ano de nossa nova política econômica, é preciso reconhecer que os sucessos obtidos durante os dois últimos anos ainda são insuficientes; que nós ainda não conseguimos estancar a diminuição do capital de base e do capital de giro, e que, desse modo, ainda estamos longe do estágio de acumulação e de aumento das forças produtivas da República. Nesse terceiro ano, temos que conseguir que os principais ramos de nossa indústria e de nossos transportes nos tragam lucros.”

Segue Léon Trotsky:

“Portanto, Rykov constata que, durante esse ano, nosso capital base e nosso capital de giro continuaram diminuindo. ‘No decorrer desse terceiro ano, diz ele, precisamos conseguir que os principais ramos de nossa indústria e de nossos transportes nos tragam lucros’. Associo-me com prazer a esse desejo de Rykov, mas não compartilho sua esperança otimista nos

resultados de nosso trabalho durante esse terceiro ano. Não creio que os setores fundamentais de nossa indústria já possam produzir lucros durante o terceiro ano e acredito que já seria um avanço se conseguirmos limitar mais nossas perdas no decorrer desse terceiro ano da N.E.P. do que fizemos durante o segundo, e se conseguirmos comprovar que durante esse terceiro ano, nossas perdas, nos setores mais importantes da economia, dos transportes, dos combustíveis e da metalurgia, são menores do que no segundo. O que importa, sobretudo, é estabelecer a tendência do desenvolvimento e invertê-la no bom sentido. Se nossas perdas diminuírem e a indústria progredir, será um ganho, chegaremos à vitória, isto é ao lucro, mas é preciso que a curva se desenvolva em nosso favor.”

É, portanto, absurdo afirmar que a questão toda se reduz ao ritmo do desenvolvimento e que está quase inteiramente determinada pelo fator da rapidez. Na realidade, se trata em primeiro lugar da direção do desenvolvimento.

Mas é muito difícil discutir com pessoas que reduzem cada questão nova, precisa, concreta, a uma questão mais geral, há tempo já resolvida. Precisamos concretizar as fórmulas gerais e é disso que trata uma grande parte de nossa discussão: devemos passar da fórmula geral do estabelecimento da “soldadura” ao problema mais concreto da “tesoura” (12º Congresso) e do problema da “tesoura” à regularização metódica efetiva dos fatores econômicos que determinam os preços (13º Congresso). Se quisermos recorrer à velha terminologia bolchevique, trata-se da luta contra o “seguidismo”⁺ econômico. O sucesso nessa luta ideológica é a condição sine qua non dos sucessos econômicos.

Em 1920, a reparação do material dos transportes não era parte constitutiva de um plano econômico de conjunto, pois, na época, ainda não se falava de um tal plano. A alavanca que o plano representa foi aplicada aos transportes, isto é, ao setor

da economia que, naquele então, corria maior perigo e ameaçava entrar em colapso. “Nas condições em que se encontra atualmente o conjunto da economia soviética, escrevíamos nas teses destinadas ao 8º Congresso dos Soviets, quando a elaboração e a aplicação de um plano econômico encontravam-se ainda na fase do acordo empírico das partes mais correlacionadas desse futuro plano, é absolutamente impossível para a administração das estradas de ferro de edificar seu plano de reparação e exploração na base dos dados de um plano econômico único, que é apenas um projeto.” Melhorados graças ao Plano de Reparção, os transportes depararam-se então, no seu desenvolvimento, com o atraso dos outros setores da economia: indústria metalúrgica, combustível, trigo. Por isso mesmo, a Instrução n. 1042 colocava a questão de um plano econômico geral. A N.E.P. modificou as condições nas quais essa questão se coloca e, a seguir, os métodos de sua solução. Mas a própria questão continua em toda a sua premência. Isso é atestado pelas decisões repetidas que dizem respeito à necessidade de transformar o Gosplan no quartel-geral da economia soviética. Voltaremos a falar disso com mais detalhes, pois as tarefas econômicas exigem um exame preciso.

Os fatos históricos que acabo de relatar mostram, espero, que nossos críticos erraram muito em voltar a pôr na mesa a Instrução n. 1042. A história dessa ordem comprova exatamente o contrário daquilo que eles queriam provar. Como já conhecemos seus métodos, já prevemos suas gritarias do tipo: a que serve voltar a antigas questões e dissecar uma ordem publicada há quatro anos? É terrivelmente difícil contentar pessoas que resolveram, a todo custo, modificar nossa história. Porém, esse não é nosso objetivo. Confiamos no leitor, que não se interessa pela alteração da história, mas que se esforça para descobrir a verdade e as lições que ela comporta e quer aproveitar-se disso para continuar seu trabalho.

ANEXOS

Anexo I

CURSO NOVO (Carta a uma assembleia do Partido)

Prezados camaradas,

Eu tinha a esperança de me restabelecer para poder participar da discussão sobre a situação interna e as novas tarefas do Partido. Contudo, a duração da minha doença ultrapassou as previsões dos médicos e me vejo na obrigação de expor-lhes minha visão por escrito.

A resolução do *Burô Político* em relação à organização do Partido tem um significado excepcional. Ela indica que o Partido chegou a um momento decisivo de seu caminho histórico. Nesses momentos de mudança – já foi assinalado com razão em diversas assembleias, é preciso ser prudente; mas é também preciso ter firmeza e decisão. A expectativa e a imprecisão seriam nesse caso as piores formas de imprudência.

Levados a superestimar o papel do aparelho dirigente e subestimar a iniciativa do Partido, alguns camaradas, de mentes conservadoras, criticam a resolução do *Burô Político*. Segundo eles, o Comitê Central assume obrigações impossíveis; a resolução só conseguirá engendrar ilusões e ter resultados negativos. Esse modo de ver revela uma profunda desconfiança burocrática em relação ao Partido. Até agora, de modo errôneo, o centro de gravidade havia sido colocado no aparelho; a resolução do Comitê Central proclama que ele deve doravante residir na atividade, na iniciativa, no espírito crítico de todos os membros do Partido, vanguarda organizada do proletariado. Ela não significa que o aparelho do Partido seja encarregado

de decretar, criar ou estabelecer o regime da democracia. Esse regime será realizado pelo próprio Partido. Ou seja, o *Partido deve estar subordinado ao seu próprio aparelho*, sem deixar de ser uma organização centralizada.

Nos debates e artigos dos últimos tempos, sublinhou-se que a democracia “pura”, “inteira”, “ideal” é irrealizável e que, para nós, ela não constitui um fim em si. Isso é incontestável. Mas poderíamos, com a mesma razão, afirmar que o centralismo puro, absoluto também é irrealizável e é incompatível com a natureza de um Partido de massa, além do fato que ele também não poderia – assim como o aparelho do Partido –, representar um fim em si. A democracia e o centralismo são duas faces da organização do Partido. É preciso conciliá-los da maneira mais justa, isto é, a que corresponde mais à situação. Durante o último período, o equilíbrio foi rompido em favor do aparelho. A iniciativa do Partido estava reduzida ao mínimo. Disso derivaram hábitos e procedimentos de direção em contradição fundamental com o espírito da organização revolucionária do proletariado. A excessiva centralização do aparelho em detrimento da iniciativa gerava um *mal-estar*, que, nas camadas marginais do Partido, assumia uma forma extremamente mórbida e traduzia-se entre outros pelo aparecimento de grupos ilegais dirigidos por elementos indubitavelmente hostis ao comunismo. Ao mesmo tempo, o conjunto do Partido desaprovava cada vez mais os métodos oficiais da direção. A ideia, ou, ao menos, o sentimento que o burocratismo ameaçava levar o Partido a um impasse havia se tornado quase geral. Algumas vozes elevavam-se para assinalar o perigo. A resolução sobre a nova orientação é a primeira expressão oficial da guinada que se efetuou no Partido. Ela será realizada na medida em que o Partido, ou seja, seus quatrocentos mil membros, desejarem e forem capazes de realizá-la.

Em uma série de artigos, alguns esforçam-se a demonstrar que, para revigorar o Partido, é preciso começar elevando o nível de seus membros, e que, depois disso, a democracia chegará naturalmente. É incontestável que precisamos elevar o nível ideológico de nosso Partido, para torná-lo capaz de cumprir as tarefas gigantescas que lhe cabem, mas esse método *pedagógico* é insuficiente e, portanto, errôneo; persistir nessa via significa provocar infalivelmente um agravamento da crise.

O Partido só pode elevar seu nível se ele cumprir suas tarefas essenciais, dirigindo coletivamente (graças às luzes e à iniciativa de todos os seus membros) a classe operária e o Estado proletário. É preciso que essa questão seja tratada não de um ponto de vista pedagógico, mas de um ponto de vista *político*. Não podemos condicionar a aplicação da democracia operária ao grau de “preparação” dos membros do Partido a essa democracia. Nosso Partido é um partido: podemos ter exigências rigorosas em relação aos que nele querem entrar e ficar. Mas, uma vez que somos membros dele, participamos de toda a sua ação.

O burocratismo mata a iniciativa e prejudica assim o nível geral do Partido. Esse é seu principal defeito. Como o aparelho é inevitavelmente constituído dos camaradas mais experientes e mais meritórios, é sobre a formação política das jovens gerações comunistas que o burocratismo repercute de modo mais deplorável. Portanto, é a juventude, barômetro seguro do Partido, que reage de modo mais vigoroso contra o burocratismo de nossa organização.

No entanto, isso não significa que nosso modo de resolver as questões – decididas quase unicamente pelos funcionários do Partido – não tenha nenhuma influência sobre a velha geração, a que incarna a experiência política e as tradições revolucionárias do Partido. Ali também, o perigo é muito grande. A

imensa autoridade do grupo de veteranos do Partido é universalmente reconhecida, mas seria um erro grosseiro considerá-la como algo *absoluto*. Será somente com uma colaboração ativa constante com a nova geração, no quadro da democracia, que a velha guarda conservará seu caráter de fator revolucionário. Caso contrário, ela poderá se cristalizar e, imperceptivelmente, tornar-se a expressão mais acabada do burocratismo.

A história nos mostra mais de um caso de degenerescência desse tipo. O exemplo mais recente e mais notável é o dos chefes dos partidos da 2^a Internacional. Wilhelm Liebknecht, Bebel, Singer, Victor Adler, Kautsky, Bernstein, Lafargue, Guesde eram os discípulos diretos de Marx e Engels. Mesmo assim, na atmosfera do parlamentarismo e sob a influência do desenvolvimento automático do aparelho do partido e do aparelho sindical, esses líderes optaram, total ou parcialmente, pelo oportunismo. Na véspera da guerra, o formidável aparelho da social-democracia, com a cobertura da autoridade da velha geração, havia se transformado no freio mais poderoso à progressão revolucionária. E nós, os “velhos”, temos que ter consciência que nossa geração, que, naturalmente, tem o papel dirigente no Partido, não estaria, de modo algum, precavida contra o enfraquecimento do espírito revolucionário e proletário, caso o Partido tolerasse o desenvolvimento dos métodos burocráticos, que transformam a juventude em objeto de educação e afastam inevitavelmente o aparelho da massa e os velhos dos jovens. Contra esse perigo inegável, não há, para o Partido, outro meio que a orientação para a democracia e o afluxo sempre maior dos elementos operários.

Não vou deter-me aqui nas definições jurídicas da democracia nem nos limites que lhe são impostos pelo estatuto do Partido. Apesar de importantes, essas questões são secundárias. As examinaremos à luz de nossa experiência e faremos as

alterações necessárias. Mas o que é preciso modificar antes de tudo é o espírito que reina nas nossas organizações. É preciso que o Partido volte à iniciativa coletiva, ao direito de crítica livre e fraternal; que ele tenha a possibilidade de se organizar a si mesmo. É preciso regenerar e renovar o aparelho do Partido, de modo que ele possa sentir que é apenas o executor da vontade da coletividade.

A imprensa do Partido, nos últimos tempos, tem dado uma série de exemplos característicos da degenerescência burocrática das práticas e das relações dentro do Partido. Cada vez que um crítico ousava elevar a voz, o número de sua carta de comunista era registrado. Antes da publicação da decisão do Comitê Central sobre o “curso novo”, o simples fato de assinalar a necessidade de uma modificação de regime interno do Partido era considerado, pelos funcionários do aparelho, como uma heresia, uma manifestação do espírito de cisão, uma violação da disciplina. E agora, os burocratas, em princípio, estariam prontos a “tomar conhecimento” do “curso novo”, isto é, *na prática, a enterrá-lo*. A renovação do aparelho do Partido – no quadro específico do estatuto – deve ter por objetivo substituir os burocratas mumificados por elementos vigorosos, intimamente ligados à vida da coletividade. E, acima de tudo, é preciso afastar dos cargos dirigentes aqueles que, frente às primeiras palavras de protesto ou de objeção, levantam contra os críticos ameaças de sanções. O primeiro resultado do “curso novo” deve ser o de fazer com que todos possam sentir que, de agora em diante, ninguém ousará aterrorizar o Partido.

Nossa juventude não deve se limitar a repetir fórmulas. Ela deve conquistá-las, assimilá-las, formar sua própria opinião, sua própria fisionomia e ser capaz de lutar por seus objetivos, com a coragem que resulta de uma convicção profunda e de uma total independência de caráter. A obediência passiva,

que faz, mecanicamente, seguir o passo dos chefes, deve ficar fora do Partido. Assim como devem ficar fora do Partido a impersonalidade, a subserviência, o carreirismo! O bolchevique não é só um homem disciplinado: é um homem que, em cada caso e sobre cada questão, forma uma opinião firme e a defende corajosamente, não apenas contra seus inimigos como também dentro do seu próprio Partido. Talvez ele esteja hoje em posição minoritária na sua organização. Ele se submeterá porque é seu Partido, mas isso não significa sempre que ele esteja errado. Talvez ele tenha visto ou entendido antes dos outros a tarefa ou a necessidade de uma reorientação. Ele levantará a questão, com insistência, uma segunda, uma terceira, uma décima vez se for preciso. Assim, ele estará ajudando seu Partido, familiarizando-o com a nova tarefa ou ajudando-o a cumprir a necessária virada sem reviravoltas orgânicas, sem convulsões internas.

Nosso Partido não poderia cumprir sua missão histórica se ele se desmembrasse em frações. E não se desagregará, pois, enquanto coletividade autônoma, seu organismo não o permitirá. Mas ele só poderá combater os perigos de fracionamento se ele desenvolver e consolidar, no seu seio, a aplicação da democracia operária. *O burocratismo do aparelho é precisamente uma das principais fontes do fracionamento.* Ele reprime impiedosamente a crítica e repele a insatisfação dentro da organização. Para ele, qualquer crítica, qualquer repreensão é necessariamente uma manifestação do espírito de cisão. O centralismo mecânico tem como complemento obrigatório o fracionamento, caricatura da democracia e enorme perigo político.

Consciente da situação, o Partido cumprirá a evolução necessária com a firmeza e a decisão exigidas pelas tarefas que lhe cabem. Assim, ele fortalecerá sua unidade revolucionária,

que lhe permitirá levar a cabo o imenso trabalho que lhe compete no plano nacional e internacional.

A questão está longe de estar esgotada. Desisti, intencionalmente, de desenvolver aqui alguns de seus aspectos essenciais, esperando poder expô-los a vocês, oralmente, assim que estiver restabelecido – o que, espero, não demorará muito.

8 de dezembro de 1923. L.T.

P.S. - Tendo sido a publicação dessa carta no jornal *Pravda* retardada de dois dias, aproveito para acrescentar algumas considerações complementares.

Fiquei sabendo que, por ocasião da comunicação de minha carta às assembleias de bairro, alguns camaradas expressaram sua preocupação de que alguns explorassem minhas considerações sobre as relações entre a “velha guarda” e a geração mais jovem, para opor os jovens aos velhos. É quase certo que essa apreensão só possa ter vindo àqueles que, há dois ou três meses, ainda rejeitavam, horrorizados, a própria ideia da necessidade de uma mudança de orientação.

Em todo caso, colocar apreensões desse tipo no primeiro plano, *no momento presente e na situação atual*, denota um desconhecimento dos perigos reais e de sua importância relativa. O estado de espírito atual da juventude, sintomático no mais alto nível, é causado precisamente pelos métodos empregados para manter a “calma” e cuja resolução, adotada por *unanimidade* pelo Burô Político é a condenação formal. Em outras palavras, a “calma”, tal como foi entendida, ameaçava separar cada vez mais a fração dirigente dos comunistas mais jovens, isto é, da imensa maioria do Partido.

Uma certa tendência do aparelho a pensar e a decidir em nome de toda a organização leva a assentar a autoridade dos meios dirigentes *unicamente* sobre a tradição. É incontestável que o respeito da tradição seja um elemento necessário para a formação comunista e para a coesão do Partido, mas ele só poderá ser um fator vital se ele se nutre e se fortifica constantemente por um controle ativo dessa tradição, isto é, pela elaboração coletiva da política do Partido *para o momento presente*. Caso contrário, ele pode degenerar em um sentimento puramente oficial e ser apenas uma *forma sem conteúdo*. É claro que uma tal articulação entre as gerações é insuficiente e das mais frágeis. Ela pode parecer sólida, até o momento em que compreendemos que ela está no ponto de se romper. É precisamente ali que reside o perigo da política da “calma” no partido.

E se os veteranos, que ainda não estão burocratizados, que ainda conservaram o espírito revolucionário (isto é, temos certeza disso, a imensa maioria) estiverem cientes do perigo assinalado acima e ajudarem, com todas as suas forças, o Partido a fazer aplicar a resolução do birô político do Comitê Central, nesse caso, desaparecerão quaisquer razões de opor as gerações umas às outras. E aí, será relativamente fácil conter o ardor, os eventuais “excessos” da juventude. Mas, acima de tudo, é preciso impedir que a tradição do Partido esteja concentrada no aparelho dirigente, de modo que ela possa viver e se regenerar constantemente na experiência diária de toda a organização. Desse modo, se evitará outro perigo, o da divisão da antiga geração em “funcionários”, encarregados de manter a “calma”, e em não-funcionários. Não estando mais fechado em si mesmo, o aparelho do Partido, isto é, sua ossatura orgânica, longe de enfraquecer-se, ficará mais forte. E é inegável que precisamos, no nosso Partido, de um aparelho centralizado mais poderoso.

Alguns, talvez, poderão objetar que o exemplo de degenerescência da social-democracia na época reformista, que citei na minha carta, não tem muito valor para a época revolucionária atual. No entanto, o caráter revolucionário de nossa época, por si só, não constitui uma garantia. Vivemos no regime da N.E.P., cujo perigo é ainda agravado pela desaceleração da revolução mundial. Nossa ação quotidiana de gestão do Estado, ação cada vez mais delimitada e especializada, comporta, como indica a resolução do Comitê Central, um perigo de encolhimento de nosso horizonte, isto é, de degenerescência oportunista. É evidente que esse perigo aumenta na medida em que o comando dos “secretários” tende a ser substituído pela verdadeira direção do Partido. Seríamos péssimos revolucionários se nós nos baseássemos no “caráter revolucionário da época”, para vencer nossas dificuldades e, sobretudo, nossas dificuldades internas. Ao contrário, é essa época que precisa ser ajudada pela realização racional da nova orientação proclamada de modo unânime pelo Burô Político.

Mais uma observação para terminar. Há dois ou três meses, quando as questões objeto da atual discussão ainda não estavam na ordem do dia do Partido, alguns militantes da província afirmavam, com indulgência, que, em Moscou, preocupavam-se com picuinhas, que no interior, tudo estava bem. Ainda hoje, esse estado de espírito reflete-se em certas cartas que chegam do interior. Opor a província, tranquila e sensata, à capital, confusa e contaminada, é usar o mesmo espírito burocrático do qual falamos acima. Na realidade, a organização moscovita é a mais vasta, a mais forte, a mais vital das organizações de nosso Partido. Até mesmo nos momentos de “calma” absoluta, a atividade, ali, foi mais intensa que em qualquer outro lugar. Se Moscou distingue-se agora dos outros pontos da Rússia, é unicamente por ela ter tomado a iniciativa da revisão

de orientação de nosso Partido. Isso constitui um mérito, não um defeito. Todo o Partido seguirá o mesmo caminho e realizará a revisão necessária de certos valores. Quanto menos o aparelho do Partido se opuser a esse movimento, mais fácil será, para as organizações locais, vencer esse estágio inevitável de proveitosa autocritica, cujos resultados se traduzirão por um aumento da coesão e por um aumento do nível ideológico do partido.

Anexo II

O FUNCIONALISMO NO EXÉRCITO E EM OUTROS LUGARES

1.

No decorrer do último ano, em várias ocasiões, oralmente ou por escrito, os trabalhadores e eu trocamos nossas opiniões a respeito dos fenômenos negativos, visíveis no Exército, relacionados ao funcionalismo. Tratei dessa questão, de modo relativamente profundo, no último congresso dos colaboradores políticos do Exército e da Marinha. Mas ela é tão grave que me parece oportuno falar dela na grande imprensa, ainda mais que a doença não afeta apenas o Exército.

O funcionalismo está estreitamente aparentado ao burocratismo. Poderíamos até dizer que ele é apenas uma manifestação daquele. Quando, ao estarem tão acostumadas a uma forma, as pessoas param de pensar no fundo; quando usam com suficiência frases convencionais sem pensar no seu sentido; quando dão ordens habituais sem se perguntar se elas são racionais; quando ficam assustadas diante de qualquer nova palavra, qualquer crítica, qualquer iniciativa, qualquer manifestação de independência, isso indica que elas já se encontram sob a influência do espírito funcionalista, perigoso no mais alto nível.

Na conferência dos colaboradores políticos militares, dei como exemplo da ideologia oficial, objeto de discussão, alguns dos resumos da história de nossas unidades militares. A publicação desses opúsculos que tratam da história de nossos exércitos, de nossas divisões, de nossos regimentos, em si, é excelen-

te. Ela atesta que nossas unidades militares se constituíram, nas batalhas e na aprendizagem técnica, não somente do ponto de vista da organização como também do ponto de vista espiritual, como organismos vivos, e demonstra o interesse dado ao seu passado. Mas é preciso reconhecer que a maioria dessas visões gerais históricas é escrita num tom pomposo e enfático.

Mais ainda, alguns desses opúsculos lembram muito as monografias do passado, dedicadas aos regimentos da guarda do tsar. Tenho certeza que essa comparação provocará risos na imprensa branca. Porém, não passaríamos de impotentes se renunciássemos à autocrítica por medo de fornecer uma vantagem aos nossos inimigos. As vantagens de uma autocrítica salutar são incomparavelmente superiores ao mal que pode resultar do fato que Dan ou Tchernov utilizarão nossos argumentos.

Não há dúvida que nossos regimentos e nossas divisões, e com eles o país inteiro, têm o direito de se orgulhar de suas vitórias. Mas não tivemos somente vitórias e essas vitórias, nós as conseguimos não diretamente, mas por caminhos muito complexos. Durante a Guerra Civil, vimos se manifestar um heroísmo ímpar, ainda mais importante, pois, na maioria das vezes, ficava desconhecido. Mas tivemos também casos de fraqueza, de pânico, de covardia, de incapacidade e até mesmo de traição. A história de cada um dos nossos “velhos” regimentos (quatro ou cinco anos, já é antiguidade em tempo de revolução) é extremamente interessante e instrutiva se a contamos conforme à verdade, de modo vivo, isto é, tal qual aconteceu no campo de batalha e no quartel. No lugar disso, a maioria das vezes, só encontramos uma lenda heroica de caráter o mais banalmente oficial. Ao ler essa lenda, tem-se a impressão que só há heróis em nossas fileiras; que todos os soldados ardem do desejo de combater; que as fileiras inimigas são sempre em

maior número; que todas as nossas ordens são sensatas, apropriadas à situação; que sua execução é sempre brilhante, etc.

Acreditar que tais procedimentos podem elevar uma unidade militar aos seus próprios olhos e influenciar positivamente na formação dos jovens, é ser imbuído do espírito funcionalista. No melhor dos casos, essa “história” não deixará impressão alguma; o soldado vermelho a lerá ou a ouvirá como seu pai ouvia *a vida dos santos*: ele pensará: é magnífico, é moral, mas isso não existe. Os que são mais velhos e que participaram da Guerra Civil, ou que, simplesmente, são mais inteligentes, pensarão: os militares, também, jogam poeira nos olhos. Ou, mais simplesmente: estão brincando conosco. Os mais ingênuos, os que acreditam em qualquer coisa, pensarão: É inútil tentar alcançar o nível desses heróis, nunca vou conseguir. E, desse modo, em vez de elevar sua moral, essa “história” os deprimirá.⁷³

A verdade histórica não tem, para nós, um interesse unicamente histórico. Essas monografias nos são úteis em primeiro lugar como meio de *educação*. Se, por exemplo, um jovem comandante se acostuma à mentira convencional a respeito do passado, ele acabará rapidamente aceitando-a na sua ação prática corrente. Se, por exemplo, acontecer que, no fronte, ele cometer um erro ou comportar-se de modo leviano, ele se perguntará se deverá mencioná-lo no seu relatório. Deveria, mas, imbuído do espírito funcionalista. Ele não quererá ser indigno dos heróis cujos grandes feitos ele leu na história de seu

⁷³ Certamente, não somente na arte militar, mas em todas as outras, há partidários da mentira convencional que “eleva a alma”. Para eles, a crítica e a autocrítica são como um “ácido que remove a vontade”. Sabemos que o pequeno-burguês necessita de consolo nas suas desgraças e não suporta a crítica. Mas não pode ser assim conosco, exército revolucionário, partido revolucionário. Um tal estado de espírito deve ser vigorosamente combatido já na juventude. (*L.T.*)

regimento; ou, simplesmente, o sentimento da responsabilidade terá se enfraquecido. Nesse caso, ele arranjará – isto é, ele deturpará os fatos – e enganará seus superiores. E os relatórios falaciosos dos inferiores provocam fatalmente, no final das contas, ordens e disposições errôneas por parte dos superiores. Mas o pior é quando o comandante teme simplesmente relatar a verdade aos seus chefes. O funcionalismo reveste então seu caráter mais repugnante: quando se mente para agradar os superiores.

O supremo heroísmo, tanto na arte militar quanto na revolução, é a sinceridade e o sentimento da responsabilidade. Não se trata da sinceridade do ponto de vista de uma moral abstrata que ensina que o ser humano nunca deve mentir nem enganar seu próximo. Tais princípios idealistas são pura hipocrisia em uma sociedade de classes onde existem antagonismos de interesses, de lutas e uma guerra permanente. A arte militar, em particular, comporta necessariamente a astúcia, a dissimulação, a surpresa, o engano. No entanto, enganar conscientemente e intencionalmente seu inimigo em nome de uma causa para qual damos nossa vida é totalmente diferente do que dar informações falsamente otimistas e nocivas ao sucesso da causa, e isso em razão de uma falsa vergonha ou pelo desejo de agradar, ou simplesmente para se conformar aos procedimentos burocráticos em vigor.

2.

Por qual razão estamos tratando agora da questão do funcionalismo? Essa questão não se colocava nos primeiros anos da revolução? Aqui, nos referimos sobretudo ao Exército, mas o leitor será capaz de estabelecer as analogias necessárias com outras áreas de nosso trabalho, pois existe um certo paralelismo

mo no desenvolvimento da classe operária, quer se trate de seu exército, de seu partido ou de seu Estado.

Os novos quadros de nosso Exército foram constituídos em parte por revolucionários, militantes combativos, combatentes que haviam feito a revolução de Outubro e já tinham um certo passado e, sobretudo, um caráter já formado. A característica desses comandantes não é a falta de iniciativa. É ao contrário o excesso de iniciativa ou, mais precisamente, uma compreensão insuficiente da necessidade da coordenação na ação e de uma disciplina firme. O primeiro período da organização militar é dedicado à luta contra todas as formas de iniciativa desordenada. Se procura então estabelecer relações fixas e racionais entre as diversas partes do exército, instituir uma disciplina sólida. Desse ponto de vista, os anos de Guerra Civil foram uma aprendizagem difícil. Por fim, o equilíbrio necessário entre a independência pessoal e o sentimento de disciplina conseguiu se estabelecer entre os melhores comandantes revolucionários da primeira leva.

Em período de trégua, o desenvolvimento de nossos jovens quadros do Exército ocorre de modo bem diferente. O futuro comandante entra muito jovem na escola militar. Ele não tem nem passado revolucionário, nem experiência da guerra. É um neófito. Ele não constrói o Exército Vermelho como fazia a velha geração, ele entra nele como em uma organização já acabada que possui um regime interno e tradições determinadas. Há aqui uma analogia entre as relações entre os jovens comunistas e a velha guarda do Partido. Essa é a razão pela qual o meio através do qual a tradição combativa do exército ou a tradição revolucionária do partido são transmitidas aos jovens possui uma tal importância. Sem uma filiação contínua, e portanto sem a tradição, não pode haver progressão estável. Mas a tradição não é um cânone rígido ou um manual oficial: não podemos

aprendê-lo de cor, aceitá-lo como um evangelho, acreditar em tudo aquilo que diz a velha geração só porque é ela que diz. Ao contrário, é preciso, de uma certa maneira, conquistar a tradição por um trabalho interior, elaborá-la sozinhos, de modo crítico e assimilá-la. Caso contrário, todo o edifício será construído sobre a areia. Já falei dos representantes da “velha guarda” (geralmente de segunda ou de terceira ordem) que inculcam a tradição aos jovens ao modo de Famoussov:⁷⁴ “Aprendam olhando os velhos: nós, por exemplo, ou o tio defunto...” Mas nem no tio, nem nos seus sobrinhos, há algo bom para ser apreendido.

É incontestável que os antigos quadros, que prestaram serviços imortais à Revolução, gozam de uma autoridade muito importante entre os jovens militares. E isso é muito bom, pois garante a ligação indissolúvel entre o comando superior e o inferior, assim como sua ligação com a massa dos soldados. Mas com uma condição: que a autoridade dos velhos não aniquile a personalidade dos jovens e, com maior razão, não os aterrorizem.

No Exército, é muito fácil e muito tentador adotar tal princípio: “Fique calado, não pense.” Mas esse princípio é tão funesto aqui como em qualquer outro lugar. A principal tarefa consiste em não impedir, mas em ajudar o jovem comandante a elaborar sua própria opinião, sua própria vontade, sua personalidade, na qual a independência deve andar de mãos dadas com o sentimento de disciplina. O comandante e, em geral, o homem educado para agradar seus superiores não passa de uma nulidade. Com essas nulidades, o aparelho administrativo militar, isto é, o conjunto dos *birôs* militares, pode ainda funcionar, até mesmo com sucesso, ao menos aparente. Mas o que é preciso para um exército, organização combativa de massa,

⁷⁴ Personagem da comédia de Griboiégov: *A infelicidade de ser ter espírito*.

não são funcionários bajuladores, mas homens fortemente endurecidos moralmente, penetrados do sentimento da responsabilidade pessoal, que, em cada questão importante, assumirão o dever de elaborar em forma consciente sua opinião pessoal e a defenderão corajosamente através de todos os meios compatíveis com a disciplina racionalmente entendida (isto é, não burocraticamente) e com a unidade de ação.

A história do Exército Vermelho, assim como a de suas diversas unidades, é um dos melhores instrumentos de compreensão recíproca e de ligação entre a velha e a nova geração dos quadros militares. Eis porque a platITUDE burocrática, a submissão de princípio não podem ser aceitas. O que é preciso desenvolver, é a crítica, a verificação dos fatos, a independência de pensamento, uma compreensão pessoal do presente e do futuro; a independência de caráter, o sentimento de responsabilidade, a lucidez em relação a si-mesmo e ao que fazemos. Mas são essas as coisas das quais o funcionalismo é inimigo mortal. Portanto, precisamos caçá-lo, onde ele estiver.

Pravda, 4 de dezembro de 1923.

Anexo III

SOBRE A SOLDADURA (ALIANÇA) ENTRE A CIDADE E O CAMPO (... E SOBRE RUMORES MENTIROSOS)

Em diversas ocasiões nos últimos anos, camaradas me perguntaram em que consistiam exatamente meus pontos de vista a respeito do campesinato e em que se distinguiam dos de Lenin. Outros me fizeram a mesma pergunta de um modo mais preciso e mais concreto: “É verdade, perguntaram-me, que o senhor subestima o papel do campesinato no nosso desenvolvimento econômico e não dá a devida importância à aliança econômica e política entre o proletariado e o campesinato?” Essas perguntas foram-me feitas oralmente e por escrito.

– Surpreso, perguntei: “de onde o senhor tirou isso. A partir de quais fatos está fundamentando suas perguntas?

– Não conhecemos nenhum fato, diziam, mas há rumores....

Inicialmente, não dei muita importância a essas conversas. Mas uma nova carta que acabo de receber sobre o mesmo assunto me fez pensar melhor. De onde podem vir esses rumores? E, por acaso, me lembrei que rumores como esses circulavam na Rússia, quatro ou cinco anos atrás.

Na época, dizíamos simplesmente: “Lenin é a favor do camponês, Trotsky é contra...” Então comecei a procurar os artigos sobre essa questão: o meu, de 7 de fevereiro de 1919, nas *Izvestia*, e o de Lenin, de 15 de fevereiro, no *Pravda*. Lenin respondia diretamente à carta do camponês Goulov, que contava: “Corre um boato segundo o qual Lenin e Trotsky não

concordam; que existe entre eles fortes divergências de vista, precisamente em relação ao camponês médio.”

Na minha carta, explicava o caráter geral de nossa política camponesa, nossa atitude em relação aos *koulaks*, os camponeses médios, os camponeses pobres, e terminava assim:

Não houve e não há nenhuma divergência de opinião sobre esse assunto no seio do poder soviético. Mas aos contrarrevolucionários, cujos negócios vão de mal a pior, sobrou apenas, como único recurso, enganar as massas trabalhadoras e fazer-lhes acreditar que o Conselho dos Comissários do Povo é dilacerado por divergências internas.

No artigo que ele publicou uma semana após minha carta, Lenin dizia, entre outras coisas:

Trotsky declara que os boatos que correm a respeito de divergências de opinião entre ele e eu (na questão do campesinato) são a mentira mais monstruosa e mais insolente espalhada pelos grandes proprietários fundiários, os capitalistas e seus auxiliares, benévolos ou não. Associo-me inteiramente à declaração de Trotsky.

Contudo, essas lendas, como vimos, são difíceis de serem erradicadas. Lembremos do adágio francês: “Caluniem, caluniem, alguma coisa sempre vai sobrar.” É claro que agora, não são mais os proprietários fundiários que tiram vantagem desse tipo de boatos, pois o número diminuiu consideravelmente desde 1919. Em contrapartida, temos agora o *nepman* e, no campo, o comerciante ao lado do *koulak*. Não há como negar que eles

tem interesse em semear a desordem e a confusão a respeito da atitude do partido comunista em relação ao campesinato.

De fato, o *koulak*, o revendedor, o novo comerciante, o corretor urbano, que tentam estabelecer uma conexão direta com o camponês produtor de trigo e comprador de produtos industriais, esforçam-se, com esse objetivo, em derrubar os órgãos do poder soviético. É precisamente nesse campo que está se travando atualmente a principal batalha. Aqui também, a política serve os interesses econômicos. Ao tentar se ligar ao camponês e a ganhar sua confiança, o intermediário privado acolhe de bom grado e espalha as velhas mentiras dos antigos senhores da terra – apenas com um pouco mais de prudência somente porque, desde então, o poder soviético ficou mais forte.

O famoso artigo de Lenin intitulado “É melhor menos, mas melhor” dá um quadro claro, simples e, ao mesmo tempo, definitivo da interdependência econômica do proletariado e do campesinato, ou da indústria estatal e a agricultura. Parece-me inútil lembrar ou citar esse artigo que todos, agora, têm na memória. A sua ideia fundamental é a seguinte: durante os próximos anos, teremos que adaptar o Estado soviético às necessidades e à força do campesinato sem deixar de conservar seu caráter de Estado *operário*; temos que adaptar a indústria soviética ao mercado camponês, por um lado, e à capacidade tributável do campesinato, do outro, sem deixar de conservar seu caráter de indústria *estatal*, isto é, socialista. Somente desse modo, manteremos o equilíbrio de nosso Estado soviético, enquanto a revolução não destruir o equilíbrio nos países capitalistas. Não se trata da repetição, a qualquer propósito, da palavra “soldadura”, mas a *adaptação efetiva da indústria à economia rural* que resolverá realmente a questão capital de nossa economia e de nossa política.

E chegamos aqui à questão das “tesouras”. A adaptação da indústria ao mercado camponês nos impõe em primeiro lugar a tarefa de abaixar o máximo possível o preço de custo dos produtos industriais. No entanto, o preço de custo depende não apenas da organização do trabalho em uma determinada fábrica, mas também da organização de toda indústria estatal, dos transportes, das finanças, de todo o aparelho comercial do Estado.

Se há uma desproporção entre as diversas partes de nossa indústria, é porque o Estado possui um enorme capital morto, que pesa sobre toda a indústria e aumenta o preço de cada caixa de fósforos. Se as diversas partes de nossa indústria estatizada (carvão, metais, máquinas, algodão, tecidos, etc.) não são harmonizadas umas com as outras, assim como com os transportes e o crédito, as despesas de produção serão estabelecidas na base dos ramos mais desenvolvidos da indústria e o resultado final será determinado pelos ramos que o são menos. A atual crise econômica constitui uma feroz advertência que o mercado camponês está nos dando: em vez de falar da “soldadura” entre a classe operária e o campesinato, é preciso realizá-la.

Em um regime capitalista, a crise constitui o meio natural e, no final das contas, único, de regularização da economia, isto é, de realização do acordo entre os diversos ramos da indústria e entre a produção total e a capacidade do mercado. Mas na nossa economia soviética – intermediária entre o capitalismo e o socialismo –, as crises comerciais e industriais não podem ser reconhecidas como um meio normal ou até mesmo inevitável de harmonizar os setores da economia nacional. A crise leva, destrói ou dispersa uma certa parte dos ativos do Estado e uma parte dessa parte cai nas mãos do intermediário, do revendedor, em outras palavras, do capital privado. Como recebemos de herança uma indústria extremamente desorganizada, cujas

diversas partes, antes da guerra, coordenavam-se em proporções completamente diferentes das que agora existem, há muita dificuldade em acordar entre elas os numerosos setores da indústria, de modo que essa última seja, através do mercado, adaptada à economia camponesa. Se contássemos unicamente com a ação das crises para efetuar a reorganização necessária, daríamos todas as vantagens ao capital privado que já se interpõe entre nós e o campo, isto é o camponês e o artesão⁷⁵.

O capital comercial privado realiza agora lucros consideráveis. Ele exige cada vez mais do que intermediar operações. Ele procura organizar o produtor ou arrendar do Estado empresas industriais. Em outras palavras, ele retoma o processo da acumulação primitiva, inicialmente no campo comercial, a seguir no campo industrial. É claro que cada fracasso, cada perda que sofremos representa um lucro para o capital privado: primeiramente porque nos enfraquece, segundo porque parte dessa perda cai nas mãos do novo capitalista.

De qual instrumento dispomos para lutar com sucesso contra o capital privado nessas condições? Existe tal instrumento? Sim, é o método, o plano em nossas relações com o mercado e o cumprimento das tarefas econômicas. O Estado operário tem em suas mãos as forças produtivas fundamentais da indústria e os meios de transporte e de crédito. Não precisamos esperar que uma crise parcial ou geral desvele a falta de coordenação dos diversos elementos de nossa economia. Podemos não jogar às cegas, pois estão em nossas mãos as principais cartas do jogo do mercado. Podemos e devemos apreciar, cada vez melhor, os elementos fundamentais da economia, prever suas futuras relações mútuas no processo da produção e no mercado, harmo-

⁷⁵ Até a instauração definitiva da economia socialista, ainda teremos, é claro, muitas crises. Trata-se de reduzir seu número a um mínimo e de tornar cada uma delas a menos dolorosa possível. (*L.T.*)

nizar entre eles, quantitativa e qualitativamente, todos os ramos da economia e adaptar o conjunto da indústria à economia rural. É o único meio de conseguir a realização da “soldadura”.

Educar o vilarejo é algo excelente. Mas a carreta, o tecido, os fósforos baratos continuam sendo a base da “soldadura”. O melhor modo de fazer baixar o preço dos produtos da indústria, é organizar essa última conforme o desenvolvimento da agricultura.

Dizer: “Tudo depende da ‘soldadura’ e não do plano da indústria” é não compreender a própria essência da questão, pois a ‘soldadura’ só poderá ser realizada se a indústria for racionalmente organizada, segundo um plano determinado. É o único meio de alcançar nosso objetivo.

A boa organização do trabalho de nosso *Gosplan* é o meio direto e racional de abordar, com sucesso, a solução das questões que dizem respeito à “soldadura” – não suprimindo o mercado, mas na base do mercado⁷⁶. O camponês ainda não o comprehende. Mas todo comunista, todo operário atualizado deve comprehendê-lo. Mais cedo ou mais tarde, o camponês haverá de sentir a repercussão do trabalho do *Gosplan* na sua economia. É claro que se trata de uma tarefa muito complexa e extremamente difícil. Requer tempo, um sistema de medidas cada vez mais precisas e decisivas. Precisamos sair mais sábios da crise atual.

A recuperação da agricultura, é claro, não é menos importante. Mas ela se realiza de modo muito mais espontâneo e, às vezes, depende muito menos da ação do Estado do que

⁷⁶ De modo a evitar interpretações erradas, diria que a questão não depende unicamente do *Gosplan*. Os fatores e as condições que determinam o andamento da indústria e de toda a economia são muitos. Mas somente com um *Gosplan* sólido, competente, trabalhando sem cessar, será possível apreciar como convém os fatores e as condições de regular toda a nossa ação. (L.T.)

a da indústria. O Estado operário deve ajudar os camponeses com a instituição do crédito agrícola e da ajuda agronômica, de modo a permitir que eles possam exportar seus produtos (trigo, manteiga, carne, etc.) no mercado mundial. Contudo, é principalmente através da indústria que podemos agir diretamente e indiretamente sobre a agricultura. É preciso fornecer ao campo instrumentos e máquinas agrícolas a preços razoáveis. É preciso dar-lhe adubos artificiais, objetos de uso doméstico baratos. Para organizar e desenvolver o crédito agrícola, o Estado precisa de fundo de capitais de giro elevados. Para obtê-los, é preciso que sua indústria lhe dê benefícios, o que é impossível se suas partes constitutivas não estiverem coordenadas de modo racional. Essa é a melhor maneira de trabalhar pela realização da “soldadura” entre a classe operária e o campesinato.

Para preparar politicamente essa “soldadura”, e em particular para refutar os falsos boatos que aparecem por intermédio do aparelho comercial privado, seria necessário um verdadeiro jornal camponês. O que quero dizer com “verdadeiro”? Um jornal que chegaria até o camponês, que ele poderia compreender e que o aproximasse da classe operária. Um jornal com uma tiragem de cinquenta mil ou cem mil exemplares poderá até ser um jornal no qual se falará do campesinato, mas não será um jornal camponês, pois não chegará até o camponês. No caminho, ele será interceptado pelos nossos inúmeros aparelhos que ficarão, cada um, com um certo número de exemplares. Precisamos de um jornal camponês semanal (um quotidiano seria demasiadamente caro e nossos meios de comunicação não permitiriam sua entrega regular), que tirasse, o primeiro ano, cerca de dois milhões de exemplares. Esse jornal não deve instruir o camponês nem dirigir-lhe apelos. Deve contar-lhe o que acontece na Rússia soviética e no exterior, principalmente nos assuntos que o interessam particularmente. Se conseguirmos

dar a ele o jornal que lhe convém, o camponês pós-revolução criará logo gosto para essa leitura. Esse jornal, cuja tiragem aumentará de mês em mês, garantirá, ao menos nos primeiros tempos, uma comunicação semanal entre o Estado soviético e a imensa massa rural. Mas a própria questão do jornal nos traz de volta à da indústria. É preciso que a técnica da edição seja perfeita. O jornal camponês deve ser exemplar, não apenas do ponto de vista da redação como também no aspecto tipográfico, pois seria vergonhoso enviar, cada semana, aos camponeses, amostras de nossa negligência urbana.

Isso é o que posso responder, nesse momento, às questões que me foram colocadas em relação ao campesinato. Caso essas explicações não satisfaçam os camaradas que me procuraram, estou disposto a dar a eles novas explanações, mais concretas, com dados mais precisos, tirados da experiência de nossos seis últimos anos de trabalho. Pois esse assunto tem uma importância capital.

Pravda, 6 de dezembro de 1923.

Curso Novo

(1923)

CURSO NOVO

Marco zero da luta contra a burocracia <i>Mário Maestri</i>	7
INTRODUÇÃO DO EDITOR	39
Prefácio	49
I – A questão das gerações no partido	53
II – A composição social do partido	62
III – Grupos e formações fracionais	69
IV – O Burocratismo e a Revolução – Plano de um relatório que o autor não pôde apresentar)	81
V – Tradição e política revolucionária	89
VI – A “subestimação” do campesinato	101
VII – O Plano na economia – (“A Instrução nº 1042”)	111
ANEXOS	129

978-65-87681-09-2

